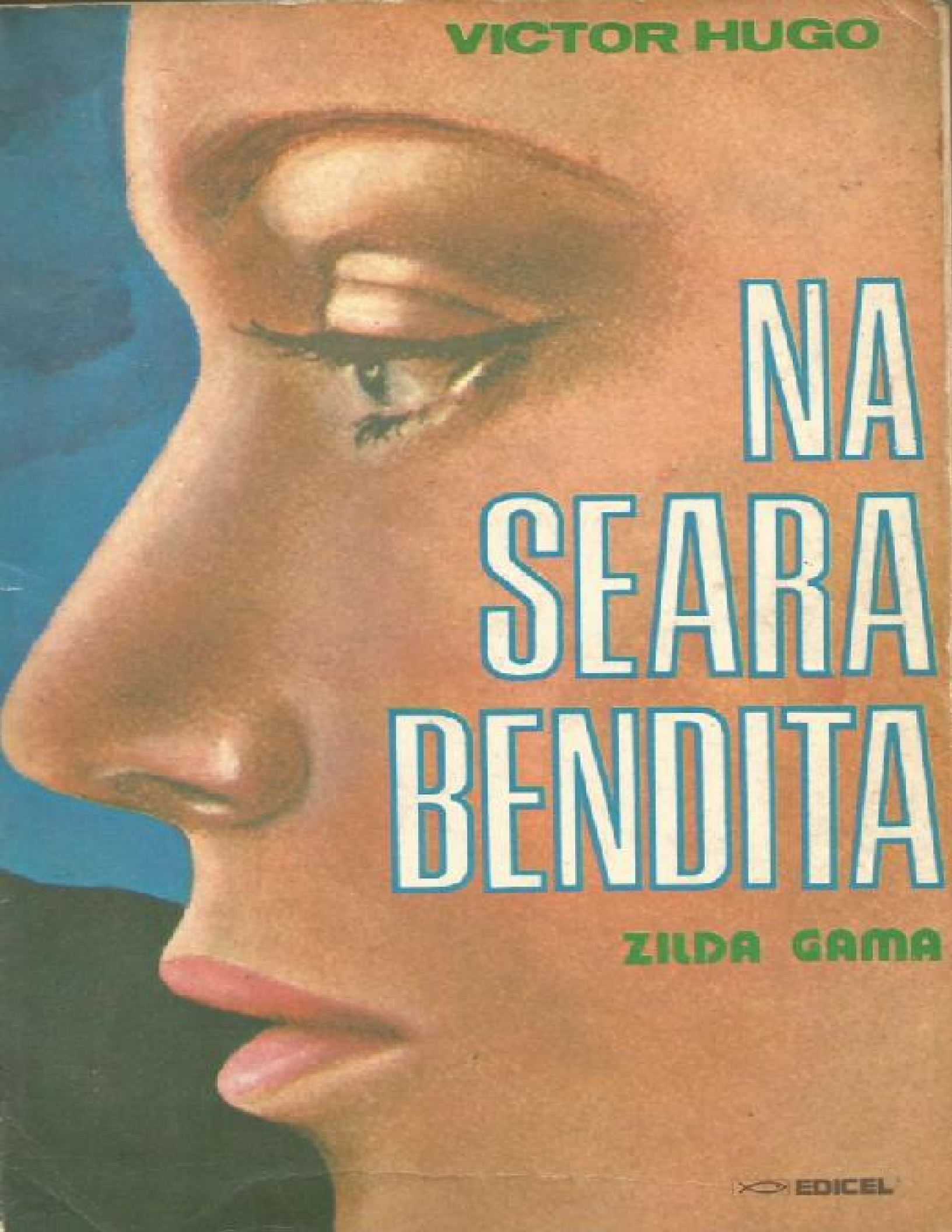
VICTOR HUGO



NA SEARA BENDITA

ZILDA GAMA

EDICEL

Victor Hugo

Na Seara Bendita

Romance psicografado
por
Zilda Gama

Prefácio de
Francisco Klõrs Werneck

7.ª edição

EDICEL
EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA.
01316 Rua Genebra, 122 — Fone 36-2273
São Paulo — SP — Brasil

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte Câmara Brasileira do Livro, SP

Gama, Zilda, 1878-1975.

Gl 78n — Na seara bendita: romance psicografado por Zilda
7.“ ed. — Gama [ditado por] Victor Hugo: prefácio de Francisco Klõrs Wernecy. São Paulo. EDICEL, 1987.
1. Espiristismo 2. Psicografia I. Hugo. Victor,

1802-1885. III. Título.

77-0740 — CDD-133.91
-133.9

índice para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados : : Espiritismo 133.91
2. Espiritismo 133.9

3. Romances mediúnicos : : Espiritismo 133.91

Produção gráfica, revisão e capa: Equipe EDICEL 7.ª edição: Novembro de 1987 — 3.000 exemplares

Direitos desta edição reservados à Editora Cultural Espírita Edicel Ltda. 01316 Rua Genebra, 122 — Fone: 36-2273 (Quase esquina com a Rua Maria Paula) CGC 61.403.085/0001-43 — I.E. 105.802.950

PREFÁCIO

Procedente de uma das maiores, melhores e ilustres famílias do Brasil, que teve origem no então tenente de Cavalaria Leonel da Gama, Bellens, natural, de Campo Maior, província do Alentejo, Portugal, que, em 3-5-1690, casou com D. Maria Josefa Correia, na antiga povoação portuguesa de Colônia do Sacramento, depois território da República Oriental do Uruguai, com grande geração principalmente no Estado de Minas Gerais, como os Almeida da Gama, ramo de que saiu José Basílio da Gama, autor de ‘'Uruguai', o poema mais notável do Brasil-colônia; os Nogueira da Gama, descendentes do visconde de Baependi; e os da Gama Cerqueira, que deu um presidente ao Estado mineiro, nasceu Zilda Gama, em 11-3-1878, em Três Ilhas, município de Juiz de Fora, filha do legítimo matrimônio de Augusto Cristino da Gama, nascido em Oliveira, Estado de Minas, de pais mineiros, e de sua prima Elisa Emília Klors, nascida em Vassouras, Estado do Rio, de pai alemão e de mãe mineira de São João del-Rei, lado este pelo qual seus pais eram parentes.

Coube ao feliz Estado de Minas Gerais a sublime glória de ser o berço dos três maiores médiuns brasileiros: Zilda Gama, de Juiz de Fora; Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo, e Yvonne Amaral Pereira, de Lavras, pela ordem em que se projetaram no cenário espírita com as suas lindas produções literárias em prosa e verso. E Zilda Gama foi, incontestavelmente a precursora e aos seus romances mediúnicos se deve apreciável adesão ao Espiritismo.

Sua vida familiar foi, na verdade, um drama. Em 1901, ano em que faleceu a sua irmã mais velha, Maria Antonieta Gama, a poetisa conhecida pelo pseudônimo de Marieta, assumiu Zilda Gama a progenitura e chefia da família por morte de seus pais, ocorrida no ano seguinte com o espaço de apenas quatro meses.

Tendo somente estudado com a sua progenitora, matriculou-se na Escola Normal de são João del-Rei e um ano e quatro meses após diplomava-se e começava a exercer o magistério público no município do Além-Paraíba, no mesmo Estado natal, época em que se verificou o falecimento daqueles entes queridos. Depois de ter obtido duas promoções por inegável merecimento, assumiu a direção dos grupos escolares além-paraibanos “Castelo Branco” e “Sales Marques”, por diversas vezes.

O Destino, porém, lhe reservara duas provas para lhe dar maior merecimento na vida espiritual, provas que ela soube vencer com galhardia e conquistar, como conquistou, a admiração e o louvor unânime de todos com os quais convivia. Uma, quando seu noivo, prestes a consorciar-se com ela, depois de um noivado demorado, apaixonou-se e casou-se com outra, para ser infeliz, e outra, quando faleceu a sua querida irmã Adélia Maria, enchendo o seu modesto lar com cinco criancinhas sequiosas de carinhos e de amor e que se tornaram o principal alvo de sua vida de muitas lutas e sofrimentos.

Como os adversários do Espiritismo costumam dizer o pior dos médiuns, cumpridores de vontades divinas, e Zilda nunca buscou a mediunidade, veremos pouco mais adiante, chegando a ser rudemente atacada por um sacerdote que se esqueceu do "Amai-vos uns aos outros", menciono Que, cm 1929, tendo a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais promovido um concurso intitulado "Aulas-Modelo", sendo seu dirigente o Dr. Francisco Luís da Silva Campos, ex-ministro da Justiça e Negócios Interiores, obteve Zilda Gama o l.° lugar na classificação oficial e foi inscrita na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, onde concluiu o curso em 6-12-1929. Posteriormente voltou a exercer o magistério primário no Grupo Escolar "Afonso Pena", da capital mineira, até o ano de 1938, quando foi jubilada.

Vamos ouvi-la agora contar como se deu o surto de sua mediunidade, tal como está narrado no Prelúdio do "Diário dos Invisíveis", coletânea de mensagens mediúnicas publicada pela Empresa Editora "O Pensamento", de São Paulo, e me relatou pessoalmente em nossa antiga residência em Niterói, minha cidade natal.

Quando ainda se considerava adepta do Catolicismo, embora já tivesse ouvido falar em Espiritismo, teve ocasião de ser apresentada, em uma obscura vila mineira, ao Dr. Cunha Sales (Roberto Sênior), que era médico e músico, com menção apenas do nome de seu progenitor.

Achava-se ela perto do piano que o Dr. Cunha Sales tocava com maestria, quando este lhe perguntou se era espírita, respondendo negativamente. Ele deu um riso algo irônico e, encarando-a demoradamente, lhe disse assim: "A Sra. não só é espírita, como, mais tarde, será uma grande propagandista da Doutrina, pois publicará livros que justificarão esta profecia", profecia que Zilda Gama guardou de memória, embora a considerasse um tanto impossível.

Mais tarde, em Além-Paraíba, recebia ela, em 27-12- 1912, a primeira mensagem que lhe foi ditada pelo espírito de Allan Kardec, que lhe disse

assim: “Sobre a tua fronte está suspenso um raio luminoso que te guiará através de todas as dificuldades, de todos os obstáculos, e será a tua glória ou a tua condenação, conforme o desempenho que deres aos teus encargos psíquicos. Cinge-te de coragem, fé, benevolência, cumpre, sem desfalecimentos e sem deslizes, todos os teus deveres sociais e divinos e conseguirás ser triunfante!”

Os livros que iria publicar, ou melhor, os romances que escreveria mediunicamente e mais tarde a Federação Espírita Brasileira, a única editora espírita da época, publicaria, em várias edições, aí estão, ao alcance do público ledor:

— Na Sombra e na Luz
— Do Calvário ao Infinito
— Redenção
— Dor Suprema
— Almas Crucificadas

e mais este, em 2.a edição, da Livraria Allan Kardec Editora:

— No solar de Apoio além de:
— Diário dos Invisíveis
— Elegias Douradas (poesia)

Como se poderá dizer que, sendo Zilda Gama uma professora, os seus romances mediúnicos seriam produtos de seu cérebro, observo, desde já, que exercendo o magistério público e particular, das 7 às 20 horas, e ainda cuidando, primeiramente, de suas irmãs e, mais tarde, de cinco filhos órfãos de uma delas, pouco ou nenhum tempo lhe restaria para arquitetar enredos e lançá-los no papel. E ainda acrescento isto: quem atendia à enorme correspondência que lhe era dirigida, diariamente, por tanta gente procurando conforto para os seus males físicos, morais e espirituais? E acrescento mais ainda. Zilda Gama o fazia com enorme sacrifício, sacrificando as poucas horas que tinha para descansar de suas fainas domésticas, escolares e mediúnicas.

E coisa que pouca gente sabe, mas eu, como seu primo-irmão materno e primo ainda duas vezes mais, posso mencionar: Zilda Gama tirava do seu parco ordenado de professora primária, dinheiro que lhe faltava para muitas coisinhas de casa e o gastava em papel, envelope e selos, para atender a pedidos de toda a sorte. E muitas vezes contemplava, aflita, a correspondência de resposta, que se avolumava, sem poder postá-la, até que um ser caridoso fazia um pedido e lhe enviava vários selos, e assim seguia a

correspondência encalhada...

Zilda Gama, e muitos a conheceram assim em Belo Horizonte, foi e é um padrão de honra e honestidade para a mulher espírita, e eu não preciso dizer que o Espiritismo de Minas Gerais, o grande Estado central que ela grandemente amou e enalteceu, está a lhe dever algo que lhe perpetue o nome, embora ela nem pense nisto. Dever cumprido!!!

Agora duas palavras sobre este romance e o porquê da demora em ser publicado.

Zilda Gama, alma carinhosa por excelência, ofereceu a um confrade de São Paulo, que queria editar um romance mediúnico seu, os originais de "Na Seara Bendita", mas quando o livro já se achava em composição, o referido confrade faleceu e originais e provas permaneceram na tipografia até que, por certa circunstância, foram achados e entregues a um irmão meu, residente na capital paulista. Ele foi acabado de receber a 27-12-1951, isto é, há 13 anos e meio, quando Zilda Gama já estava com 73 anos de idade e era uma médium já cansada e que já sintonizava com dificuldade. Estava-se em 1951, repito.

Antes de terminar, quero pedir a benévola atenção de meu paciente leitor para este trecho do capítulo V da Parte I do livro:

"A criatura humana, mais tarde, fará estudos profundos sobre o que ocorre no Espaço, terá aparelhos maravilhosos que encurtarão as distâncias, transmitirão as imagens e sons através do Espaço e haverá possibilidade de haver relações fraternas entre os habitantes da Terra com os de diversos orbes siderais."

Ora, este vaticínio foi feito há 14 anos atrás e parece-me que, em 1951, ainda não tínhamos aparelhos maravilhosos que encurtariam as distâncias (os aviões a jato e supersônicos), os aparelhos maravilhosos que transmitiriam as imagens e os sons através do Espaço (os satélites artificiais) e a possibilidade de relações entre a Terra e os outros mundos, o que se tenta agora por meio de naves espaciais.

E no capítulo II da II Parte:

"... Conjecturo que este planeta, em que nos achamos presentemente, seja uma habitação mista de diversas raças que demonstram as diferenças existentes em outros orbes esparsos pelo universo. Há neste vasto globo terrestre, evidentemente, várias raças que demonstram a diversidade dos mundos de onde provieram. É, pois, a Terra um núcleo de povos de diferentes procedências planetárias, manifestando os conhecimentos adquiridos nos orbes de onde foram exiladas para cá. Quem sabe, meu amigo,

não seja a Terra eternamente um planeta misto onde as raças se congregam para a futura fraternidade, mas, como julgo que jamais cessará o nascimento de seres humanos em número infinito de mundos esparsos pelo universo, este planeta seja, por todos os séculos, assim dividido por diferentes raças, com grande diversidade de progresso material e espiritual e, assim desse modo, nunca haverá uma só raça e todos os seres pensantes com o mesmo grau de conhecimentos, intelectuais ou espirituais."

Talvez que o personagem deste romance, que assim fala, tenha plena razão. Em nosso grande entusiasmo doutrinário, parece que não consideramos todos os povos da Terra isoladamente. Há ainda nele povos na mais baixa escala de evolução humana e mesmo na ultracivilizada Espanha há gerações e mais gerações que vivem em cavernas cavadas nas rochas. Quem viu recentemente o filme documentário intitulado "Mundo-Cão" verificará que tal é verdade. Infelizmente parece que somos ainda bem poucos a nos beneficiarmos das luzes espirituais, levando-se em conta que o Espiritismo veio provar a sobrevivência da alma, cientificamente, e é combatido justamente pelas religiões ditas espiritualistas. Leve-se em conta os que continuam "a vencer na vida" são os materialistas, os falsos religiosos, os desonestos, os vaidosos, os egoístas, etc., ao passo que os honestos, os modestos, os humildes, etc. vivem em constantes lutas e sofrimentos.

Quase tudo que há na Terra de grande e nobre é obra principalmente dos pequenos e pobres, mas grandes e ricos na Fé. E que dizer das obras espíritas de beneficência, todas elas produtos de enorme força de vontade, nascida do desejo apreciável de servir o próximo? As melhores provas delas estão nas estatísticas oficiais: apesar de ser ainda pequena a percentagem dos espíritas brasileiros, em certos setores da assistência social apresentam regular vantagem sobre as obras sociais de outras religiões.

E acerca do imortal Victor Hugo, preciso dizer alguma coisa? Penso que não, porque todos sabem quem foi o autor de "Os Miseráveis" e outras joias da literatura francesa, este homem rico e nobre, que, ao desencarnar em 22-5-1885, determinava em seu testamento: "Deixo 50.000 francos aos pobres. Desejo que me levem ao cemitério na carreta dos pobres. Recuso as orações de todas as igrejas. Creio em Deus."

Zilda Gama completou há dias 87 anos de idade e o Destino marcou dois seres para zelar pelos seus últimos dias de peregrinação terrena, ambos com nomes bem significativos: sua irmã Maria Dolores Gama e seu sobrinho e filho de criação Mário Ângelo de Pinho, ambos dedicados e incansáveis.

Rio de Janeiro, 28-3-1965
Francisco Klórs Werneck

I PARTE
AS LUTAS PLANETÁRIAS

1
DIANA

O pensamento humano, divino propulsor da alma às paragens siderais antes desta desprender-se do envoltório material, vai, mais uma vez ressuscitar o que ocorreu, há mais de um século, em um castelo feudal no solo da magnânima França.

Em um remanso de paz externa, às vezes turbada por lutas fratricidas, vivia um casal de elevada estirpe com uma encantadora filha. Eram eles Rogério Benoit, conde de Debret, sua esposa Genoveva e Diana, a filha, cujo belo nome dera à principesca residência o título de Solar de Diana.

Na época a que nos reportamos, os senhores da suntuosa mansão estavam em notável prosperidade. Edificada no cimo de elevada colina, fora construída não muito distante do estreito de Calais, ora em plena paz, ora em agitação bélica. Quando a heroica França se achava em tranquilidade, a vida transcorria ali em harmonia, sem incidentes lamentáveis, exceto os decorrentes dos impulsos violentos do titular que a dominava. Genoveva, a esposa do arbitrário conde, era de origem belga, boa e bonita, demonstrando sempre esmerada educação moral e intelectual e fazendo ingentes esforços para suportar as violências que cometia o seu famoso companheiro de existência terrena.

Transcorria então o ano de 1860 e a França era ainda agitada por questões partidárias, surgindo por vezes lamentáveis perturbações de ordem pública que afetavam os próprios lares afastados da convivência social. O conde de Debret e a sua família, que residiam no solar de Diana, passavam parte em Boulogne e, por vezes, tiveram de buscar outro refúgio por motivo de agitações políticas. Estava-se então em paz, e a família pode permanecer alguns anos no solar, não longe da cidade de Lille.

A jovem filha dos condes estava sendo educada, no próprio lar, pelos sr. e sra. Delavigne, que lhe ensinavam diversas matérias, bem como música, dança, desenho, modelagem e trabalhos manuais, sendo que o prof. Delavigne já havia lecionado em vários e conhecidos institutos de ensino secundário.

Raramente os eméritos educadores e seu filho Leonel afastavam-se do

solar de Diana, pois a jovem se sentia isolada e triste porque seu progenitor era insociável e violento e sua mãe vivia reclusa em algum aposento do formoso castelo que lhe pertencia por lei social, mas do qual se sentia por vezes, julgando-se ínfima serviçal. Várias vezes, durante o ano que transcorria morosamente, passava alguns dias no Solar o único filho do casal Delavigne, Leonel, que, apesar de já estar cursando um estabelecimento de ensino secundário, ficava enlevado com a aluna de seus pais, possuidora que era de notável inteligência.

Os dois moços que, por muitas vezes, assistiam às proveitosas lições de seus educadores, tiveram oportunidade de transmitir seus pensamentos, mutuamente, entre seus corações. Quando o conde percebeu a recíproca afeição que brotara na alma de sua filha e na do jovem acadêmico, sentiu-se revoltado, pois não consentiria em uma provável aliança entre ambos pela desigualdade de fortuna existente nas duas famílias. Chamou ele a filha, em seu gabinete de potentado, ao entardecer de um dia primaveril e, com voz alterada pela cólera, disse à jovem:

— Desejo conversar contigo, seriamente!

— Que é que tendes a transmitir-me, meu pai? — perguntou-lhe a filha, com brandura.

— Trata-se de uma questão de magna importância para todos nós, os donos deste castelo. Tens de concordar comigo para que se restabeleça a paz em nossa família!

— Estou atenta às vossas observações! — exclamou Diana, empalidecendo.

— Eu já notei, Diana, que ultimamente tens estado inclinada para o filho de teus professores e isto me tem preocupado muito, pois, de modo algum, poderei consentir em um casamento tão desigual! Sou um nobre e não é possível que a minha única descendente se alie a um ser humano desprovido de fortuna, de títulos nobiliárquicos e que seja de família tão humilde

— Será a humildade um crime previsto pelas leis sociais? — interpelou-o Diana, sorrindo, mas com os olhos marejados de lágrimas. Não é melhor ser pobre e honrado do que nobre e rico por meio de rapinagem ou de extorsão de ouro alheio?

— Diana! Diana — Quem é que te sugeriu os pensamentos que ora externas? — vociferou o castelão.

— Ninguém, meu pais, pois já tenho 18 anos de idade. Reflito sobre os problemas humanos e sociais e tenho observado muitas vezes injustiças neste

planeta que habitamos. Eu, de acordo com a minha consciência, só diferencio as criaturas humanas pelo caráter, pelos sentimentos bons ou maus, pelo cultivo da inteligência... e não pelos tesouros acumulados! Que cabedais possuía Jesus, o Enviado Divino, bem como Cristóvão Colombo, Pedro Alvares Cabral e outras celebridades, desprovidas completamente de ouro a não ser o da alma e da inteligência?

2
DESIGUALDADES

Por momentos conservaram-se em silêncio o conde e sua filha, a qual, após segundos, prosseguiu em sua íntima confidência:

Imaginastes, querido pai, que, tendo eu apenas 18 anos de idade, ainda não houvesse feito reparo nas injustiças da vida humana? Quereis despedir os meus adorados mestres, competentes e dedicados, só porque manifesto alguma amizade a seu filho Leonel, que deseja cursar uma Academia em Paris e que, se ainda não o fez, foi por causa das reduzidas posses de seus pais? Em vez de prestardes vosso amistoso concurso pecuniário para que este jovem realize seu belo ideal, já premeditastes dispensar os que lhe deram o ser? Como ficaremos, aqui neste suntuosos mas isolado castelo, eu e a minha triste mãe, quando tiverdes de sair por diversos motivos? A criatura humana, meu pai, não vive somente feliz rodeada de conforto material, mas espiritual! Quem vive em uma choupana, tendo ao lado pais desvelados ou um consorte afetuoso, mais ditoso é do que um rei prisioneiro em um castelo maravilhoso, sem parentes, sem amigos, cercado apenas de criados indiferentes à sua sorte, à sua vida, talvez desejosos de sua morte para se apropriarem de bens que sustentarão entes queridos que não vivem em alguma gaiola dourada! Que é que tendes contra um companheiro dos primeiros anos de juventude, como considero o filho de meus dignos professores?

— Há uma diferença social de suma gravidade. És descendente de um milionário e ele nada possui de valor monetário. Tem apenas inteligência, mas esta não tem mérito nas casas bancarias, não vale sequer um franco. Faço questão que me respondas, com verdadeira sensatez, à pergunta que te fiz?

— Sim, meu pai. Far-me-ei compreender por vosso sagaz espírito: o ouro tem incalculável valor quando adquirido com labor e esforço, durante decênios de sacrifícios, mas, quando não é aplicado utilmente ou quando é conquistado arbitrariamente, por meio de fraude ou violência, mormente em guerras devastadoras, vale menos do que um seixo atirado à praia por uma onda violenta e muitas vezes serve de corruptor de almas, levando seus possuidores ao desvario, às injustiças, às vilanias!

— Então querias, por acaso, que eu relegasse a herança de meus ancestrais

e vivesse, qual um mísero operário, a trabalhar do amanhecer à noite, passar, às vezes, privações de pão e roupas no lar, desprovido de tudo? Que vale a honestidade em comum com a miséria?

— Tudo, afirmo eu, pai! Às vezes no lar que descrevestes há o fulgor da virtude que, para Deus, vale incomparavelmente mais do que cofres repletos de ouro conquistado com violência e roubo!

— Já soubestes por acaso que a opulência que os antepassados fruíram teve origem ilegal ou fraudulenta, Diana? — interpelou a jovem o enfurecido conde de Debret.

— Não, pai! Falo em tese e não desejo ofender-vos. Até a presente hora ninguém ousou fazer referências desairosas à fortuna que possuís!

— Não creio em tua afirmativa, Diana, pois tua mãe por vezes tem relatado episódios desconhecidos sobre os que me precederam na posse deste castelo. Deves estar industriada por Genoveva para que me fales do modo desrespeitoso como acabas de fazer.

— Perdão, meu pai. Não quero de modo algum vos ofender, pois sempre fui uma filha obediente e respeitosa. Pela primeira vez tenho ocasião de manifestar-vos meus pensamentos e desejo fazê-lo com toda sinceridade. Nunca minha boa mãe me relatou qualquer coisa sobre o passado de vossos ancestrais. Sei apenas que ela é de origem nobre, mas sem fortuna. Vós a escolhestes como esposa, atraído por sua beleza física e moral, mas parece-me que vive humilhada e nenhum parente ainda nos visitou desde que comecei a compreender a vida.

— Quando se realizou nosso casamento, era tua mãe muito jovem, da idade que tens atualmente e de uma formosura peregrina, mas seus pais morreram em uma viagem de carro para Boulogne, deixando sua única filha na companhia de alguns parentes afastados, sendo ela já então noiva de um primo que é hoje médico e que não me deve tolerar. É ele o dr. Januário Closet que, anos depois da prima ter-se tornado condessa de Debret, obteve o diploma de médico.

— Já veio ele alguma vez visitar-nos neste solar, pai? perguntou, com manifesto interesse, a formosa Diana.

— Não! Que viria aqui fazer sabendo que a prima, esmagada pela miséria, teve quem a amparasse? Eu, que todos julgam com crueldade e injustiça! — falou o titular, manifestando todo o rancor que existia em seu coração contra os que censuravam seu proceder áspero para com a esposa.

— Bem, meu pai, folgo em saber de uma ação nobre praticada por vós

amparando legalmente a jovem infeliz que perdeu seus pais de modo tão trágico, mas o que ora percebo é que minha mãe se sentiu ofendida por não possuir igual opulência à vossa e até hoje considera-se humilhada neste castelo e daí, por certo, provém sua melancolia.

— Talvez seja verdade o que disseste, minha filha, mas levo para outro rumo a tristeza de Genoveva. Casou-se comigo levada pelos seus parentes para evitar despesas e responsabilidades com sua acolhida, e sua tristeza deve ter origem no querido noivo que perdeu, vendo destruído seu belo sonho de amor. Sua vida desde então é uma incessante recordação do passado e quem poderá dizer-nos a verdade? Está arrependida por haver unido seu destino ao meu...

— Perdão, pai, e vou ser sincera convosco. Desde que comecei a compreender a sociedade humana, percebi que a desigualdade dos seres racionais consiste apenas na falta ou posse de cabedais, como vós os tendes. Vi minha mãe em lágrimas quando expulsastes um servo digno de vossa compaixão, casado e com dois filhinhos, só por ter faltado ao trabalho determinado por vós porque seu caçula, o meigo e encantador Luisinho estava enfermo e passando mal. Como poderia seu pai vir trabalhar, deixando, em seu mísero lar, um ente adorado arriscado a morrer? Vós, no entanto, não aceitastes desculpas e já o despedistes. Ele tem procurado, de manhã à noite, nova moradia e serviço, sem achar. Eu e minha mãe muito temos padecido por causa desse servo, Flávio Sigaud, que anda meio enlouquecido pelo desespero e pela dor.

Vós, que sempre possuístes saúde e fortuna acumulada durante séculos talvez, porque não tendes compaixão de uma desventurada família? Qual a diferença que há, entre ela e a nossa, senão a miséria de uma e a opulência de outra? Desde que vos contemplei, ereto e arrogante, ordenando a expulsão dessa infortunada família, houve um retraimento em minh’alma, reprovando um ato injusto que me faz desditosa, bem como à minha cara mãezinha, inclusive os que trabalham neste solar, que bem poderiam viver em paz e sem graves preocupações.

— Diana — falou o conde com arrebatamento. Sou o dono deste castelo e não posso tolerar que alguém queira intervir nas ordens que expeço, para que sejam rigorosamente cumpridas! Sou eu que despendo uma quantia colossal com a manutenção de seus habitantes, só eu, portanto, tenho o direito de dar ordens que devem ser rigorosamente satisfeitas. Ninguém aqui possui o direito de revoltar-se contra as minhas determinações! Ouviste bem?

— Sim, pai. Sois realmente o dono de tudo quanto existe, pois o destino muito vos favoreceu nesta vida para que tivésseis oportunidade de praticar o bem sem sacrifícios. Podeis, no entanto, fazer todas as exigências com voz mais branda ou menos áspera, com autoridade, mas não com violência em excesso. Que diríeis se minha mãe desse todas suas ordens com voz autoritária, violenta ou despótica?

— Eu a expulsaria de minha presença por não suportar aqui alguém com o direito de mandar em minha vontade, que deve ser absoluta para todos os que nos cercam.

— Então, pai, somente vós tendes o direito de agir porque possuis ouro em profusão, do qual eu e minha mãe teremos algum direito futuramente...

—Estás desejando minha morte, filha ingrata? Estás sugestionada por tua mãe!

— Não desejamos vossa morte, meu pai, mas vossa justiça, o direito de podermos agir, com serenidade e respeito, sustando as arbitrariedades que aqui ocorrem com lastimável frequência... Os servos, meu pais, são seres humanos como nós, possuindo as mesmas faculdades físicas, morais e espirituais, mas se sentem humilhados e revoltados contra as injustiças que lhes são feitas e, no entanto, podem ser verdadeiros amigos se tratados com piedade, com fraternidade, pois, segundo as leis divinas, só existe um Pai — Deus — e, portanto, todos os seres humanos são irmãos uns dos outros, quer sejam alvos ou louros, pretos africanos ou índios selvagens!

— Fraternidade é o que disseste, Diana? Então eu, que já servi à Pátria com heroísmo, descendente de verdadeiros e destemidos servidores da França, possuidores de brasões inesquecíveis, hei de olvidar as glórias conquistadas e tratar, como se fossem meus irmãos, míseros e obscuros servos, sem nenhum outro mérito a não ser o de poderem trabalhar para o sustento da família? Quem são os obscuros servidores deste principesco solar? Onde está a igualdade entre nós e os que são nosso subalternos? Quem concebeu a ideia de fraternidade neste mísero planeta, habitado que é por infinito número de raças diferentes no aspecto na inteligência, no proceder, não passava de um louco! Se existe, realmente, um Juiz Supremo, como me tens dito várias vezes, já que ele me concedeu regalias sociais, fortuna, inteligência, devo tudo relegar para os que são meus inferiores, tornando-me igual aos ignorantes, aos imbecis, que não possuem senão migalhas aqui na Terra?

— Ouvi, meu pai, o que ora tenho a vos expor. Basta que mediteis sobre as

regalias sociais, às vezes destruídas violentamente, acabando muitos soberanos na guilhotina, para que compreendais que, neste planeta, nada possuímos que não possa ser esmagado, salvo a honra, a virtude, as ações meritórias! Estas, pois, as que desejo conquistar para que possa transpor os umbrais da Eternidade, com a alma imaculada, lúcida, sem ter que resgatar algum delito condenável! Não tem havido seres humanos, nascidos na obscuridade, na pobreza e que mais tarde sentam-se em um trono, como sucedeu com Napoleão Bonaparte e outros, ao passo que os que viram a luz da vida em palácios acabam seus últimos instantes em um calabouço ou em um instrumento de suplício? Quem haveria de pensar que Napoleão I, depois de dominar quase toda a Europa, terminasse seus dias na Ilha de Santa Helena, recordando o passado e sofrendo os amargores da derrota!

— Lembrai-vos, meu pai, que alguém que não perseverou na injustiça e amparou os que sofrem terá ao menos uma parcela de conforto para amenizar lhe todas as amarguras e assim deve ter sucedido com o meigo Jesus de Nazaré no ápice da cruz do martírio.

Nós, meu pai, somos míseros exilados e, neste ou em outros planetas de remissão, atingindo lentamente a glória da redenção, conseguiremos a culminância espiritual, a completa isenção de trabalhos penosos depois de cumpridas todas as sentenças divinas!

— Que ideias absurdas são as tuas, Diana! Parece-me que os teus professores estão imbuídos de novas concepções religiosas, intoxicando tua alma com ideais irrealizáveis!

— Não, meu pai! Juro que eles só me orientam sobre as matérias que estou aprendendo, com a máxima ponderação e lealdade. O que expus, há poucos instantes, eu li em um livro que me foi emprestado por uma colega quando frequentava o Colégio do Coração de Jesus, onde estive durante o tempo em que estudava o curso primário, pois, quando o concluí, não quisestes que me ausentasse deste castelo, encarregando de minha educação intelectual os dignos professores Sérgio Delavigne e sua ilustre consorte.

— Ficaste com o referido livro ou o entregaste à aluna do colégio em que estiveste matriculada?

— Eu o li às ocultas, pois as irmãs eram evidentemente contrárias às ideias expendidas no mesmo, já desprovido das primeiras páginas para evitar-se alguma indagação sobre o seu autor, pois julgo que ele expõe um novo credo cristão chamado Espiritismo!

— E adotaste tu o que lá estava exposto, Diana?

— Concordei plenamente com o que li, pois foi uma confirmação do que já existia em minh’alma!

— Não consinto que relates o que me dissestes à tua mãe! — gritou o violento titular.

3
DESERDADOS DA SORTE

Após alguns instantes de penoso silêncio, a filha do conde de Debret disse ao pai com a voz alterada por violenta comoção:

— Não sou contrária ao Catolicismo, meu pai. Respeito os templos, os padres e as irmãs de caridade, mas, em meu íntimo, algo me adverte que, sendo Deus a Suprema Piedade, não condenará eternamente os seus próprios filhos por uma falta qualquer quando, pelo sofrimento, pelo trabalho, pelos sacrifícios, todos os delitos poderão ser remidos. Só o pensar nas punições eternas, no encarceramento no inferno — um antro ou cárcere de punições infindas — causa-me pavor e não posso conceber a ideia de que o Onipotente, sendo Pai e Juiz compassivo, possa manter uma instituição tão torturante e cruel.

Os pensamentos que acabei de expor-vos, meu pai, são meus. Tiveram origem no íntimo de meu espírito e jamais se vão extinguir, mesmo que me condenem às maiores torturas patibulares! Que culpa tenho eu por pensar assim? Nasci para ser justa, honesta e compassiva, portanto, meu querido pai, é que neste momento me insurjo contra as vossas atitudes, pois temo que possais, mesmo na atual existência, ainda sofrer provas dolorosas para resgate do que tendes feito a criados e mesmo à vossa companheira de existência!

— Receio, minha, que estejas enlouquecendo! — exclamou o conde com arrebatamento.

— Até este momento, não, querido pai! Estou conversando convosco com toda calma e lucidez.

— Mas eu estou surpreso, filha, pelo que me tens exposto. Hás de dizer a verdade. Quem te tem sugerido os pensamentos filosóficos que revelas conhecer? Não posso crer que os teus professores sejam alheios à modificação de pensar que fizeste. Já sabes aconselhar-me com se fosses mãe e não filha.

— Não, meu pai! Não sejais injusto para com os bondosos e ilustres professores que constituem o único e verdadeiro conforto para meu coração.

— Projeto dispensá-lo nas férias que já se aproximam!

— Não! — exclamou a jovem, apavorada. São eles que suavizam as horas transcorridas neste solar, horas iguais do princípio ao fim dos anos. Vós ides muitas vezes, no transcurso de um ano, a Paris, à Bélgica, à Holanda e as outros lugares... e eu e minha mãe ficamos reclusas neste castelo, sem outra diversão a não ser a da convivência com os meus queridos mestres, que me tem transmitido belas páginas de ciência, arte e conforto espiritual. Não queirais aumentar nossa solidão, pai!

— Pois tens a ousadia de dizer-me que vives desterrada em um solar confortável como este? Tens a petulância de crer em seres invisíveis que só povoam as mentes de loucos e ébrios? Queres velar a realidade, mas esta vai surgir, com luminosidade, em minha mente.

— Se continuais a considerar-me desprovida de senso, podeis encerar-me em um manicômio, bem como aquela que me deu o ser, minha desditosa mãe!

— Quereis abandonar-me, Diana, e continuar a considerar-me um ser perverso?

— Não, meu pai. Apenas injusto. Quereis ser considerado nobre, culto e justo... e desprezais os outros seres humanos como se fossem inferiores, misérrimos, incultos e indignos de piedade, como se todos não tivessem uma alma imortal, de origem divina!

— Que é que te faz crer na alma, que ninguém pressente nem pode provar sua existência?

— Escutai-me, pai, com atenção, pois há muito desejava revelar-vos o que me ocorreu quando morreram meus avós paternos e estava eu com apenas sete anos de idade Naquela época, vós me parecíeis calmo e bondoso para com todos os servos, sendo o contrário de meu avô, que era autoritário e impiedoso, como, após seu falecimento, vós ficastes! Na ocasião em que ele e a esposa morreram, parecendo ceifados por um só golpe da Parca, eu os vi à beira de meu leito. Ela me fitava com ternura e piedade e ele com as órbitas faiscantes, tentando espancar-me na cama, no que foi impedido por minha avó e por outros seres de belíssima aparência, que então surgiram como um bando de aves luminosas!

— Por que nunca me revelaste o que acabas de relatar-me?

— Porque... é a primeira vez que conversamos, meu pai. Tinha receio de aproximar-me de vós e ser repelida!

— Quero que continues, Diana. Que é que percebeste na noite a que te referes?

— Temo ofender-vos, pai, revelando o que observei naquela noite inolvidável! Eu estava adormecida quando senti um impulso no braço esquerdo, que ficava mais à beira do leito. Quando dei acordo de mim, vi, nitidamente, vossa mãe, entristecida, um pouca afastada de meu avô e vosso pai, com aparência de desagrado e, como um segredo ciciante, ouvi o que ele me disse:

— Eu não te consagro afeição alguma, pois és filha de uma dama desprovida de fortuna e que não devia ter ousado unir seu destino ao de um nobre como meu filho, o conde de Debret. Ouviste bem o que te revelei? Hei de vingar-me de Genoveva! Hei de vingar-me dela! Tanta ousadia deverá ser punida!

— Perdoai à mamãe, meu avô!

— Não quero que me chames de avô!

— Vós não acreditais em Deus?

— Já aqui estou há três anos e ainda não o vi! São uns imbecis os que acreditam em fantasias abomináveis! vou ausentar-me deste querido castelo, mas verás o que pretendo fazer assim que for possível!

Sentei-me na cama, e chorei convulsivamente, quando os dois seres saíram com precipitação de meu dormitório, dominados por entidades de aparência angelical. No dia seguinte tudo relatei à minha entristecida mãezinha.

— Acredito que tudo isto tenha sido um sonho que tiveste. Um desses sonhos absurdos que a gente costuma ter, repletos de incoerências.

— Não, meu pai. O que vos relato foi uma realidade absoluta, pois estava bem acordada.

— E tua mãe? Que te disse e qual a sua opinião a respeito?

— Ela disse-me que orássemos pelo vosso pai, rogando a Deus que o iluminasse para ele libertar-se de tamanho orgulho!

— Não prossigas, Diana! O que tu chamas de orgulho é ter consciência do seu próprio valor. É a supremacia natural do nobre em relação à plebe!

— Que dissestes, pai? Então eu pertenço à plebe, pois a família de minha mãe não dispõe de brasões nem de riqueza material, mas é honesta e virtuosa ao extremo. E, para mim, estes bens são incomparavelmente de muito mais valor do que os pergaminhos da raça e do que o ouro e o poder!

— Queres humilhar-me? — rugiu o conde de Debret.

— Não, meu pai. Se vos sentis ofendido, perdoai-me, mas porque escolhestes uma jovem humilde para ser vossa esposa?

— Fui aludido pelos sentidos. Achei-a bela e supus que ela se ajustasse ao

meu critério, pois não poderia calcular que, uma vez dentro deste solar, desprestigiasse a minha autoridade, ficando ao lado dos servos quando os castigo por não cumprirem fielmente as ordens do conde de Debret.

— Não é para magoar-vos que ela procede assim, mas por piedade, pois é bondosa, tolerante e compassiva, especialmente para com os deserdados da sorte.

— Mas eu preferia que ela estivesse de acordo com todos os meus atos, pois não quero que os meus subalternos percebam que discorda de meu critério.

Terminou bruscamente a palestra do conde de Debret com a sua filha.

4
O DR. CLOSET

À noite, quando Diana se recolheu ao seu aposento, antes de deitar-se, ela orou com o seu fervor habitual e lágrimas ardentes lhe brotaram dos belos olhos. Depois, mal havia adormecido, foi tomada por um sonho singular. Uma voz suave e carinhosa se fizera ouvir. Era o espírito de sua avó paterna a dizer-lhe estas palavras compassivas.

— “Minha querida Diana, eu continuo a velar por todos os que residem neste solar, que já me pertenceu e onde também curti longos anos de sofrimento devido ao gênio impulsivo de teu avô, o déspota com o qual me casei e que, apesar de desencarnado, ainda impera neste castelo, assediando teu pai, cujo espírito, por sua vez, dá abrigo às suas intuições malévolas devido a alimentar os mesmos recalques’’.

— Mas não poderá ele ser afastado daqui a fim de que haja paz entre todos os que moram neste castelo?

— É o que acontecerá daqui a algum tempo, porém é preciso antes que o látego da dor fustigue algumas almas e corações. Não tarda que um acontecimento trágico venha impressionar os que aqui residem e são vítimas do despotismo agressivo de teu pai. Muito amarga vai ser a provação a que ele será submetido, pois os atos, bons ou maus, que praticamos, estão submetidos ao determinismo da lei moral de causa e efeito. E cada um tem de colher o fruto do que houver plantado. Sê, pois, minha filha, a lâmpada do amor neste lar, consolando os que sofrem as injustiças agressivas do teu progenitor e meu desditoso filho o conde de Debret. Mantenha firme a tua fé, resignação e coragem ante o que vai acontecer em um futuro que está próximo.

No dia seguinte Diana foi ao encontro de sua mãe e relatou-lhe o sonho que tivera. Genoveva escutou-a com atenção e depois lhe disse:

— Também eu prevejo acontecimentos tristes neste solar.

Subitamente a porta da câmara de Genoveva foi aberta com violência. Era o conde de Debret, que, vendo a esposa e a filha, isoladas, em conversa, interrompeu-as, dizendo à filha:

— Vem comigo até ao meu gabinete.

Chegados lá, Diana perguntou a seu pai:

— Que desejais de mim?

— Que estavas confidenciando à tua mãe?

— Estávamos conversando sobre a possibilidade de haver outros planetas habitados.

— É uma loucura isso que imaginas, Diana! Em que te baseias para concluíres que há outros mundos habitados?

— Meu pai, não é preciso ser sábio para admitir essa realidade. É uma questão de bom senso, pois não é crível que o Onipotente, Criador do Universo, só haja concebido um planeta habitável. E, então, os incontáveis bilhões de outros que existem no Infinito, Ele os teria criado exclusivamente para regalo dos nossos olhos, ou seja, sem qualquer objetivo superior? Deus não faz, não cria coisa alguma que não se destine a uma finalidade útil. Tudo que existe obedece às suas leis de sabedoria e amor infinitos! Por que todos os fenômenos da Natureza ocorrem independentemente da intervenção do homem? Vede a Terra. São periódicas as suas estações climáticas. Sem as águas das chuvas, sem a água salgada dos mares e oceanos, sem a luz do sol que nos dá o dia, sem a luz noturna projetada pela lua, a vida em nosso planeta não seria possível. Em tudo que nos rodeia há um determinismo vital, de equilíbrio e coerência, cuja decifração escapa à capacidade da ciência humana. Até nos fenômenos de aparência vulgar se nota equilíbrio da sabedoria divina, pois no ventre vegetal de uma simples bolota está vivo o gérmen energético de uma floresta de carvalhos gigantescos!

— Diana, estou vendo que a tua mente está sendo ocupada por estudos ou ideias muito diferentes dos que constituem a educação intelectual de nossa época e por isto me certifico, cada vez mais, ser absolutamente necessário despedir os teus professores.

— Não, meu pai. Se praticardes este ato injusto, além de nos causardes um imenso desgosto, praticareis um ato desumano e ingrato, e, se na Terra ninguém vos pedirá contas de tal procedimento, tereis de prestar contas no tribunal da Justiça Divina!

— Estou surpreso, Diana, com a ousadia de tuas advertências!

— Sim, meu pai. O bem ou mal que praticamos em uma existência será premiado ou punido em outra. Redenção ou castigo, eis a lei. Não observastes ainda como são diversas as condições sociais, as provas das criaturas e que não há nunca um destino igual de outrem! Por que esta diversidade entre os seres humanos?

— Diana, estou absolutamente convencido de que todas estas teorias são frutos de convicções que os teus professores ceifam e ensinam com certa reserva. Eles veem que és inteligente, que estás em condições de assimilares ideias fantasiosas, mas que, na verdade, não passam de utopias. Estão, pois, enchendo a tua mente...

— Escuta, meu pai. Nenhuma culpa cabe ao digno casal Delavigne pelo que sinto em minha alma, pois jamais conversei com eles a respeito de minhas ideias íntimas. E lembrai-vos, ao menos, que, para atenderem à função de me educarem e instruírem, dispensaram todos os alunos que tinham em Lille.

— Eles sabem que não ficarão aqui indefinidamente, portanto já devem ter pensado nas providências que lhes cumpre quando forem embora.

— Estais espantado com as minhas ideias? É natural. E se eu vos afirmar que tenho certeza de já ter vivido outras existências? E certamente no passado não atendi, como devia, ao cumprimento da lei divina que nos manda amar o próximo como a nós mesmos, razão por que, agora, para reparar essa minha falta, defendo os pobres, os infelizes e também os que são vítimas de injustiças levadas a efeitos pelos que, nada lhes faltando, são insensíveis aos sofrimentos dos menos favorecidos da sorte.

O conde de Debret fitou a filha e, com voz repreensiva, disse-lhe:

— Não quero que manifeste estas tuas ideias insensatas sobre fantásticas vidas anteriores e futuras. Ouviste, Diana? Estamos neste planeta cumprindo determinações do Destino. Sou um fidalgo, de elevada estirpe, e pertenço a mais nobre linhagem da França. Cometi, pois, uma loucura unindo o meu destino ao de tua mãe, pertencente à família digna, mas desprovida de fortuna, sem precedentes aristocráticos e, desde o nosso casamento, noto a diversidade de nossos sentimentos. Tenho grande pesar por não haver escolhido uma jovem de linhagem igual à dos meus ancestrais.

— Tenho sabido por diversas pessoas que conheceram vosso pai que ele não desejava que unísseis o vosso destino ao de minha amada mãe. Sei que o meu avô paterno morreu em um dos seus acessos de fúria, que lhe eram frequentes. E vós seguis os seus exemplos de violência.

— Pelo que dizes, concluo que tens conversado com os servos do tempo de meu querido pai, mas na primeira oportunidade expulsarei todos.

— Peço-vos que os perdoeis, meu pai. Eles muito sofreram e deveis compadecer-vos de todos os que aqui se encontram, inclusive a minha pobre mãe e... eu.

— Estás também contra mim, filha desnaturada? — vociferou o titular.

— Perdão, meu pai. Ouvi-me ainda por alguns momentos.

— Que mais pretendes, Diana?

— Ser internada em um claustro, com o vosso consentimento.

— Jamais! Enquanto eu for vivo, não! Não quero que sejas hipócrita para te afastares de teu pai!

— Aqui, meu pai, as lágrimas substituem o pão. Quando, neste solar, testemunhamos as vossas injustiças contra desditosos servos, abstenho-me de qualquer alimento e igual proceder tem a minha mãe. Bem avalio o sofrimento dos que expulsais daqui.

— Farei sempre o que desejar, sem submeter-me à influência de quem quer que seja!

— É o que vos parece, meu pai, e somente o futuro vos responderá.

— Vamos para a sala de refeições, pois um criado já me avisou que vai ser servido o almoço.

Lá chegados, o conde de Debret, notando a ausência de sua esposa, indagou o motivo.

— Creio que está enferma, sr. conde, informou um dos serviçais.

— E qual a razão por que não manda comunicar o que se passa com ela?

— Irei vê-la, meu pai, e certificar-me-ei do motivo exato de sua ausência, que só pode ser devida a súbita enfermidade.

— Não consinto que te retires da mesa, pois já viemos com atraso e o sr. Delavigne e esposa vão iniciar hoje o teu novo programa — exclamou o conde com ironia.

— Desculpai-nos, sr. conde — falou o professor. Não omitiremos uma só lição por motivo de horário.

— Vou verificar se a minha mãe ainda não deixou o leito — tornou a dizer Diana.

— Não — exclamou, com violência, o conde. Não consinto que me desobedeças principalmente na presença de teus educadores!

— O meu amor filial está acima dos meus deveres escolares — replicou Diana.

A jovem sentou-se novamente, mas dos seus olhos fluíam lágrimas de amargura e a sua dor aumentou convertida em soluços reprimidos.

— Diana — falou Estela Delavigne, com doçura. Assim que terminar a refeição, o sr. conde permitirá que nós todos vamos ao dormitório da sra. condessa.

— Sim, sra. Estela — murmurou o conde.

Diana, calada, tomou apenas uma xícara de leite e, pouco depois, em companhia da mesma, foi ao encontro de sua progenitora.

— Estais doente, querida mãezinha? — perguntou Diana.

— Sim, minha filha. Sinto-me abatida, física e moralmente, e não posso continuar a viver com tantos dissabores.

— Que vos sucedeu, mãezinha? Estou impressionada com a vossa palidez.

— Minha querida filha! Há muito que desejo fazer-te uma confidência, mas a evitei até este momento, e vou fazê-la na presença da sra. Estela, que considero uma verdadeira amiga. Ouve-me, pois. Temo ir para o túmulo levando em meu íntimo o que tenho padecido. Sou filha de modestos camponeses, honrados e possuidores de alguma instrução. Fui bem criada, sendo filha única do casal, e pude realizar alguns estudos, já que pretendia exercer o magistério. Residindo meus pais longe da cidade de Lille, fiquei na residência de meus tios paternos que viviam com modéstia, mas que me acolheram com generosidade e afeto. Com ele residia um seu filho de nome Januário Closet, mais velho do que eu cinco anos apenas. Vivemos em perfeita harmonia durante dez anos, os mais ditosos de minha vida, pois nunca houve sequer uma dissidência naquele lar humilde, mas de moral irrepreensível. Fui para a casa dos meus tios com 8 anos e, quando me tornei moça, estabeleceu-se afinidade de meu coração com o de Januário. Ele já havia completado o curso ginasial, quando, certa vez, indo eu à missa, no dia de Natal, na matriz de Lille, o conde de Debret me conheceu e se apaixonou por mim. Retraí-me tanto quanto foi possível, mas, indagando de meus progenitores, foi à presença deles, solicitou-me em casamento. Eu e Januário, quando soubemos do sucedido, ficamos desalentados. Fui à presença de meus pais e confessei-lhes que amava o meu primo, mas eles objetaram que já haviam dado resposta afirmativa ao conde de Debret, que os honrara com invulgar distinção, que o meu casamento seria realizado no começo do próximo ano e que continuasse a considerar o meu primo apenas como um irmão de criação.

Januário, sem poder desfazer o pedido do conde de Debret, seguiu para Paris, onde foi trabalhar e estudar, conseguindo, há poucos meses, formar-se em Medicina. Quando regressou a Lille, tomou informes a meu respeito e, por intermédio de um dos servos deste solar, soube da realidade: que o conde de Debret é áspero no trato da família, que vive quase separado de mim e que me trata com violência. Até aqui nada há de mais, porém o que está me

oprimindo a alma é que ele mandou dizer-me por um servo indiscreto que virá breve a este castelo para certificar-se da verdade. Teu pai, Diana, sabia que eu amava meu primo e tudo quanto tenho aqui sofrido tem origem neste fato. Tenho receio de que ele provoque Januário e o desafie para um duelo ou, antes, que mande alguém matá-lo. Deves compreender bem o meu intenso sofrimento!

— Sra. condessa — disse a professora — quereis que meu marido vá em busca do dr. Januário Closet e lhe exponha a situação em que vos encontrais?

— Não, minha amiga. Se o conde souber da interferência do sr. Delavigne seria capaz de verdadeiros desatinos. Agradeço muito vosso interesse pelo meu caso, que só Deus poderá resolver, pois já tenho um plano concebido.

— Qual, querida mãezinha? — indagou Diana com a voz quase embargada de soluços.

— Hoje não te posso revelar, minha filha, mas o farei nos próximos dias.

Quando Genoveva terminou estas palavras, o conde de Debret entrou bruscamente no dormitório de sua esposa e, fitando-a, falou com arrogância e ironia:

— Que tens? Queres que mande chamar o... dr. Januário Closet? Com certeza bastará a presença dele para que recuperes a saúde, pois duvido bem desta tua doença.

— Por que falais assim, meu pai? A mãezinha está realmente enferma.

— Já estás formada em Medicina, Diana? — replicou o conde, com desdém.

— Não, meu pai, mas basta o seu aspecto para nos mostrar a verdade — exclamou a jovem, aflita.

— Bem, sra. Estela, e tu, Diana, retirai-vos, pois tenho que conversar com a sra. condessa. Preciso dar-lhe alguns conselhos oportunos.

— Deixai-me ficar convosco, meu pai — rogou a moça, ajoelhando-se perante o déspota do castelo.

Este a ergueu de um só impulso, dizendo-lhe:

— Não gosto de pieguices. Acompanhe a tua professora!

— Achais que eu esteja vos desrespeitando, pai?

— Não discutamos mais, Diana — tomou o conde, impelindo a filha para que esta se ausentasse e fazendo com que Genoveva empalidecesse até à lividez de aspecto mortuário.

— Mãezinha, mãezinha! — exclamou Diana, cheia de angústia.

O conde deixou bruscamente o dormitório da esposa e, momentos após,

retomou com o professor Sérgio Delavigne que tinha o curso médico quase completo e que, depois de examiná-la, declarou que houvera início de um colapso cardíaco.

Diana soluçava sem poder subjugar a emoção que lhe tomara o coração, ao passo que seu pai fitava, com indiferença, o corpo inerte da esposa.

O prof. Delavigne medicou a sra. condessa que, instantes após, abrindo os olhos, fitou os presentes e, com voz débil, disse:

— Por que não me deixaram morrer?

— Que dizeis, minha senhora? — falou o sr. Delavigne. Não tendes mais confiança em Jesus e em seus desígnios? Não vos lembrais de que o vosso esposo e a vossa filha ainda precisam dos vossos cuidados?

— Minha mãe! — Jamais serei feliz sem vós!

— Deixemos de lamúrias — exclamou, com arrebatamento, o conde de Debret. Os srs. Delavigne já podem ir-se. Eu ficarei com a enferma.

— Permiti-me, ao menos, que eu chame Margarida, a serva dedicada, para ajudar à mãezinha — murmurou Diana.

— Não preciso do auxílio de gente ignorante — respondeu o conde.

O prof. Delavigne, para pôr fim à questão, disse, em voz baixa, ao conde, que qualquer emoção poderia ser fatal à condessa, e, em companhia de sua esposa e de Diana, abandonou o aposento.

— Que me vale residir neste palácio sem haver tranquilidade para o meu coração? — disse Diana, ao sair, para os seus educadores.

— Resigna-te com a vontade divina — aconselhou-lhe o sr. Delavigne.

— Que vale a opulência estando com o espírito amargurado, prevendo, a todos os instantes, cenas lamentáveis? Como hei de ter calma para estudar?

Pouco depois, Diana, a sós com os seus mestres, disse-lhes que estava muito aflita e os convidou a fazer juntos uma prece, suplicando a Deus e a Jesus que salvassem a sua progenitora.

Cerrada a porta do quarto de estudos, sentados ao redor de uma pequena mesa, todos fecharam os olhos, em estado de meditação. Em seguida, o professor Delavigne proferiu sentida prece rogando ao Pai celestial pelo pronto restabelecimento da saúde da mãe de Diana. Logo após, porém, de modo imprevisto, a sra. Estela empalideceu, velou os olhos com as mãos e, num timbre de voz compassada, mas firme, assim falou:

— Que Deus vos abençoe, Tende bom ânimo, pois prevejo acontecimentos graves neste castelo. A descrença e o gênio despótico deste que foi meu filho resultarão em consequências dolorosas. Adeus, Diana, adeus, bons irmãos. E

continuai, todos, zelando pela infeliz Genoveva.

Diana, voltando-se para o seu mestre, indagou:

— Sr. Delavigne, que dizeis a isto?

— Tivemos uma prova inesperada do que está afirmado nessas obras publicadas a respeito de tal fenômeno. Não há dúvida. As almas dos chamados mortos falam aos que estão vivos por intermédio dos que têm a faculdade especial de captarem e transmitirem as palavras dos espíritos do além. Após a morte do corpo, o espírito passa para o plano astral até que volte novamente à Terra ou vai para outro planeta onde possa continuar lutando pela sua evolução moral e espiritual.

— Aceito, sem restrições, o que acabais de dizer-me. E agora já posso desabafar-me convosco, dizendo que, ao tempo em que eu frequentava o Colégio Coração de Jesus, tive ocasião de ler um livro que tratava justamente desses fenômenos e confesso que tal revelação não me surpreendeu. Concedei-me, agora, permissão para voltar ao quarto de minha mãe.

— Vá, sim, Diana, e ficamos esperando que nos informe se ela está melhor.

Diana dirigiu-se para o aposento de sua mãe e, lá chegando, verificou que tinha os olhos inundados de lágrimas. Então, carinhosa e aflita, falou-lhe assim:

— Querida mãezinha, esquecei as ingratidões deste mundo e volvei a vossa alma para Deus e para Jesus, pois que assim o vosso sofrimento e as vossas angústias serão aliviadas.

— Querida filha, não é mais possível continuarmos a viver neste ambiente cruel e tirânico!

— Que vos disse meu pai quando ficou sozinho aqui convosco?

— Pôs em dúvida a gravidade de minha doença e disse-me algumas palavras ásperas. Depois, retirou-se.

— Calemo-nos, mãezinha, pois já estou ouvindo os passos agitados de meu pai.

Efetivamente ele não tardou em invadir o aposento e, vendo a filha, interpelou-a porque se ausentara da sala de estudos.

— Vim saber como a mãezinha está passando, mas já vou retornar. Pai, desejo pedir-vos para que, logo que a mãezinha esteja restabelecida, eu seja internada em um colégio, porque...

— Retira-te já de minha presença — interrompeu-a o conde com um gesto de repulsa.

Diana, retirando-se, isolou-se em seu dormitório e lá, tomada de forte emoção, volveu os olhos para o céu e, em silêncio, a sua alma proferiu esta sentida prece:

— Jesus, vós, que tanto beneficiastes a humanidade que retribuiu os vossos sacrifícios com a morte na cruz, tende compaixão de minha pobre mãe! Se há mais de uma vida e, em passada peregrinação terrena, fomos cruéis para com os que nos rodeavam, inspirai-me o que devo fazer para vencer as lutas desta existência! Perdão! Perdão para mim e a minha desventurada mãe! Compadecei-vos dos nossos sofrimentos! Dai-nos coragem e paciência até o último alento!

Alguns servos, que faziam os preparativos para a próxima refeição, fitaram-na com surpresa, pois perceberam que o seu tórax era abalado por um soluço incessante. Um dos dedicados serviçais foi em busca de Estela Delavigne que, atendendo à sugestão do mesmo, dirigiu-se ao refeitório e, passando o braço direito sobre os ombros de sua querida discípula, disse-lhe com voz suave e quase imperceptível para os fâmulos:

— Diana, minha filha. Evita o mais possível qualquer divergência com teu pai, que não tarda a aparecer. Ele odeia as preces e os santos. Eu também ouvi a vibração da Ave-Maria e, em segredo, fiz as irradiações habituais, mas, pelo que vejo, já aconteceu alguma contrariedade contigo. Concentra os pensamentos e à noite externaremos os nossos sentimentos. Havemos de orar com intenso fervor!

A moça, apoiada ao braço esquerdo de sua educadora, dirigiu-se à mesa central do suntuoso salão e sentou-se pouco distante da ilustre dama que a levara afetuosamente para lá. Dentro em poucos minutos apareceram os comensais, que não eram muitos, estando presente o unigênito do professor, Leonel Delavigne, que chegara, ao romper da alvorada, do Ginásio de Lille, onde concluíra o curso preparatório.

Havia um silêncio incomodativo na sala e os que se achavam ao redor da ampla mesa dir-se-ia que haviam adormecido subitamente. O prof. Delavigne, prevendo algum acontecimento desagradável, quebrou o silêncio, dizendo ao conde de Debret:

— Sr. conde. Meu filho esteve com o ilustre dr. Januário Closet, recentemente chegado de Paris, e ele deseja fazer uma visita amistosa aos que considera como parentes.

— Se houver possibilidade — respondeu o conde com arrebatamento, vosso filho lhe dirá que, estando a minha esposa enferma, assim que

começarem as férias de minha filha, iremos ausentar-nos deste solar. Que ele deixe a visita para a nossa volta.

As conversas foram rápidas e Diana, sempre entristecida, deixara o prato com os alimentos quase intatos.

— Queres morrer de fome? — interpelou-a o pai, com violência.

— Não, meu pai. Hoje não tenho fome, mas talvez amanhã já possa alimentar-me melhor. Não ficarei tranquila enquanto a minha mãe estiver enferma!

— Então, se ela morrer, irás também para o túmulo?

— Depende tudo... de Vontade Suprema!

— Não quero que façais mais referências a seres inexistentes! Ouviste?

— Sim, meu pai — respondeu Diana, tendo lágrimas aljofrando-lhe os olhos celestialmente azuis.

Terminando o jantar, todos os participantes da refeição retiraram-se em silêncio para seus aposentos, depois das aulas dadas pelo sr. Delavigne e sua esposa.

Subitamente aproximou-se do ilustre professor um servo e comunicou-lhe que havia um visitante que desejava falar-lhe com urgência. O mestre foi ao encalço do que o aguardava na sala de espera e, ao vê-lo, falou com emoção:

— Dr. Closet! Como estais passando de saúde?

— Estamos aqui sem testemunhas prejudiciais? — interpelou o recém-chegado ao abraçar o preceptor.

— Não! A pouca distância está o gabinete do sr. conde de Debert, que, julgo eu, não é muito vosso amigo — respondeu o mestre em segredo.

— Sei que ele me odeia. Vim aqui, porém, porque soube que minha idolatrada prima e ex-noiva, Genoveva, está gravemente enferma.

Mal pronunciara estas palavras, houve um brusco ranger da porta do gabinete do conde e este penetrou no local onde se achavam conversando os dois amigos, o dr. Closet e o prof. Delavigne.

— Bom dia, sr. conde! — murmurou o médico com brandura.

— Bom dia! — repetiu o conde e, logo após, assim falou ao médico.

— Eu ainda não havia permitido vossa presença neste solar. Por que aqui viestes sem a minha autorização?

— Porque soube que vossa esposa, que é para mim quase uma irmã, está doente e, como tenho de partir ao alvorecer, para Paris, onde resido, fiquei com o receio de não revê-la mais e vim despedir-me... talvez para sempre!

— Bem. Neste caso estais justificado. Vou chamar alguém para consultar

minha esposa se pode ou não receber-vos.

— Eu irei em busca de minha esposa que irá à presença da sra. condessa e trará sua resposta — falou o prof. Delavigne, que se dirigiu às pressas para onde se achava Estela.

A condessa, informada da presença de Januário no solar de Diana, estremeceu e, emocionada, falou à bondosa dama que lhe transmitira o recado:

— Dizei ao dr. Januário, como sou forçada a chamá-lo, que poderei recebê-lo, com gratidão, por alguns minutos apenas, pois não consigo erguer-me do leito.

Esteia Delavigne transmitiu ao esposo o recado que lhe dera a infeliz condessa, cujos olhos inundaram-se de lágrimas ao saber que seu adorado primo fora visitá-la, e ele se dirigiu ao local desejado, encontrando os dois personagens emudecidos.

— A sra. condessa vai admiti-lo em sua presença por alguns minutos apenas, pois continua enferma e abatida, se houver licença do sr. conde.

—Conforme a decisão de Genoveva, o dr. Januário permanecerá apenas alguns minutos no aposento.

— Não concordais, sr. conde, que eu, como médico e parente, examine vossa esposa, interessando-me pela recuperação de sua saúde?

— Ela está recebendo o tratamento de que necessita. Agradeço o vosso bondoso interesse...

Encaminharam-se os três para a câmara da infeliz titular que, muito pálida, estendeu a destra descarnada àquele que continuava a dominar-lhe o coração. Dirigiram-se, mutuamente, algumas expressões de extrema sensibilidade e, ao despedir-se da enferma, o médico reteve sua destra entre suas mãos, fitou-a longamente e ela retribuiu a prova de incontido afeto que, então, só podia ser fraternal.

— Que é que desejava dizer-lhe o primo?

— Quanto és infeliz neste encantador castelo. Antes vivesses a meu lado, em um lar humilde, mas onde existisse o verdadeiro afeto, que é a mais integral ventura dos corações sinceros.

Quando assim conjecturava o bondoso médico, surgiu Diana junto do leito materno e o visitante teve um impulso de emoção:

— Não é preciso perguntar quem és, formosa jovem. És certamente filha de Genoveva!

— Sim, sou e desejava tratar-vos com a máxima distinção, mas

infelizmente meu pai já se aproxima... depois de ter saído por momentos... e eu receio que ele não vos trate como o mereceis!

— Estou armado, linda jovem, e ele que não me insulte, que saberei defender a minha dignidade!

Mal soaram estas palavras e o conde entrou no dormitório de sua esposa, falando com autoridade senhoril:

— Já vistes a vossa prima, doutor, e, para que ela não se fatigue em demasia, podeis retirar-vos, que eu vos farei acompanhar até a porta...

O dr. Closet aproximou-se do leito, fitando a desditosa enferma com emoção e, por momentos, esteve novamente com sua destra entre as mãos dele, enchendo os olhos da condessa de sentidas lágrimas. Despediu-se o médico da linda jovem que, por momentos, lhe seguiu os passos até a porta para voltar junto de sua mãe, mas teve um aviso secreto e o acompanhou, de modo que só o professor Delavigne ouviu o que foi dito ao retirante pelo senhor do solar de Diana:

— Dr. Closet, aqui não voltareis até que eu vos comunique uma séria resolução.

— Adeus — sr. conde — respondeu Januário com ironia, retirando-se apenas com um cumprimento de frente.

O conde viu-o retirar-se e logo após, com o rosto transformado pela cólera, dirigiu-se ao aposento ocupado pela sua consorte, que, ao vê-lo, estremeceu, estando isolada, pois a filha e seus professores já tinham ido para a sala de estudos.

O conde penetrou no dormitório, abrindo-lhe a porta central com arrebatamento e, aproximando-se do leito, fitou inquisitorialmente a enferma e, observando que os seus olhos estavam úmidos de pranto, teve um selvagem ímpeto de revolta e deu-lhe uma bofetada em cada face.

— Mata-me de uma vez, perverso! — exclamou a enferma, com justa indignação.

— Quero que ainda vivas alguns dias para poder torturar-te como bem o mereces!

— Que fiz eu para te ofender, maldito?

— Conservas o mesmo afeto... àquele plebeu... que também pagará caro a sua ousadia em vir ao meu lar para saber se ainda o amas... e tu, desgraçada, confirmaste tudo... com estas malditas lágrimas!

Saiu o conde com violência do cômodo onde estava a sua infortunada esposa, que, trêmula de emoção, ergueu-se do leito, dirigiu-se para um

pequeno armário e de uma de suas gavetas retirou um vidro de pequenas dimensões cujo conteúdo vasou em meio copo d'água e, mal sorveu o líquido, começou a gemer dolorosamente.

A jovem Diana, ouvindo os gemidos maternos, correu ao local onde se encontrava a sua mãe que assim lhe falou com palavras entrecortadas de soluços:

— Não posso mais viver... Diana! Vê como estão... as minhas faces! Diana... minha pobre filha! Hei de fazer-te... feliz!

Mãe! Que fizestes! Preferia que me tirassem a vida!

— Não era... possível... aparecer com as faces assim... perante os criados... e seus professores!

— Vou chamar o professor Delavigne, mãe!

— Não há remédio... que me salve da morte!

Diana saiu em carreira vertiginosa, ora chamando pelo professor, ora pelo seu pai. Quem lhe atendeu em primeiro lugar o aflitivo apelo foi a encarregada de sua instrução a quem disse:

— Sou uma desgraçada! Minha mãezinha já deve estar morta!

— Que disseste, Diana? — perguntou a sra. Esteia Delavigne que logo chamou o esposo e, seguindo a infortunada discípula, dirigiram-se para o quarto de Genoveva, que, inteiriçada em seu leito, já havia exalado o derradeiro alento.

Estava morta!

Diana caiu prosternada, gritando pela progenitora e, dentro de poucos instantes, surgiu o conde, falando exasperado:

— Já devia ter morrido há mais dias!

— Matai-me também, meu pai! Não poderei viver sem minha adorada mãezinha!

— Acaso fui eu quem tirou a vida a esta louca? — interpelou-a o pai, com raiva.

— Não, mas foi porque não tivestes pena de seu sofrimento.

— O culpado de tudo foi ter aparecido aqui esse maldito do dr. Closet, que vai pagar bem caro o seu ousado gesto! — rugiu o conde, fitando a filha com os olhos chamejantes de ódio. Todo o mal que pratiquei foi o de ter unido meu destino, eu, fidalgo, opulento e instruído, ao de uma insignificante filha de plebeus!

— Que vale o que dissestes para o Magistrado Supremo? — falou Diana.

O conde, aproximando-se da filha, ameaçou-a de esbofeteá-la também,

mas o prof. Delavigne, com extrema delicadeza, falou-lhe:

— Compadecei-vos de vossa digna filha, sr. conde, pois ela será capaz de proceder como a sua infeliz mãe!

— Tenho que tomar uma resolução de sumo alcance, sr. Delavigne, o mais breve possível!

— É o que deveis fazer, sr. conde!

— Vou deserdar esta ousada para que fique igual a seus parentes.

— Se consentirdes, sr. conde, eu a levarei para meu humilde lar.

— Dar-vos-ei a resposta conveniente após o enterro desta desgraçada, que quis ferir meu coração, mas não conseguiu.

Dispersaram-se os que ali se achavam e a sra. Estela abraçou-se a Diana, levando-a para junto de seu filho Leonel, que, ao ter conhecimento do que acontecera, mostrou-se emocionado e revoltado com a crueldade do dono do solar de Diana.

Com uma lentidão assustadora, decorreram algumas horas na faustosa moradia do conde de Debret, sendo tomadas todas as providências sobre o caixão de Genoveva, o qual o conde proibiu que fosse aberto em Lille para que não fossem observadas as manchas denegridas nas faces da inditosa condessa, mas não pôde impedir que certo servo, que odiava o cruel titular, tudo relatasse ao dr. Closet.

5
EXÍLIO MERECIDO

A notícia do trágico acontecimento ressoou dolorosamente por todos os recantos de Lille. O dr. Closet foi ao templo para onde fora levado o caixão de Genoveva e, antes que fosse levado para o principesco jazigo da família Debret, mandou um emissário ao solar de Diana que assim falou ao titular:

— O dr. Closet ordenou-me que viesse dizer-vos que suspeita de um crime a morte da sra. condessa e que já sabe qual foi vosso proceder e ainda que ele não consente que o corpo seja sepultado sem que tenhais partido, por mais de um ano, para longínqua região, africana ou asiática. Caso contrário, irá fazer autópsia no cadáver e sereis processado inevitavelmente e talvez condenado à morte!

— O dr. Closet enlouqueceu? — arguiu o conde, quase desfalecendo.

— Não. Ele descerrou o ataúde e observou que as faces da morta estão denegridas e vai verificar a sua origem. Se o sr. conde não concordar, será responsabilizado amanhã.

O conde, empalidecendo, quase perdeu os sentidos. Nesse ínterim, lívida e desfigurada, penetrou no aposento onde fora recebido o emissário do dr. Closet, a jovem Diana, que fitou ambos com surpresa, exclamando:

— Que vos aconteceu, meu pai?

O conde pô-la ao corrente do sucedido e ela lhe disse com incontida amargura:

— Evitai outra infelicidade, pelo amor de Deus! A desgraça bateu à nossa porta, pai. Convém que vos ausenteis deste solar por algum tempo para normalizar a nossa situação.

O conde, mudo, ainda não dera a decisão definitiva, quando ouviu a moça murmurar:

— Senhor, diga ao sr. Closet que, até amanhã, meu pai vai ausentar-se deste castelo. Pode ele ficar tranquilo, pois, em caso contrário, farei como minha mãe: terminarei com esta vida de sofrimentos!

— Que disseste, Diana? — falou o conde, levantando-se bruscamente e aproximando-se da filha, que soluçava.

— Preciso retirar-me levando a vossa resposta definitiva — disse o

emissário de Januário.

O conde de Debret, após rápida meditação, respondeu:

— Dizei ao dr. Closet que, ao amanhecer, partirei para lugar desconhecido do qual provavelmente jamais voltarei.

O emissário, fazendo larga curvatura, logo afastou-se do castelo.

— Uma desgraça nunca vem só! — exclamou a jovem.

— Tua mãe, se não houvesse terminado sua inútil existência, acabaria por ser morta por mim no primeiro atrito, pois vi que ela se conservava enamorada deste maldito do qual hei de tirar a vida, sem me importar que seja preso e condenado.

— Minha mãe era honesta e virtuosa, pai. Estimava apenas o primo como um irmão muito querido. Seria incapaz de trair seus deveres de esposa! — defendeu Diana.

O conde fitou a filha, surpreso, e disse-lhe em tom grave:

— Eu já te proibi de intervires em minhas decisões, mas há momentos em que penso que possuis um critério de pessoa centenária. Bem, é provável que, de agora para o futuro, poucas vezes possamos trocar ideias. Quem sabe se jamais regressarei a este solar que se tornou, para mim, indesejável!

— Pai querido, não sondemos, nestes momentos acerbos, o futuro, sempre misterioso e impenetrável. Uma coisa, porém, eu vos quero implorar: abrandai os impulsos de vosso gênio, mormente agora que ides para longínquas regiões. Tende compaixão de mim, que, afastada de vossa presença, continuarei neste castelo sob os cuidado de meus bondosos mestres, que tiveram um gesto nobre ao permitir que vos acompanhe ao degredo, para evitar novas amarguras, seu filho único, tão digno de nossa estima!

— Neste momento decisivo, Diana, eu te prometo que, se regressar a este castelo, com Leonel Delavigne e João Vermont, um servo sempre dedicado e honesto, hei de dar-lhe digna recompensa.

— Que Deus escute as vossas palavras, meu pai!

— Estás duvidando de minha lealdade, Diana? — interpelou-a o conde, já com a voz alterada pela cólera.

— Perdão, meu pai! Perdão! Não duvido de vossa sinceridade, mas, como o futuro é sempre indecifrável para os seres humanos, eu desejo que vossas promessas, ora tão generosos, sejam amparados pelo meigo Nazareno para, que se realizem elas em sua íntegra.

— Senhor conde — falou um servo, chegando subitamente onde o fidalgo palestrava com a filha — acaba de chegar um outro emissário do dr. Closet

para indagar se já partistes daqui.

— Dê-lhe a seguinte resposta: em menos de uma hora... estarei longe deste castelo e, se não cumprir a minha palavra, ele... poderá agir como bem quiser!

A moça, soluçante, abraçou-se ao progenitor que, pela primeira vez, emocionou-se e osculou-lhe a fronte.

Tudo foi aprestado para a partida em uma confortável carruagem na qual entraram três ocupantes, além do seu dirigente. Os professores de Diana, servos e camponeses, aproximaram-se dos que iam partir, fazendo votos de paz e de uma viagem sem acidentes.

Explosões de intenso sentimento foram então manifestadas naquela hora de grande sofrimento.

— Não parecia estar tão próximo o limite da vida da senhora condessa, sempre tão resignada e compassiva. Era-lhe impossível, depois da violência do conde, continuar a sofrer acerbas humilhações! — falou a professora.

— Sim, tens razão — respondeu-lhe o esposo — e não desaprovo o ato de violência do dr. Januário que tudo deve ter percebido... no suicídio de sua digna prima. Os verdadeiros culpados foram os pais da condessa ao desfazer o noivado com o primo que era pobre, mas possuía nobres aspirações... que se realizariam e então poderiam ter sido muito venturosos!

— O destino humano não depende muitas vezes do esforço próprio, pois há provas invencíveis que se realizam de acordo com as leis divinas! — exclamou Estela.

Depois, mudando de entonação, disse ao esposo:

— Vou em busca de Diana. Tenho receio... que imite ela... o gesto de sua infortunada mãe!

A professora saiu e procurou-a em diversos compartimentos, indo encontrar a moça deitada em decúbito dorsal, no leito que fora de sua desditosa progenitora, parecendo desmaiada, inerte, e, então, angustiada, Esteia curvou-se a fim de verificar se o seu coração estava funcionando normalmente. Observou o ritmo cardíaco pouco agitado e então falou com incontida angústia:

— Diana! Diana! Estás enferma?

A jovem descerrou os olhos azuis, fitou-a e fez um gesto com a destra, que a deixasse assim por mais alguns instantes.

A dedicada mestra sentou-se pouco distante do leito, observando a moça. Assim esteve por mais de trinta minutos, sempre em observação e finalmente viu Diana despertar, dizendo-lhe com voz suave e entristecida:

— Não sei como hei de resistir ao dissabor por que passei... Nunca mais poderei ser ditosa, pois não é possível olvidar o sofrimento de minha bondosa e desventurada mãe... Ouvi, porém, o que ocorreu comigo... na hora da partida de meu infeliz pai. Senti uma dor indescritível. .. Lembrei-me de agir... como fez minha mãe, quando subitamente fui manietada, minhas forças orgânicas foram alquebradas... e tive a impressão de estar cindindo o Espaço, amparada por braços tutelares. Pude observar a Terra, separada dos outros planetas por um oceano de névoas transparentes, em contínuo movimento. Ouvi uma voz tutelar que assim me falou:

— Diana, não queiras tentar contra a tua vida, pois serás considerada auto homicida... com a agravante de não haver agora motivo para esse ato de violência, pois vais ficar ao lado de seres amigos sem outra preocupação a não ser a ausência de teu pai... .que, dentro de pouco tempo, vai despertar para a vida eterna — a espiritual. Ainda saberás qual a origem de todas as maldades cometidas pelo conde de Debret... que vai ser perdoado... pelo que vai ainda sofrer nesta vida.

Diana, a formosa Genoveva, em anterior existência, foi casada com o que, nesta atual encarnação, foi teu avô paterno. Ela, porém, como sucedeu à tua mãe, não amava o seu companheiro de existência... porque se apaixonara por outro jovem... com o qual abandonou o lar e que, atualmente, é o dr. Januário Closet. Eis, minha filha, o motivo da odiosidade que havia no espírito de teu avô paterno que não concordou com a união de teu pai com a jovem que o traíra em existência passada e começou a atuar sobre o filho... para torná-la desgraçada, o que conseguiu inteiramente. O dr. Closet, porém, tem tido vida de abnegação, auxiliando os que sofrem e, por mais de uma vez, tem sido médico dos infelizes enfermos.

Sua missão, no plano terreno, será inolvidável no Solar de Diana... Julgas, minha irmã, que ele foi cruel impondo a ausência do conde de Debret aqui... de seu próprio lar, mas todos se iludem com isso. Ele praticou um ato nobilíssimo, pois o conde, há muito está assediado pelo espírito perverso de seu progenitor, em findo avatar, o qual foi consorciado com a que, há pouco, se suicidou, mas que não o amava, e sim ao primo, cuja vida tem sido ligada à sua, e que, nesta atual existência... vai ser qual se fora o de um filho bem-amado...

Se o conde de Debret continuasse a viver no solar de Diana, sempre exasperado, vingativo e cruel, — pela possessão do espírito perverso do que foi seu progenitor, praticaria outras violências, mas as provas acerbas que seu

filho vai sofrer... deixarão um sulco de fogo em seu espírito!

Não desejo revelar, na íntegra, o teu porvir, mas quero que observes a sublimidade do Universo, as maravilhas que contém, e, se te suicidares, serás afastada para os planos inferiores do Cosmos. Tudo farás para nobilitar o teu espírito, o único responsável perante o Juiz Supremo!

Hoje, quando despertares deste letargo, farás uma prece fervorosa a Jesus e a seus dignos Mensageiros. Desta data para o porvir, sondarás as tristezas que ocorrem neste suntuoso solar e, com dedicação cristã, a todos tens que proporcionar um auxílio benéfico, uma palavra de conforto, um amparo precioso.

Vais sobretudo proteger e tomar venturosa uma família, cujo dirigente, por motivo injusto, foi expulso deste castelo.

A criança, pela qual vais te desvelar, já foi ligada, intimamente, à tua vida de anterior existência. Vais ter um digno esposo para a prática do Bem, cujo nome não devo revelar hoje, mas que será reconhecido em menos de um ano.

Agora, filha querida, vamos cindir o Espaço constelado! Vais compreender a sublimidade do Poder Divino, de sua bondade, de seu prestígio incomparável.

Vê, filha, como giram os planetas ao redor do Astro-Rei — o Sol — como verdadeiros bailarinos celestiais, com uma precisão absoluta, todos sustendo maravilhas e abismos.

A criatura humana, mais tarde, fará estudos profundos sobre o que ocorre no Espaço, terá aparelhos maravilhosos que encurtarão as distâncias, transmitirão as imagens e o som através do Espaço e haverá possibilidade de haver relações fraternas entre os habitantes da Terra com os de diversos orbes siderais.

Não te espantes, minha filha, pois a verdade será desvendada em menos de dois séculos. Não queiras, pois, filha, sustar a marcha progressiva de teu espírito, decepando o liame vital, pois o sofrimento, quanto mais intenso for, mais tornará ditoso o espírito, que poderá se transformar em águia celeste, de voo incomparável na Terra. Abençoa tudo quanto tens sofrido, pois estás, desse modo, alijando as faltas mais graves, resgatando delitos pungentes e conquistando vitórias eternas.

Não lamentes o sofrimento por mais angustioso que seja, pois, com resignação e coragem, a pena será resgatada, dando jus à condigna recompensa ao delinquente!

— Amigo de Jesus, murmurei, então por que não me levais para mais

longínquas regiões a fim de que eu possa aquilatar melhor o Poder Divino?

— Ainda tens necessidade de outras demonstrações, que estão patentes a nossos olhos, do que o que estamos contemplando?

— Não! Mas eu desejava... que vos afastásseis bastante da Terra... para que não houvesse mais necessidade... de regressar ao solar paterno.

— Compreendo o que premeditaste, Diana, e vais pedir perdão ao Pai celestial por haver concebido um pensamento que justificava a ideia de suicídio. Não é verdade?

— Perdão, meu bom amigo. Pensei que, se tal sucedesse, não me caberia nenhuma responsabilidade de minha morte material... e não teria ensejo de regressar à Terra.

— Combate esse pensamento ofensivo ao Juiz Supremo e a mim, que sou teu principal Mentor há muitos séculos, tendo seguido teus passos através do plano material e observado as quedas e a evolução que já adquiriste. Não mantenhas mais a ideia de suicídio, pois, no caso afirmativo, vais fazer jus a vidas excessivamente penosas, de dores e fracassos, e, ao contrário, se reagires agora, terás uma vida abençoada por Deus e por teus Guias e Mentores espirituais.

Vou dar-te agora uma elucidação proveitosa: os seres humanos, enquanto estiverem no plano material, quando se alçam ao Espaço, como sucede contigo neste momento, ainda tem atração centrípeta, isto é, para o centro do planeta em que nascerem, e, por mais que o queiram, não podem afastar-se do ambiente terreno, pois, apesar de ser o corpo intangível que se alça ao Espaço, como acontece contigo neste instante, ainda há liames, poderosos a prenderem a alma ao planeta. Se eu atendesse ao teu pedido, cometeria uma falta gravíssima que me acarretaria punições prolongadas. Seu corpo, tombado na cama, não cessa de respirar e, se o espírito atingisse o vácuo, onde não há mais atmosfera, acarretaria uma súbita paralisação do coração da pessoa na situação em que te encontras. Vamos regressar neste momento, pois teu corpo já começa a ficar em letargia.

Vê, porém, com enlevo, o que nos cerca e, assim que pousarmos novamente no plano material, teu primeiro pensamento vai ser dirigido ao Fator do Universo para que jamais concebas pensamentos de revolta, de falta de resignação, desejando morrer para finalizar os tormentos da vida, o que não sucederá enquanto não forem ultimadas tuas derradeiras provas planetárias. Escutaste o que te revelei?

— Sim, meu bom amigo. Haveis de auxiliar-me a fazer uma irradiação

espiritual consagrada ao Criador do Universo, neste lugar maravilhoso!

— Sim, no transcurso de alguns segundos, faremos uma prece vibrante. Antes, porém, desejo dar-te mais algumas elucidações que ficarão eternamente gravadas em teu espírito. Não é permitido pelo Divino Pai que algum ser humano possa alar-se do planeta Terra para o Universo prodigioso, nem pesquisar o que existe no lado posterior dos planetas. Essas aprendizagens serão efetuadas quando o espírito resgatar todas as faltas cometidas na arena planetária, pois, de outra sorte, os criminosos, mal chegassem ao plano espiritual, deixariam o local dos seus delitos e partiriam pelo Espaço, burlando eternamente as leis divinas!

Somente os espíritos que já sofreram provas acerbas, já realizaram ações nobres e já se compenetraram dos deveres sociais, divinos e morais, poderão escalar o Universo, em todas as suas maravilhosas concepções. Antes, porém, de ultimar as provas, como te sucede atualmente, não tens o direito de pesquisar o que existe além do planeta terrestre, para não cometeres talvez confidências fan- taxistas.

Não podes, também, como já te revelei, ver o que há do lado inferior dos planetas solares, nem atravessar o éter ou o vácuo, pois teu organismo, imóvel em um leito, desprenderia a alma imediatamente, por motivo compreensível, pois alguém, quando está adormecido, ainda necessita de respirar a atmosfera, que é transformada, nos órgãos pulmonares, em vitalidade reanimadora. Podes fitar agora o que nos circunda e logo teremos que regressar ao planeta da Dor e da Redenção.

Fitei deslumbrada a Terra, em giro permanente, distanciada de outros formosos planetas solares, infatigáveis dançarinos celestes, todos a igual distância uns dos outros, separados pela atmosfera, quase resplandecente, ficando bem visível o espaço preenchido pelo éter, como um oceano fluídico, menos resplandecentes do que o que o circula, sempre de um só lado, os orbes que são os irmãos legítimos da Terra. Além de nossas cabeças, as estrelas e nebulosas formavam veredas maravilhosas, como que traçadas por lápis luminoso de algum gigante sideral! Quero, porém, abreviar o que vi e que pretendo descrever mais tarde, no decorrer da vida atual.

— Antes de regressarmos ao planeta em que tens de resgatar tuas últimas faltas, repetirás comigo esta prece que ficará gravada em tua alma emotiva:

“Deus Divino Fator do Universo, cuja origem maravilhosa ninguém pode conceber, nem o Seu poder ilimitado, a Sua sabedoria infinita, a Sua perfeição inconcebível, síntese incomparável jamais interpretada pela humana

inteligência, por mais lúcida e sábia que seja! Eis-me com a alma prosternada, suplicando-vos bênçãos para todos os seres, de todos os planetas e astros, cujas almas radiosas resplandecem ao redor de todos eles e, neste momento, o mais solente desta atual existência, tão repleta de dores e decepções, eu vos suplico ainda bênçãos e proteção para todos os seres humanos sem distinção de raças, de sentimentos religiosos, de classes sociais, para que, com o auxílio benéfico e incomparável de vossos luminosos Mensageiros possamos conseguir a mais integral redenção, terminar as nossas provas e alçarmo-nos às regiões siderais!

Desejo colaborar para o meu próprio progresso e o de meu próximo, vencer todas as provas planetárias com galhardia, resignar-me com todas as dores e decepções terrenas, perdoar todos os que me fizeram sofrer, sem revolta, sem desejo de vingança, sem ideia de suicídio. Eis-me, Senhor e Pai, a vossos luminosos pés, implorando-vos paz e felicidades para todos seres vivos do Universo!

— Eu te felicito sinceramente, minha filha, falou Estela, a mestra piedosa, abraçando a terna discípula, cujos olhos ficara orvalhados de pranto. Quero que reproduzas, por escrito, o que acabaste de revelar-me para que eu dissemine esta vibração espiritualmente por todos os entes humanos.

6
SOLVENDO DÍVIDAS

Decorreram dias serenos no solar de Diana depois da partida do conde de Debret e felizmente nunca houve tanta compreensão, tanta harmonia, tanta alegria secreta como naquela era bendita.

O professor orientava o que a filha do ausente devia fazer em vista dos sucessos ocorridos no castelo. Ela quis, sobretudo, suavizar a situação precária do desventurado servo expulso por haver deixado de trabalhar por motivo de doença em um dos seus filhinhos e a jovem filha do violento titular fora procurá-lo em uma sege modesta, seguida de seus dignos educadores em cujo poder ficara considerável importância pecuniária.

Chegaram à humilde moradia de Flávio Sigaud ao amanhecer de um dia invernoso e ficaram emocionados ao verificar a miséria reinante naquele miserável lar em que faltavam alimentos com frequência, roupas para resguardá-los do frio, móveis para guardar as poucas coisas que tinham, pois o chefe da família lutava com grande dificuldade para encontrar uma ocupação que lhe rendesse o suficiente para matar ao menos a fome de sua família.

— Que viestes fazer neste casebre? — perguntou Flávio Sigaud, emocionado até as lágrimas, vendo entrarem os três dignos seres humanos aos quais não pode oferecer nenhum lugar para sentar.

— Como tens sofrido! — exclamou Diana. Quero ver o Luisinho! Como está passando ele?

— Sempre sofrendo alguma enfermidade, pois está debilitado. Acha-se agora adormecido.

— Hei de fazer esforços para que o dr. Januário venha vê-lo, Flávio, esquecendo a animosidade que houve... entre nós — disse Diana — que, de acordo com os seus bondosos professores, lhe entregou uma quantia que, na condição em que se achava o ex-serviçal do castelo, foi providencial.

Retiraram-se os visitantes, prometendo que ali estariam dentro de breve tempo, mas os dias foram transcorrendo após a primeira notícia recebida do conde de Debret e os seus companheiros, orientando que se achavam no Norte da África, instalados no mais confortável hotel de Túnis, mas, com

surpresa inexplicável, apenas enviadas as notícias sobre a viagem e estadia naquela cidade africana, cessaram todas as missivas, quer as do conde como as de Leonel, causando sérias apreensões a seus pais.

— Precisamos orar muito disse a professora em conversa com o seu esposo e a sua discípula, ambos com os olhos marejados de lágrimas.

— Tenho feito vibrações espirituais, querida mestra, desde aquela maravilhosa excursão pelo Espaço constelado, mas sei, por íntima intuição, que as nossas provas não estão consumadas... e que ainda nos restam grandes provações que venceremos com o auxílio benéfico dos nossos guias espirituais!

— Iremos, de hoje para o futuro, orar em conjunto — propôs o professor Delavigne. Já transcorreram três meses da partida do sr. conde, de nosso adorado Leonel e do fiel João Vermont.

Tenho estado em incessante preocupação espiritual e desde ontem recebi a inspiração de ir em busca do dr. Januário e expor-lhe a nossa aflitiva situação: a falta de notícias dos que partiram para a África e que nos enviaram escassas informações. Hoje, após as aulas ministradas a Diana, irei ao seu encontro. Quero também que ele examine o infeliz Luisinho, que acho que anda mal de saúde e caminhando para a sepultura.

— Tens razão, Sérgio — respondeu-lhe a esposa. Hoje mesmo deves ir à procura do já famoso médico que ainda será um dedicado auxiliar na Seara Bendita que espero seja instalada neste solar.

— Tiveste alguma orientação espiritual? — perguntou ele à sua consorte.

— Não devo desfigurar a verdade por motivo sem base: tenho ultimamente estudado a vida de Sócrates, de Platão e sobretudo a de Pitágoras e, em todas elas, encontro motivos básicos da sobrevivência da alma, das penas e recompensas que há, conforme o procedimento dos seres humanos, e atualmente estou convicta da intervenção dos que já partiram para o plano espiritual, mas que não nos abandonam neste planeta de provas.

— Façamos, pois, Estela, um trato para as investigações que pretendemos realizar.

Com surpresa dos mestres, Diana murmurou umas palavras incompreensíveis, e após falou entristecida:

— Sim, estou de pleno acordo, pois desejo atrair o espírito de minha pobre mãe... que tanto padeceu neste planeta chamado Vale de Lágrimas. Como estamos quase na hora do almoço, eu vos peço, queridos mestres e amigos, alguns momentos de atenção para o que vos desejo revelar.

Receio que meu pai, longe deste castelo em que sempre mandou, sem lenitivo para suas últimas provas, venha a atentar contra sua própria vida. Há muito que já devia ter-vos posto ao corrente do que aqui aconteceu entre meus progenitores. Há muito eu previa o que ia acontecer com minha infortunada mãe que, alguns meses antes de seu trágico fim, foi a Lille e lá se avistou com seu primo Januário para pô-lo a par do que estava se passando aqui. Desde aquela ocasião meu pai aumentou suas crueldades e talvez para tomar uma decisão definitiva foi que permitiu que ele penetrasse em seu solar. Desejo que vós, prezados professores e amigos, conserveis esta minha revelação em segredo.

— Sim, querida Diana — respondeu Estela — podes confiar em nossa discrição.

— Obrigada. Muito antes do trágico sucesso que infelicitou este solar, já o esperava. Minha pobre mãe foi vítima da ambição de seus parentes. Ela amava realmente o primo e queria casar-se com ele, mas o conde meu pai a viu e pediu-a logo em casamento, que se realizou contra sua vontade, casamento em que nunca foi feliz, pois ele queria à viva força que minha mãe o secundasse em seus impulsos violentos.

Ela era meiga, humilde e compassiva e apavorava-lhe a crueldade do esposo, que se revoltava por não concordar com seu procedimento autoritário e cruel. Tudo, porém, transcorria com relativa tolerância, até que se encontraram inesperadamente com o dr. Januário em Lille e meu pai observou que ela e o primo se fitaram com carinho, deduzindo que ainda se amavam. Passou-se algum tempo em que o médico saiu de Lille, mas, ao regressar, soube que a prima vivia quase prisioneira, enferma e infeliz. Tentou vê-la, talvez para tomar um desforço do marido, mas os acontecimentos se precipitaram... e o final ambos vós não ignorais. Tudo isto vos relatei porque necessito de uma orientação vossa no caso do infeliz Luisinho, que, a meu ver, está ficando com fraqueza pulmonar. Seus pais, de pobreza desoladora, não lhe podem dar o trato de que necessita. Pensei, pois, no dr. Januário, que vai se tornando célebre com curas quase milagrosas e eu vos pergunto, caros mestres, se reprovareis meu desejo de o chamar para cuidar do doentinho, logo após os lamentáveis sucessos deste lar, sendo ele quase o causador de tudo quanto tem ocorrido?

— Muito te agradecemos a prova de lealdade, Diana. Vais receber uma sincera resposta paternal — disse Delavigne. Dentro de alguns minutos, irei a Lille à sua procura e responsabilizar-me-ei pelo pagamento de seus serviços

profissionais!

— Obrigada, querido mestre. Eu, porém, responsabilizo-me por todas as despesas decorrentes do tratamento do pobre Luisinho. Vou buscar uma quantia que, com economia, dará para a alimentação de todos de seu lar.

— Sim. Eu entregarei ao pai do pequenino enfermo o que lhe destinas, mas quero concorrer com o que me for possível.

Partiu o generoso professor para a próxima cidade em busca do dr. Closet, com o qual expandiu lealmente seus sentimentos não somente a respeito de Luisinho como sobre a filha do conde, cuja angústia, por falta de notícias, não tinha limites, bem como a sua, a de sua esposa e também sobre Leonel, que era um dos companheiros do infeliz castelão.

Januário refletiu por alguns momentos e, depois, com grande nobreza de sentimentos, respondeu ao professor:

— Vou examinar o pequeno enfermo e receitarei para ele, mas não receberei quaisquer honorários para que recupere a saúde. Peço-vos também, sr. Delavigne, dizer à infeliz Diana que se, decorrido um mês, não chegarem notícias de seu progenitor, partirei para o Norte da África, de onde chegaram as últimas notícias sobre os viajantes.

— Haveis de permitir se tal suceder, dr. Januário, que eu siga convosco, pois minha inquietação não tem limites a respeito de meu filho que partiu com o conde de Debret.

— Não há a menor dúvida, sr. Delavigne, que aceitarei vosso generoso oferecimento e partiremos juntos para a África. Amanhã vireis saber notícias do menino de cuja saúde tratarei como se fosse meu próprio filho. Quem sabe se já não foi ele um ser muito querido em pretérita peregrinação terrena?

— Acreditais na Palingenesia ou Lei das Reencarnações, caro doutor?

— Sim, prezado professor, e só deste modo compreendo que o pobre doentinho esteja resgatando alguma falta que praticou outrora, mas, com a permissão do Juiz Supremo, pode estar quase finda. Não é menos patente a prova por que está passando o cruel conde Debret para que sua alma abrande em ferocidade e possa trabalhar pelo seu progresso espiritual.

— Muito folgo por haver percebido vossos generosos intuitos e vossos sentimentos cristãos, de acordo com os ensinamentos recebidos pelo eminente Allan Kardec e seus pregadores de verdades que, no futuro, serão plenamente positivadas. Que o divino Mestre nos inspire sentimentos generosos que lucifiquem as nossas almas! — exclamou o prof. Delavigne, erguendo-se para regressar ao Solar de Diana, e, ao atingir a meta desejada,

expôs o que foi realizado e o que seria efetuado, decorrido mais um penoso mês.

Chegando ao Solar de Diana, o professor relatou tudo quanto ocorrera no transcurso de sua conversa com o dr. Closet, cuja impressão desfavorável fora logo desfeita, pois percebeu que ele era generoso e compassivo e, só mesmo em um caso de maldade, qual o que acontecera com a sua prima Genoveva, agira com violência.

No dia seguinte ao da ida do professor Delavigne ao local onde residia o dr. Closet, foi por este informado sobre o estado de saúde de Luisinho Sigaud, que, se não tivesse recebido os cuidados daquelas almas generosas, talvez já estivesse em mísera cova.

Transcorreram mais alguns dias de verdadeiras apreensões para a jovem Diana, que muitas vezes assim falou a seus dignos educadores:

— Que vale a opulência, o esplendor de uma encantadora moradia, quando falta paz à nossa alma?

— A opulência não anula a desdita, Diana — respondeu-lhe o professor, mas suaviza em parte as torturas que passam mormente os pais quando sofrem acerbas dores morais ou físicas em um lar desprovido de alimento para seus entes bem-amados, o que estava sucedendo na cabana dos pais do Luisinho. Eu te aconselho, pois, Diana, seres sempre bondosa para com os desprovidos de fortuna, mas honestos e bons, e, para que haja sempre relativa felicidade em tua alma, não deixes nunca de praticar o bem, de cumprir as leis morais, pois, se assim procederes, terás constantemente a suprema ventura: a paz de consciência ou ausência de remorso!

7
DISCÍPULOS DE KARDEC

Antes que o prof. Delavigne fosse ao encalço do conde e os seus companheiros, por diversas vezes estivera em paternal palestra com a sua querida aluna que, certo dia, lhe falou:

— Dizei-me, sr. Delavigne, acreditais realmente que as criaturas humanas não tenham uma só vida terrena, mas uma série de idas e voltas para o plano espiritual, a fim de, no transcurso dos séculos, finalizarem todas suas provas e atingirem os mais altos planos siderais? Porque assim o afirmaram os grandes filósofos da antiguidade e atualmente uma plêiade de iluminados propagadores da justiça e da redenção espiritual!

—Tudo nos faz crer que a Nova Revelação, pregada por Allan Kardec e seus companheiros de ideais redentores dos que, na Terra, estão cumprindo as sentenças divinas; no entanto, há atenuantes como passarei a expor: seus deveres cristãos, e sempre esforçar-se por alijar do espírito as manchas do passado, não se lembrando nunca do suicídio para abreviar sofrimentos que serão intensificados por um ato de revolta contra as leis divinas.

— Ai! caro professor. Quer isso dizer que minha desditosa mãe deverá estar sofrendo mais ainda após tantos anos de suplício moral?

— Ela era honesta, boa e justa e só em um momento de desvario praticou um ato condenável pelas leis divinas; no entanto, há atenuantes como passarei a expor: a criatura humana é sujeita à privação de sentidos sob o império de um sentimento de revolta, de indignação, de dor violenta e então age sob a influência, às vezes, de adversários materiais ou espirituais. A infeliz condessa foi sempre bondosa e por isso vivia em desarmonia com seu iracundo esposo. Foi colhida de surpresa pela violência da ofensa recebida e não pode vencer a prova, talvez dominada por algum adversário irreconciliável de transcorrida peregrinação terrena. Devia ter repelido a perversa sugestão de suicídio, mas com a sua dignidade profundamente ofendida, aceitou o alvitre para se livrar do escárnio dos criados e dos conhecidos. A meu ver, a grande responsabilidade do suicídio da condessa

recai integralmente sobre quem cometeu a cruel agressão. Foi ele o causador da loucura que lhe perturbou a mente, pois não havia ela cometido nenhum deslize, nenhuma falta condenável, não podendo abolir a própria dignidade ofendida ou o pesar que lhe obscureceu a razão.

— Obrigada, sr. Delavigne. Nunca olvidarei as elucidações que me proporcionastes nestes momentos inesquecíveis. Penso, porém, que, da era presente para o futuro, os que forem crentes na nova doutrina reencarnacionista, não deverão praticar o suicídio em nenhuma hipótese, pois saberão que, evitando um grande sofrimento, ou antes, interrompendo-o, terão a reprodução das mesmas dores no futuro, em nova existência.

—Às vezes, querida Diana, poderão obter uma comutação da pena.

— Como poderá isso acontecer, caro mestre? — indagou Diana com profundo interesse peio tema de sua conversa.

— Escuta-me. Diana. Alguém, em uma romagem terrena, comete vários furtos, diversas extorsões, que muito prejudicam os seres humanos e às vezes mesmo as coletividades. Despertos no plano espiritual, esses infelizes violadores do Direito e da Justiça, contemplando o sofrimento dos prejudicados e a penúria existente em vários lares, arrependem-se, sentem compaixão deles e, quando reencarnam, pedem ao Pai Celestial, por intermédio de seus guias espirituais, para voltarem à Terra sem riquezas, sofrendo a falta de alimentos, estendendo a mão à caridade pública! E quantos seres há nestas condições? Outros, em idênticas condições, pedem o contrário: riqueza para amparar os pobres e enfermos, os órfãos, fundar escolas, asilos, hospitais, enfim, fazer o contrário do que fizeram outrora. Outros há que, temendo os perigos do ouro, desejam estudar, mormente Medicina, para, exercendo uma invulgar missão de abnegados, poderem resgatar muitos delitos, pois cada vida que salvaram será uma vitória conseguida.

Deus, sendo a misericórdia infinita, não condenará a suplícios eternos seres que muitas vezes cometem monstruosidades, mas que, em futuras existências, poderão resgatar as suas faltas, concorrendo para o seu progresso e de seus semelhantes, de diversas maneiras. Já a condenação eterna anula a sublimidade da imortalidade da alma, o fim glorioso para o qual foi ela criada, a vida espiritual nos infinitos mundos habitados, a incessante atividade espiritual. Dessa forma milhares de anos de sofrimentos não resgatam os crimes de outrora?

— É verdade, caro mestre! — exclamou Diana. Que pensais sobre os

suicidas? Tenho tanto interesse em sabê-lo!

— Ninguém deveria projetar e executar o suicídio, pensando acabar com a vida e os seus sofrimentos, pois sucede justamente o contrário: intensificam-se as dores e patenteia-se a vida em toda a sua pujança!

Já te expus, cara Diana, que é provável que a condessa de Debret tenha atenuantes para o gesto de loucura que praticou, todavia não aceitou a humilhação que a atingiu e que deveria ter suportado, lembrando-se sempre de Jesus que levou bofetadas que lhe feriram o rosto. Ela poderia ter suportado o ultraje e talvez o homem cruel que o praticou se arrependesse e mudasse de proceder. Faltou-lhe coragem moral para vencer a prova e não se recordou do sublime nazareno que foi publicamente ofendido e, naqueles momentos dolorosos, não teve um só conforto dos que testemunhavam sua imerecida agressão.

— Se o tivéssemos sempre em nossa memória, sr. Delavigne, teríamos a resignação precisa para suportar todas as dores.

8
DEUS

Transcorreram mais algumas semanas após a conversa de Diana com seu mestre sem que houvessem recebido qualquer notícia dos seres queridos que partiram para lugar ignorado.

Certa tarde, porém, chegou ao solar de Diana um emissário do dr. Closet, levando uma missiva para o professor e a sua discípula. Elucidava a situação sanitária de Luisinho que adquirira melhoras sensíveis, sendo preciso que o tratamento não fosse interrompido. Depois abordava o assunto em foco: a falta de notícias do conde e seus companheiros de jornada, fixando o dia posterior para que ele e o professor partissem para o Norte da África, pois não ignorava a angústia em que se achava imersa a jovem filha do opulento e temido Rogério Benoit.

O prof. Delavigne, para confortar o coração da querida discípula, falou-lhe:

— Foi lamentável a discórdia que surgiu entre os que te deram o ser, Diana, pois tudo quanto sucedeu neste solar proveio da diferença de seus sentimentos.

— Bem sabeis, sr. Delavigne, que os sentimentos muitas vezes conflagram-se nos corações humanos e, raramente, há a verdadeira compreensão e harmonia que existem em nossos espíritos, meu e de meus bondosos mestres. Como sabeis, o meu infeliz pai, desde que uniu seus destino ao de uma jovem sem fortuna, mas de formosura helênica, dominado sempre por odiosas suspeitas, queria que ela concordasse com as suas arbitrariedades e, se tal sucedesse, sentir-se-ia feliz. Lembro-me muito bem de ter ouvido a minha bondosa mãe falar-lhe certo dia com angústia:

— Não é possível que eu não desaprove o teu modo de agir, Rogério, pois eu não nasci em berço de ouro e sei o que sofre um chefe de família quando lhe falta o necessário para as despesas domésticas, para o tratamento das doenças de seus entes queridos, sem poder comparecer a qualquer ato social de parentes ou de amigos. E porque tudo isso eu vi ocorrer em meu modesto lar, que é hoje um castelo, é que me compadeço dos criados escorraçados, dos servos enfermos e famintos... e jamais hei de concordar contigo!

— Aprovas então o procedimento incorreto, a ociosidade, os furtos dos

servos, contra os meus próprios interesses? — interpelou-a, com arrebatamento, meu pai.

— Quando tais ocorrências se verificarem, deves chamar o servo faltoso, advertindo-o paternalmente, prometendo-lhe punição em caso de reincidência, mas sempre tolerante e justiceiro. Como já sofri as consequências de injustiças praticadas contra o meu próprio pai... é que me compadeço dos que se encontram em condições semelhantes à dele. Fico bem penalizada quando vejo alguém expulsar um ser humano, acompanhado de sua esposa e seus filhinhos, muitas vezes enfermos e famintos.

— Reconheço — respondeu ele com arrogância — tarde em demasia que eu devia ter unido o meu destino ao de uma jovem de minha estirpe, habituada a esse sucessos comuns nos castelos opulentos, sem covardia, sem sentimentos pusilânimes, muitas vezes fatais. Se assim pensas não devias ter-se casado com um titular abastado e de origem fidalga e sim com um plebeu, um mísero operário, anônimo e sem mérito.

— O mérito não provém da raça, mas dos sentimentos nobres, das ações meritórias de cada ser humano!

— Assim se expressam os anônimos, os desprovidos de brasões e de riquezas e não os verdadeiros nobres pela raça privilegiada de seus antepassados!

— Não penso como expressaste os teus pensamentos, pois Deus — o Supremo Juiz — não fez os órgãos diferentes nos fidalgos e nos plebeus, nos que nascem os castelos e nos que nascem nos casebres, onde nascem muitas vezes seres dignos, virtuosos e fadados à imortalidade!

Quase que todos os cientistas, os mais notáveis poetas e militares de França e de muitos outros países da Terra nasceram no anonimato, sem berço dourado e inúmeras vezes atingiram as culminâncias da imortalidade, ao passo que os opulentos e os nobres, com raras exceções, nada têm feito de útil à Humanidade. E quantos dos que nascem em berços dourados acabam, anônimos, em lugares ignorados...

— Devias ter unido teu destino ao de um lixeiro e, deste modo, terias ficado certa de que eras realmente feliz...

— O sr. conde de Debret é que não devia nunca ter olhado para a humilde filha de um agricultor para que não houvesse surgido esta grave discordância em nossas almas!

— Proíbo-te de que me fales mais vezes em Deus, em alma ou em coisas não provadas pela ciência.

— Perdão. Vou falar em Deus pela derradeira vez. Consentes?

— Pela última vez, sim.

— Não há efeito sem causa, não é verdade? Pois bem, que é que descobrem os nossos olhos fitando a Natureza? Arvores gigantescas, plantas minúsculas, flores encantadoras, frutas saborosas, rios intermináveis, oceanos e mares vastíssimos... e sobretudo o chamado Céu, onde fulgura o eterno Apolo, cuja luz ninguém poderá imitar com o seu combustível inextinguível que nenhum dos mais eminentes sábios conhece! Quem os fez? Quem forjou as constelações, as mais fúlgidas estrelas? Não deve ter havido Fator para tudo isso? Não devemos qualificar esta maravilhosa por uma designação humana? DEUS — Criador, Magistrado, Pai — tudo se resume na primeira designação — DEUS! Eu admiro, venero, respeito o Fator de tudo quanto os meus olhos devassam, pois, sendo os nossos próprios órgãos visuais a mais admirável das maravilhas orgânicas, de poucos centímetros de extensão, podem abranger o Universo, distinguir todas as maravilhas que existem na Terra e no Céu. Hei de, pois, amar a Quem nos concede elementos de defesa, de investigações de maravilhas incontáveis, exigindo apenas de seus filhos humildade, labor, caridade, honra e bondade!

— Quem te forneceu os dados de que utilizaste neste momento para querer me conquistar?

— Tive um excelente professor que era meu tio paterno e, nos primeiros anos de juventude, quando eu recebia as mais sublimes lições, repentinamente adoeceu e partiu para o Além. Nunca porém, hei de olvidar seus belos ensinamentos, eu que desejava ser professora para vencer as agruras da vida terrena.

— Não me iludas, Genoveva. Deves ter ouvido essas loucas fantasias de teu primo Januário Closet, que ias desposar e cujo noivado foi interrompido pela ambição de teus parentes que se sentiram honrados por ter sua filha, de origem obscura, unido seu destino ao de um opulento e notável fidalgo!

—Foste culpado, Rogério, de ter-se realizado este casamento desigual, pois o teu pedido foi atendido como todo o que tem uma filha querida e quer vê-la em boa sociedade, sem antever as desditas e os motivos de discórdia que podem surgir entre seres de categoria desigual. Vamos, porém, dar por finda esta conversa antes que surjam novos motivos de dissabores ou de discussões.

— Ainda bem que percebeste que não me tornaste feliz, pois os nossos sentimentos são desarmônicos, havendo grande diferença de fortuna e

educação.

— Porque não promoves então a nossa separação legal? Basta que me deixes com a querida Diana. Terei forças para trabalhar nos mais humildes serviços para nossa alimentação e talvez ainda possas unir o teu destino ao de uma fidalga que aja de acordo convosco.

— Tuas palavras fazem-me perceber que não me tens afeição, que desprezas a minha fortuna e alta posição social e se eu não realizo o que me sugeres é para não te ver ditosa, vivendo talvez em segredo com o dr. Closet.

— Rogério, não me ofendas com as tuas odiosas suspeitas! — falou minha pobre mãe com indignação. Não devias ter proferidos tais crueldades na presença de Diana, que é inteligente e jamais poderá esquecer o que me dissestes! Ainda me farás perder o equilíbrio mental ou me levarás ao suicídio!

Assim terminou a disputa entre meus pais, talvez a última.

— Era impossível a reconciliação daqueles dois seres humanos ligados pelo destino. Tempo virá que tudo se resolva nos lares e que as mais complicadas situações familiares sejam amigavelmente solucionadas pela intervenção de verdadeiros missionários que hão de surgir no transcurso do tempo.

— Concordo contigo, Diana, e, como já estou penetrando nos segredos espirituais, presumo que, decorrido mais algum tempo, os chamados médiuns, de moral absoluta, sejam os inspirados de nobres resoluções domésticas e sociais, sendo tudo resolvido de acordo com a vontade suprema — conclui o digno mestre de Diana.

Depois de certa pausa, ainda assim lhe falou paternalmente:

— É provável que amanhã nos tenhamos de separar materialmente, pois espiritualmente as nossas almas nunca se apartarão. Perdeste, fisicamente, uma mãe extremosa e infeliz, mas terás outra a teu lado — minha cara Estela — realmente a estrela de minha vida, a luz de meu lar. Ambas ficarão orando a Jesus pelos ausentes queridos! Partiremos confortados e confiantes no auxílio do Mestre de Nazaré e de nossos invisíveis e amados inspiradores e protetores do berço ao túmulo, através de séculos infindos!

II PARTE
AS PROVAS BENDITAS

1
INSTRUINDO

Tudo ficou aprazado no solar de Diana para que a partida do dr. Closet e do prof. Delavigne se efetuasse no dia seguinte ao que se achavam, sendo também tomadas todas as providências relativamente ao menino enfermo Luisinho Sigaud, que já apresentava algumas melhoras reanimadoras.

Antes que se efetuasse a partida para o Norte da África, os sinceros amigos de existência — Januário Closet, Sérgio Delavigne, a esposa e a discípula — recordavam episódios ocorridos no famoso solar por ocasião do suicídio da infeliz Genoveva.

— Lembro-me — disse o abalizado mestre de Diana — da aflitiva situação do sr. conde quando a sua esposa consumou a sua atribulada existência planetária para ter de continuá-la em outra dolorosa, peregrinação terrena.

— Que devo fazer — murmurou Diana — para que não seja atingida por alguma punição extraterrena?

— Esperar que o futuro decifre os enigmas de nossas existências! Faça esforços para que, tudo suportando, não queiras terminar a tua própria vida, pois, em caso contrário, porei fim a esta inútil existência! — exclamou o conde repentinamente.

— Eis por que, meu pai, nunca devemos agir com violência contra o nosso semelhante, pois, às vezes, a dor supera o amor à vida e sucede o que houve neste formoso solar, onde sobram preciosidades, confortos materiais, regalias sociais e faltam concórdia, harmonia espiritual e paz de espírito.

— Eu quero... morrer — falou Conde, com voz compungida fitando a filha.

Eu então aproximei-me do infortunado titular, dizendo-lhe com emoção:

— Senhor, bem diversa é nossa condição social, mas, neste momento, eu me julgo com o dever de sugerir-vos alguns alvitres amistosos: não vos entregueis à dor em demasia, ao desalento avassalador, ao domínio da matéria. Elevai o vosso espírito ao Juiz Supremo — Deus — e Ele vos enviará um possível conforto inesperado. Lembrai-vos da sensível Diana, vossa querida filha, que sofreu um rude golpe — a morte trágica de sua adorada mãe — e poderá fracassar da mesma forma ou ... enlouquecer!

— Mas eu não posso mais — respondeu o conde — ser desprestigiado em meu próprio lar até pelos servos em cujos olhares percebo uma violenta censura.

— Eles jamais faltarão ao cumprimento de seus deveres, pois são honestos servidores domésticos. Deveis abolir de vez os pensamentos de revolta, de ódio, de orgulho, de impiedade e vereis como a vossa existência futura tomará um novo rumo. Muitas vezes são os que mais lutaram na vida, com acerbas dificuldades, os que alcançam imortais vitórias. Bem sei que não tendes nenhuma crença religiosa, mas ainda tereis motivo de conforto imenso.

— E se Diana alguma dia amar a quem não seja de raça fidalga como a nossa, desprezando-me por quem eu certamente odiarei?

— Perdão, sr. conde. Se o jovem por quem ela se afeiçoar for digno no lar e na sociedade, tendo ele a nobreza de uma alma virtuosa, por mais desprovido que seja de fortuna e de grande origem racial, poderá fazê-lo ditosa, vivendo em um lar honesto onde educarão seus descendentes.

— Eu vos julgo hostil aos fidalgos, sr. Delavigne! — exclamou, com o arrebatamento, o conde de Debret.

E eu, certamente com humildade na voz a na expressão do rosto, respondi-lhe delicadamente:

Estais enganado, sr. conde, pois geralmente uma estirpe nobilitada por alguém é porque já conquistou méritos inesquecíveis, sejam bélicos ou científicos. O título nobiliárquico revela, pois, algum valor conquistado. O que desaprovou é que, depois do mérito conquistado, seja ele ofuscado por atos de despotismo e violência.

Não devemos desprezar os desprovidos de títulos e fortunas, porque nem sempre são os responsáveis. Quanto mais humilde é um ser humano, por mais competente que seja, maior é a dificuldade para conseguir uma posição social, pois não tem quem o proteja em suas honestas pretensões e muitas vezes, ao regressar ao lar querido, sofre acerbamente vendo seus familiares a sofrer fome e frio. No entanto, sr. conde, tudo isso sucede porque seres humanos, imbuídos de orgulho e egoísmo, não refletem na necessária solidariedade social, não se preocupam com os que padecem, podendo minorar-lhes as precárias condições de vida, sobretudo em lares desprovidos de pão e agasalho. No entanto, repito, os que mais sofrem no plano terreno, os que são auxiliados pelos que estão bem de fortuna, são recebidos no Infinito com alegrias cristãs pelos que já venceram as suas provas planetárias

e galardoados pelo Soberano do Universo — Deus!

— Como podeis afirmar tais fantasias como se fossem reais? Como sabeis que a caridade é a virtude máxima se jamais alguém desceu desse Além para nos fornecerem uma prova cabal da veracidade de uma afirmativa forjada por fantasistas ou loucos? Depois que um corpo visível e patente baixou ao túmulo, sr. Delavigne, ninguém ainda o identificou no plano fantástico da imaterialidade!

— Enganai-vos, sr. conde. Tem havido eminentes filósofos, de grande capacidade científica e religiosa, que já observaram fenômenos surpreendentes da sobrevivência da alma no plano divino após a sua passagem pela Terra e certamente em outros planetas habitados. Sócrates e Platão, homens de inteligência e cultura superiores, sempre afirmaram a existência de alma, que é a propulsora do ser das trevas terrenas para os planos siderais.

— Como poderá afirmar, com certeza matemática, o que acabais de expor?

— Quem ignora na Terra a passagem de Jesus transpondo uma porta fechada e sua partida para o Infinito diante dos olhos de grande número de seres humanos?

— Tudo isso não passa de fantasia dos cristãos para que maior seja o número de seus adeptos!

Tereis razão, sr. conde, se além dos sucesso relativos ao Nazareno, não houvessem acontecido na Terra inúmeros fenômenos psíquicos de aparições de espíritos e de transmissões de pensamentos através de seres humanos que, dir-se-ia, parece que desfrutam de privilégios celestes, mas deve existir um motivo justo para tal, de acordo com as leis divinas. Julgo que esses seres humanos que recebem mensagens espirituais pela psicografia, vidência ou incorporação, já viveram na Judéia e ouviram as palavras de Jesus e de seus discípulos. Através dos séculos hão de ser fiéis ao Mestre bem-amado e terão de muito lutar pela restauração integral do Cristianismo na Terra, que será aprimorado e terá certamente outra designação ainda não muito difundida. Suponho que, naquela repartição misteriosa de cinco pães para milhares de criaturas, o que o Mestre querido quis repartir não foram migalhas de pão de trigo, mas o futuro dom da mediunidade!

— O sr. Delavigne fala com tanta convicção que, se não fosse eu um descrente empedernido, um materialista inconvencível, teria desejo de saber quem o levou às conclusões que me tem transmitido, como se já fossem verdades incontestáveis!

— Sr. conde. Quem está dirigindo o estudo dos fenômenos espíritas é um conterrâneo nosso — Allan Kardec — auxiliado por uma plêiade de homens ilustres como Flammarion e outros, de acordo com os egípcios, os profetas da antiguidade, pois, em todas as épocas, houve aparições espirituais de grande alcance e agora o Espiritismo, o Cristianismo restaurado e aprimorado, quer esclarecer o que há de verdade na doutrina reencarnacionista que ensina que não há uma só vida terrena e qual a origem de muitos males humanos, materiais ou espirituais.

A criatura humana não começa uma vida no berço para terminá-la no túmulo, quando justamente começa a alma desenvolver-se para o seu glorioso porvir. O que parece absurdo é que todas as religiões tem pontos de contatos, estão às vezes de acordo, mas se insurjam umas contra as outras. Nenhuma delas deixa de crer na imortalidade da alma, na sua sobrevivência após o desaparecimento do corpo humano, e em seu prêmio ou castigo pelo que fez na Terra. Faltava uma que estudasse tudo quanto se relaciona com o ser humano no plano terrestre, de forma lógica e racional. É o que deseja realizar nosso eminente patrício, professor e médico, chamado Allan Kardec, provando a imortalidade da alma, a vida neste e em outros planetas, a reunião eterna dos seres que se amaram e souberam viver cristãmente.

Tem ele, o ilustre patrício, estudado tudo o que houve na antiguidade, nos tempos de Pitágoras, Platão, Sócrates e outros grandes filósofos conhecidos na Terra, provando que realmente esta doutrina que vem sendo acolhida com entusiasmo — o Espiritismo — alia na verdade a Religião à Ciência, pois já vem sendo estudada com seriedade.

Há muito que já deveria ter sido iniciado esse admirável conjunto harmônico da Religião com os mais belos conhecimentos humanos, mostrando o que é e qual o fim da existência humana, bem como as consequências do bem e do mal que praticarmos na Terra, podendo cada ser conquistar sua felicidade eterna nos planos siderais.

— A fantasia de que me destes conhecimento, sr. Delavigne, não deixa de ser bela e consoladora, mas faltam as provas concludentes. Quando elas chegarem, o que ponho em dúvida, então verei o que hei de fazer em meu próprio benefício. Creio, porém, ilustre professor, que jamais mudarei de ideia. A vida é uma série de decepções para quase todos os seres humanos!

2
PLANETA DE DOR E LÁGRIMAS

O prof. Delavigne, depois de haver reproduzido a conversa que tivera com o conde logo após o desenlace doloroso de Genoveva Benoit, partiu para a cidade de Lille em uma charrete e foi ao encontro do dr. Closet, que resolveu partir no dia seguinte, em sua companhia, depois de lhe ter dado notícias da melhora do estado de saúde de Luisinho.

— Caro doutor — falou Sérgio Delavigne — quem poderá por em dúvida que hoje pobre e infeliz Luisinho teve, em findo avatar, bens de fortuna e deixou muitas vezes de proteger os desprovidos de tudo? No entanto mais uma vez se patenteia a misericórdia divina em seu benefício e Deus permitirá que, no plano terreno, na atual etapa de sua vida, ainda possa desempenhar uma gloriosa missão de caridade.

— Que Deus nos escute, neste momento, sr. Delavigne. O que estiver ao meu alcance, eu o farei, quer em benefício de Luisinho quer dos que sofrem. A Humanidade terrena há muito que já deveria ter iniciado o estudo de seu presente, do que aconteceu no

passado e do que lhe poderá ocorrer no futuro. É inacreditável que, com raras exceções, os seres humanos se preocupem mais com a obtenção de bens materiais e vitórias bélicas, destruindo lares e corpos em plena juventude, festejos ruidosos, amores venais, olvidando o que os aguarda no Além após o desfecho da vida material. Há muito já devia existir institutos dirigidos por esclarecidos mestres onde fossem estudados os mistérios da vida humana.

Ah! caro professor. Ainda por muitos anos não surgirá uma Academia de Estudos Psíquicos, pois serão considerados loucos os que nela tomarem parte!

— Confiemos no porvir infinito da Humanidade e todas as realizações úteis se transformarão em eternas realidades! — exclamou Delavigne.

— Meu amigo, permiti que faça uma amistosa discordância. Conjecturo que este planeta, em que nos achamos presentemente, seja uma habitação mista de diversas raças que demonstram as diferenças existentes em outros orbes esparsos pelo universo. Há neste vasto globo terrestre, evidentemente, várias raças que demonstram a diversidade dos mundos de onde provieram. É, pois, a Terra um núcleo de povos de diferentes procedências planetárias, manifestando os conhecimentos adquiridos nos orbes de onde foram exilados para cá. Quem sabe, meu amigo, não seja a

Terra eternamente um planeta misto onde as raças se congregam para a futura fraternidade, mas, como julgo que jamais cessará o nascimento de seres humanos em número infinito de mundos esparsos pelo universo, este planeta seja, por todos os séculos, assim dividido por diferentes raças, com grande diversidade de progresso material e espiritual e, assim desse modo, nunca haverá uma só raça e todos os seres pensantes com o mesmo grau de conhecimentos, intelectuais ou espirituais.

— Tendes razão, dr. Januário, e eu não poderei dar-vos uma resposta definitiva senão após a evolução e a passagem dos séculos que hão de vir. Quantas crianças-prodígios, revelando conhecimentos artísticos ou científicos, hão de surgir, talvez em limitado tempo. Tudo o que tem acontecido na Terra, com o aparecimento de seres perversos e fatais às coletividades, como Nero e outros algozes da humanidade, e a vinda de Jesus, Pitágoras, Platão e Sócrates, tudo nos revela a diversidade do progresso moral e espiritual dos que, por momentos, habitam as regiões terrenas.

Em Delfos, o ideal templo da Grécia, houve casos admiráveis e, por vezes, as inspiradas pitonisas — os médiuns da antiguidade — fizeram revelações sensacionais! Pois bem, meu amigo, voltemos à realidade, pois urge o tempo para que possamos

descobrir o paradeiro do infortunado conde de Debret, provando a fragilidade das regalias sociais, do ouro, da supremacia das raças. Tudo para ele deve ter desaparecido do seu interior, desde que compreendeu o ato cruel que praticou, a desdita que atraiu para o seu próprio lar, o receio de ir para a prisão, que deve ser mais terrível do que a morte para um descrente na sobrevivência do espírito, a fagulha divina que existe em cada ser humano, seja o corpo alvo ou negro, de uma criança ou de um velho.

— Vamos, pois, providenciar para que amanhã tudo se realize como há muito concebemos em nossas mentes, onde se elaboram as mais belas e as mais tenebrosas ações do ser humano.

— De pleno acordo, dr. Januário. Há muito que já deveria ter sido iniciado na Terra o estudo dos fenômenos espíritas, que devem merecer tanto carinho como os que se relacionam com a matéria, mas, infelizmente, neste planeta, os que descobrem vantagens na extinção de um sofrimento material podem ter acesso às academias, com os aplausos de todos os que dele tiverem conhecimento, ao passo que os que estudam os fenômenos que ocorrem no íntimo da alma, os que desvendam os arcanos do passado e do futuro, são acoimados de imbecis ou de loucos.

Isto, porém, não causa estranheza, pois não há muitos

séculos, quando Colombo concebeu a ideia de descortinar a metade ocidental deste orbe, certamente porque tenha sido anteriormente um dos habitantes da América, depois reencarnado na Europa, tinha a nítida compreensão do que conhecia de um passado longínquo. Teve, pois, a inspiração de descobrir um novo mundo e só Deus sabe o que ele sofreu no início da viagem, depois vitoriosa e inesquecível, cercado de marinheiros rudes que talvez ao menor fracasso lhe arrebatassem a vida, como todos supõem, julgando que esta termine no túmulo quando então se inicia a verdadeira vida, que é a espiritual.

A crueldade humana, porém, é tão incontestável que, como sucedeu a Colombo depois do triunfo, depois de uma glória efêmera, foi desprezado e andou coberto de farrapos, tendo, para não morrer de inanição, de estender a mão à caridade pública, mão que deveria ser osculada por todos pela sua grande descoberta marítima e terrestre. O triunfo alcançado na Terra, porém, deve ter tido uma repercussão nos planos divinos, e quem poderá idealizar qual tenha sido sua recompensa?

Sim, Deus, o Juiz Supremo, o Pai abnegado de todos os seres humanos, que não ignora nem um só adejo de ave através do espaço, que concede um átomo de sua imortalidade a todos os seres pensantes, deve ter feito

justiça ao célebre navegador que, após seu desenlace do estojo carnal, deverá ter alcançado um hemisfério celeste. Não distinguem, porém, os entes humanos os esplendores do Universo, mergulhados que andam nas trevas planetárias, julgando que, mais tarde, onde baquearam os corpos, tudo terminará! Se a Humanidade melhor conhecesse as maravilhas do Além não vacilaria sobre a vida futura, dedicando-se então à prática do Bem, às conquistas morais e científicas, valiosas para Deus, e muitos seriam os libertos das trevas planetárias!

— É verdade, caro doutor, e muito folgo em perceber que as nossas almas vibram em uníssono e talvez sejam da mesma elevação espiritual! Que alegria será a nossa no porvir quando, em conjunto, pudermos desvendar os arcanos do Universo!

— Concordo convosco, caro professor, e possa desde já considerar-vos um futuro companheiro de voos pelo Infinito!

— Por enquanto, porém, dr. Januário, ainda estamos no planeta da Dor e da Lágrima e temos que agir em benefício de um coração filial sem o que talvez descambe para o túmulo. Podia haver tanto conforto material quanto moral e espiritual, mas este não existe no principesco solar porque quem o domina é um ser impiedoso e violento, que só deseja expandir seu gênio

arbitrário, os fulgores de sua raça... que ele julga superior pelos pergaminhos nobiliárquicos e pelos haveres que ultrapassam as despesas comuns da vida terrena.

— É verdade, sr. Delavigne. No momento em que o violento conde de Debret expulsa um servo, deixando-o ao desabrigo das intempéries não se lembra que o sofrimento que padece é gerado no coração, que não difere de um para outro indivíduo, seja este preto ou louro, rico ou pobre. Todos os corações são iguais na composição, todas as almas tem a mesma essência divina, porém os sentimentos, de acordo com os atos bons ou maus, já são diferentes. Nós, meu amigo, que já penetramos nos mistérios da alma, não temos mais o direito de errar com as atenuantes que tem os que iniciam as suas romagens planetárias.

Haveis de ter feito reparo na imposição que fiz ao conde, que talvez tenha sido julgada cruel, porém vou justificar o meu modo de agir. Conhecedor dos atos vis praticados pelo senhor do Solar de Diana, das crueldades cometidas contra a própria esposa que ele queria que fosse conivente com seus gestos de violência, indignado com o proceder piedoso da desditosa Genoveva, vítima da imposição de seus parentes que a forçaram a contrair casamento com o tirano para ostentar uma situação invejável, e pela

diversidade de sentimentos, todos os projetos caíram por terra.

A princípio em nada resolvia, sem os conhecimentos espíritas que ultimamente tenho recebido por intermédio da doutrina codificada por Allan Kardec. O que ocorreu com ambos deve ter sido consequência de passado trevoso: ela, a condessa, em pretérita existência, deve ter sido vaidosa e traidora de seu esposo e por isso a pena foi severa nessa finda encarnação. Quem sabe se já nos amamos numa anterior existência? Quem sabe se ela traiu o marido e, em outra mais recente encarnação, tenha resgatado o desvio do passado?

Compreendo que as nossas vidas devem ter sido ligadas por elos indissolúveis, que serão fortalecidos no futuro. Não tive em mira ultrajar o conde de Debret, mas o de dar-lhe uma prova da equidade humana, desviando-o de orgulho ilimitado, mostrando-lhe a ineficácia do ouro em muitos casos, como lhe sucedeu ultimamente, tendo de abandonar os requintes do conforto de seu solar para enfrentar as dificuldades, os horrores de uma longa jornada sem regalias, para verificar que o potentado pode ser arrojado do trono ao solo, sofrer as amarguras que padecem os destituídos de fortuna, os que lutam com a miséria mais penosa.

— Sim, meu amigo — concordou o digno professor.

O infeliz conde ainda não percebeu que Deus, o Juiz Supremo, o Pai justo de todos os seres humanos que contêm em seu âmago uma partícula de luz imortal que os ilumina através dos milênios e jamais se extinguirá e, portanto, que o que ele tem cometido de maldades e injustiças provém da falta de percepção de que o Onipotente não distingue os seres pensantes pelo esplendor do ouro, pelo fulgor da inteligência, mas pelas virtudes, pelos sacrifícios, pelos atos bons, que são os mais belos fulgores que se irradiam através do Espaço Sideral.

Cada ser humano deve esforçar-se pelo aprimoramento de seu espírito, quer por meio da Ciência, da Moral e da Caridade nos lares obscuros, enfim, pela prática de virtudes que o encaminham para Deus. Como poderemos concorrer com o nosso auxílio para aprimoramento de nossos espíritos senão cumprindo as leis divinas? Mostrando orgulho, expulsando os humildes de seus lares, deixando-os sem teto e sem pão? Não!

— Infelizmente, porém — falou o dr. Januário — esse infeliz de que falastes já cometeu igual crueldade em um passado não muito remoto.

— Sim, meu amigo. Lembremo-nos, portanto, neste instante, do infortunado pai do Luisinho, pois não sabemos quanto vamos demorar na peregrinação em

busca do desaparecido déspota do Solar de Diana!

3
A BUSCA

Tudo ficou aprazado para a partida dos que iam em busca do paradeiro do conde de Debret. O dr. Januário não foi ao Solar de Diana, porém Diana lhe remeteu uma quantia necessária à longa viagem que iam fazer a regiões longínquas e ignoradas.

— Não, caro professor. Eu não a recebo, pois não quero que pareça ser por interesse o que vou fazer por pura caridade, por simples ato de fraternidade cristã!

— Mas meu amigo — replicou o professor, emocionado — não podeis praticar uma ação meritória assim sem recursos que não possuís.

— Confiemos em Deus e na proteção de seus fiéis emissários. Não desejo ser escarnecido por ninguém. Se fui o causador da partida do conde não devo agora receber dinheiro de sua própria filha para ir procurá-lo.

— Sim. Não deixastes de refletir com exatidão, mas, para que vosso sacrifício não seja demasiado, o que precisarmos para as despesas maiores ficará a meu cargo e, quando regressarmos, tudo ficará esclarecido!

Assim foi o que ficou combinado para a volta, não tendo o professor deixado de dar diversas orientações à sua querida esposa e estimada discípula.

Angustiosa foi a separação daqueles entes idolatrados, que inundou de lágrimas os olhos do que partiam para ignorada região e os que ficavam no solitário castelo, sem outro conforto que o da crença na misericórdia divina. Logo que o professor partiu para encontrar-se com o médico, ambas se prosternaram na ermida existente no solar, suja porta permanecia sempre fechada porque o conde não sabia orar. Muito choraram e, quando se ergueram, abraçaram-se com o afeto de mãe e filha e foi esta quem disse tristemente:

— Que vale este solar ambicionado por todos, possuindo tesouro em joias e preciosidades diversas se não existe harmonia entre seu dono e os que aqui trabalham? Não seria eu mais feliz se morasse em uma choupana, ao lado de entes queridos, em plena paz, auxiliando, com os meus labores e sacrifícios, as despesas do lar?

— Não podemos modificar o destino senão após o término de nossa vida terrena, com atos de benemerência, altruísmo e bondade, sempre fiéis no cumprimento austero de todos os deveres morais e sociais. Não nos entreguemos à dor e ao desespero. Volvamos os nossos pensamentos para o Juiz Supremo, Jesus e os seus luminosos auxiliares e assim venceremos melhor as nossas provas.

— Como hão de transcorrer penosamente as horas neste solitário castelo!

— Sofres mais do que eu, ficando separada de teu pai e eu de meu companheiro de existência e de meu único filho? Não compreendes ainda a dor de uma afetuosa mãe, apartada e sem notícias daquele a quem deu o ser, parecendo-me que ainda o conservo nos braços e no coração aflito?

4
VIAGEM AO DESCONHECIDO

Vamos agora focalizar o local onde se encontravam o infortunado conde de Debret, Leonel Delavigne João Voltaret, criado fiel que, nos momentos mais dolorosos ocorridos com o dono do solar de Diana, era o seu único amigo, sem exigir recompensas e sempre tendo palavras amáveis e humildes para com o potentado de que era apenas servo anônimo.

A partida de Lille, ao amanhecer de um dia de janeiro, em pleno inverno, fora desoladora. Fretara uma carruagem a fim de os conduzir para Oeste, ao Estreito de Calais ou da Mancha, do qual o conde pretendia partir para o Sul da Europa, onde ficaria morando até poder navegar para a África, de acordo com a exigência do dr. Januário Closet. Partiram os três, no mais absoluto mutismo, mergulhados em profunda tristeza, embora revelando a atitude de cada um tudo o que lhes ia no íntimo.

O conde, cerrando os olhos, parecia estar em uma das dependências do castelo e, por vezes, julgava divisar a desventurada Genoveva, desejando ele que algum secreto adversário lhe varasse o coração com ferino punhal para que menor fosse o seu martírio moral. A filha, tão bela, mas abalada por soluções irreprimíveis, aparecia-lhe no cenário íntimo e, várias vezes, desejou regressar para conceber-lhe algum conforto espiritual, a seu modo.

Após alguns dias de jornada em confortável carruagem puxada por dois resistentes animais, chegaram a Finisterra, onde se hospedaram e o conde agiu prontamente para fretar uma pequena embarcação que o conduzisse e seus companheiros de viagem ao Sul da França e chegar ao Mediterrâneo.

Por vezes, o barco a vela em que viajavam era abalado por tormentas que, em mar sem obstáculos materiais, assumem proporções assustadoras. E sempre abalado por íntimas emoções, o conde de Debret, que tinha ardente desejo de regressar e de enfrentar, pelas armas, o dr. Januário, chegou finalmente ao Sul do país e resolveu ir a Túnis, no Nordeste da África.

Sem nunca expressar aos seus companheiros de exílio os pensamentos que lhe iam na alma, conservava-se sempre em completo mutismo, a não ser para lhes dar algumas ordens julgadas necessárias.

Por vezes, viu ele, não sem emoção, o jovem Leonel, com os olhos

marejados de lágrimas, percebendo o sacrifício que estava fazendo para acompanhá-lo, certamente saudoso de seus dignos pais.

O conde, com as emoções sofridas, deixando de externar os seus pensamentos por várias vezes com temor de ser ultrajado por desconhecidos, sentiu-se enfermo, sendo preciso que fosse chamado um modesto cirurgião que, após examiná-lo, perguntou:

— É inadiável a viagem empreendida por vós?

— Sim... tenho que estar... pela derradeira vez... com um parente que reside nesta região.

— Assim que for possível, deveis regressar à França, de onde dissestes que sois natural, pois o clima daqui muito diverge do de vossa pátria e a vossa saúde está bastante alterada.

Receitou o médico o que achou conveniente e retirou-se após, conjecturando que a vida do desconhecido francês talvez tivesse duração efêmera, em vista do que avisou o jovem Leonel a respeito.

Decorridos alguns dias de intensa inquietação, o estado de saúde do conde de Debret apresentou melhoras confortadoras. Chamou para junto do leito os seus companheiros de peregrinação e lhes disse, com humildade que causou surpresa aos dois, o seguinte:

— Não quero que me chamem... pelo título, enquanto durar a viagem, para não despertar ambições... criminosas. Chamem-me simplesmente de Rogério Benoit. Não digam a quem quer que seja algo sobre a minha situação financeira.

Leonel e João acharam razoáveis os amistosos alvitres e, passados alguns dias, reiniciaram a viagem, tendo Leonel transmitido aos pais e a Diana o local em que se encontravam e para onde tencionavam seguir.

Mais algumas horas de viagem marítima pelo Mediterrâneo e os itinerantes chegaram ao porto de Argel, capital da Argélia, possessão francesa, cujo aspecto muito diferia do das povoações europeias.

— Tenho que fazer-lhes outras observações — falou o conde a seus companheiros. Não poderemos demonstrar que trouxemos uma fortuna para a nossa subsistência. Vamo-nos hospedar em um lugar modesto, onde passaremos a residir por alguns meses até que obtenhamos a determinação daquele miserável que ordenou a minha saída da pátria querida.

Logo nos primeiros dias da chegada, sempre previdente, o titular foragido saía com os seus companheiros de exílio, sondando os arredores de Argel, cujo aspecto tanto diferia do das povoações francesas e lhe despertava a

atenção, agradando-lhe a diversidade de tudo.

Os habitantes trajavam-se, em geral, como os europeus, mas muitos ainda se vestiam como os asiáticos, já o mesmo não sucedendo com os habitantes berberes e árabes que predominavam em toda a região argeliana. Diversos eram os trajes dos habitantes, que predominavam nas feiras, sempre repletas de adquirentes de tudo o que se precisa para a alimentação e vestimenta. Trajes mais exóticos foram ainda observados por eles.

Já então um criado da hospedaria em que moravam havia observado que os novos hóspedes possuíam bons haveres e faziam diversas aquisições nos mercados locais para levar para algum país além. Havia a dificuldade de linguagem, mas, havendo um natural da Finisterra na hospedaria, estabeleceu-se uma comunhão de pensamentos que facilitou mais tarde o que veio a se verificar.

O conde de Debret, por intermédio de Leonel, expendeu os seus pensamentos mais amplamente, ordenando que uma carta fosse enviada com a maior brevidade, mas, ao recebê-la da mão do titular, o criado da hospedaria, que se chamava Francisco Morei, prontificou-se a leva-la ao lugar em que se fazia distribuição da correspondência para os diversos países europeus.

— Deixai comigo a carta, meu amiguinho, e eu lhe darei o destino da pátria de vossos companheiros de viagem. Não podeis dizer porque estais viajando pela África após tão longa separação de vossos entes queridos que lá ficaram?

— Estamos em busca de um parente, que residia na França e partiu para a Argélia há muitos anos, deixando a família ao desamparo, embora fosse ele possuidor de regular fortuna — respondeu Leonel, alterando a verdade para não despertar suspeitas, já temeroso de que houvesse sumiço da carta, prosseguindo após:

— Meu amigo, eu mesmo pretendo levar a carta de meu tio... para não vos ocasionar um trabalho que poderá ser evitado!

— Estais duvidando de minha sinceridade, jovem? — interpelou-o Francisco, fitando-o com aspereza.

— Não e, para que não duvides de minha sinceridade, eu vo-la entrego e logo voltarei para a hospedaria dos Amigos de Argel!

— Obrigado! Dentro de poucos instantes, estará esta carta em mãos do encarregado das expedições para a França.

Leonel entregou-lhe a missiva do conde de Debret e ficou sem

tranquilidade, pois temia que fosse violada e, desse modo, desvendados seriam os pensamentos mais íntimos do titular para a sua própria filha. Não teve ele a precisa coragem de revelar a verdade ao conde para que não fosse censurado pelo que fizera. Lembrou-se então de escrever aos seus pais, relatando-lhes o acontecido e enviando-lhes o endereço completo da correspondência para o conde e os seus acompanhantes.

Pela manhã, saíram os três para fazer observações pessoais. A população mista de Argel era interessante de ser observada. O comércio era ativo, grandemente constituído de negociantes de várias nacionalidades, com aspecto diverso dos europeus, com túnicas de diferentes tecidos, amplos mantos que os envolviam da cabeça aos pés.

O conde, trajando-se com modéstia para não despertar a curiosidade, ia em companhia de Leonel e João e, contra os seus hábitos de reserva, nunca revelando o seu pensamento aos seus subalternos, falou em inesperada confidência:

— Expus a verdade a Diana, isto é, que ainda estou de posse de avultada importância para a nossa manutenção por alguns meses. Tenho receio, quando me ausento da Hospedaria, de trazer comigo o que possuo e deixo os meus haveres na mala maior, de que trago a chave em meu poder.

— Sr. Benoit, falou Leonel em voz baixa para não ser ouvida pelos transeuntes, eu acho que deveria trazer tudo convosco, pois temo alguma traição neste país ainda desconhecido por nós.

— O quarto que ocupamos não fica bem fechado quando nos ausentamos? — disse o titular ao jovem Leonel, em tom aborrecido.

— Sim, mas já ouvi dizer que, em certos hotéis, há empregados que têm as chaves de todos os quartos, e assim podem fazer furtos sem deixar vestígios.

— Se tal suceder comigo... eu farei violências e, se puder, liquidarei com a vida de tal gatuno — disse o conde já em tom de violência que chamou a atenção dos que passavam.

Leonel então guardou silêncio e o conde comprou frutas e doces raros que levou para onde estava hospedado. Ao penetrar, porém, no aposento, notou que algo de extraordinário havia sucedido, pois as malas estavam com as cobertas revolvidas e, fitando ele a que guardava roupas e objetos de uso diário, observou que fora arrombada.

— Entrou aqui algum ladrão! exclamou o conde e, com as mãos trêmulas, abriu a mala e notou a falta de todo o seu dinheiro, mencionado na carta que na antevéspera dirigira a Diana.

Leonel, pálido de emoção, disse, em tom indescritível:

— Vou em busca do criado que costuma fazer a limpeza deste aposento.

Saía ele, com rapidez, quando ouviu um rumor de algum corpo que caísse no chão e um gemido prolongado desprendido de um peito oprimido.

— Volta, Leonel, depressa! O sr. Rogério caiu sem sentidos... e parece que vai morrer — falou João com a voz alterada.

— Não! Não é preciso, pois os hóspedes já perceberam o sucedido.

Realmente, decorridos alguns instantes, o dormitório do então Rogério Benoit estava repleto de desconhecidos, todos indagando a causa do desfalecimento do seu ocupante.

— Nós saímos a passeio... e quando regressamos percebemos que uma das malas tinha sido roubada. Onde se achava Francisco Morei, que faz o asseio deste aposento?

— Não sabemos, mas vamos ao seu encalço falou um dos hóspedes que, ao interrogar o dono da Hospedaria, verificou o desaparecimento do até então honesto serviçal.

— Vamos chamar um doutor — exclamou outro hóspede — e foi em busca de um médico que, ao penetrar no local em que jazia desmaiado o conde, perguntou:

— Quem se responsabiliza pelo pagamento? O estado deste homem... é muito grave!

Leonel e João ficaram em silêncio aflitivo e, compreendendo a situação de ambos, um dos hóspedes disse:

— Eu me responsabilizo pelo pagamento do médico e dos remédios... se o enfermo ainda puder fazer uso deles.

Depois de examinar o enfermo, o médico elucidou:

— Caso grave de comoção cerebral. Talvez o doente não resista mais, pois já está debilitado e com a idade avançada!

Retirados os curiosos, depois de prescritos os tratamentos aconselhados pelo médico que foi pago pelo generoso hóspede, o doente recobrou os sentidos. Logo após fitou, como se fossem desconhecidos, o jovem Leonel e o fiel João, que se aproximaram do leito e lhe dirigiram algumas palavras mas o conde permanecia mudo, em vista do que Leonel foi à procura de esclarecimentos na residência do médico chamado para examinar o enfermo.

— Deixem-no em completo repouso, interrompendo-o apenas quando lhe forem ministradas as doses dos remédios receitados e dos raros alimentos que pode tomar. Qualquer alteração no regime aconselhado ser-lhe-á fatal.

O doutor, que falava em francês mas era argelino, ficou de visitar o enfermo à tarde, mas Leonel lhe falou com tristeza:

— Já compreendestes o motivo da enfermidade... do sr. Rogério Benoit: o desaparecimento de incalculável quantia que ele possuía... e foi roubada. Agora, no entanto grave em que se encontra, vou pedir recursos pecuniários meu pai, na França, para podermos sair da aflitiva situação em que nos achamos!

— Compreendi o sucedido, jovem francês, e creio na tua sinceridade. Não te aflijas que não deixarei de visitar o enfermo por falta de pagamento!

— Juro-vos que não deixareis de ser pago, pois possuo duas joias de algum valor monetário e vou dispor de ambas para as primeiras despesas.

— Não faça tal coisa, rapaz, porque, se o doente falecer, terás que providenciar o enterro e depois como poderás voltar ao teu país?

— Vou escrever hoje mesmo a meu pai.

— Procederás com acerto, jovem, e logo irei ver o doente e opinar sobre o seu estado, que considero grave.

Decorreram mais alguns dias de grandes inquietações e o conde começou a apresentar algumas melhoras, sem qualquer perturbação mental. O dono da Hospedaria, porém, chamou Leonel à sua presença e lhe disse com aspereza:

— O ladrão Francisco Morei desapareceu para sempre. O enfermo já pagou a sua permanência aqui até o fim deste mês, para o qual faltam cinco dias apenas. Quero avisá-lo de que, se não for efetuado o pagamento adiantado do próximo mês, terás que procurar outro lugar.

O proprietário da Hospedaria, que parecera agir para procurar e prender o criado infiel, mostrava-se agora impiedoso para com os hóspedes prejudicados.

João Voltaret saía desde o amanhecer em busca de outro albergue, que, após muitas horas de fadiga, foi achado e era muito humilde.

— Quando o sr. conde perceber a verdade da situação penosa em que nos encontramos será fulminado por outra mais intensa comoção cerebral! — falou o servo fiel.

— Quem sabe se o gatuno não agiu por conta do dono da Hospedaria? — pensou João, aventurando uma hipótese admissível.

— Quem poderá dar-te uma resposta acertada senão Deus? Vou entrar em um dos templos de Argel e implorar a proteção de Jesus e a dos mártires cristãos para sairmos desta situação quase desesperadora.

Leonel Delavigne saiu e dirigiu-se para uma igreja cristã, de construção

antiga e já assinalada pelo tempo, mas cujo interior oferecia um aspecto confortável, com imagens artísticas e, com os olhos inundados de lágrimas, assim orou:

— Jesus, Vós, que tanto sofrestes na Terra, compadecei-vos de mim e de meus companheiros de lutas. Vede a nossa situação angustiosa: longe da pátria, sem amigos e desprovidos de recursos pecuniários, e ainda tendo que agir em benefício de um infeliz doente que foi certamente atingido pelo punhal do sofrimento para abrandar-lhe o orgulho e faze-lo trabalhar pelo progresso espiritual! Permiti, Senhor, que ele desperte novamente para a vida e para nortear sua alma para o progresso definitivo! Permiti que ele não fique amortecido sobre um mísero leito, mas que desperte para o arrependimento, para as missões de piedade, de amparo aos que sofrem, aos que não tem pão, para que não se esqueça nunca que Vós amáveis as criancinhas, os enfermos e os desventurados!

Permiti, Amigo dos que padecem, que sejamos socorridos pelos vossos fiéis Mensageiros e decorridos alguns dias possamos regressar à França, onde nos aguardam seres queridos.

Tende compaixão de nós! Restituí a lucidez espiritual ao potentado... que ficou reduzido a um mísero e humilde enfermo, recebendo o amparo dos que julgava apenas humildes servos sem mérito e sem dignidade. Bem-compreendo, Senhor, que ele recebeu um golpe inesperado para abrandar-lhe o orgulho e a arrogância, mas Vós, que sois indulgente, compassivo e piedoso, valei-o na situação penosa em que se encontra e a seus companheiros de peregrinação terrena. Compadecei-vos de nós, Senhor e Amigo incomparável dos que sofrem!

Abalado pelos soluços, Leonel orou por mais alguns minutos, implorando a misericórdia divina e só então resolveu regressar para onde se encontravam o conde de Debret e seu criado João Voltaret.

Ao chegar e antes de dirigir qualquer palavra ao companheiro de provas, irradiou o pensamento novamente ao Pai celestial e ao Redentor, em benefício do enfermo, que proferiu um prolongado gemido.

— Estais sentindo melhoras, sr. conde? — interpelou o jovem ao titular.

Ele descerrou os olhos, fitou tudo quanto o cercava e, com voz débil, assim falou:

— É verdade... que ainda não morri? Que faço eu aqui, longe de Diana?

— O sr. conde tem estado seriamente enfermo, mas hoje está voltando à vida! — respondeu Leonel.

— Pareceu-me que eu... já estava morto... quando vi a... querida Genoveva se aproximar de mim, dizendo com emoção: “Não convém que venhas para cá... antes de remir muitas... faltas! Houve quem orasse em teu benefício e... eu também o fiz... e tenho fé em Jesus... que irás despertar novamente para a luta da vida! Escuta minhas palavras, Rogério, nunca mais faças o mal, nem expulses os servos do castelo que te pertence. Se não quiserdes atender ao meu fraterno pedido... tens que partir... para a expiação de teus crimes!”

Quando ela silenciou, ouvi um gemido... que foi o que me despertou agora.

— Graças sejam rendidas ao Pai celestial e a Jesus por haverem atendido às nossas súplicas, sr. conde. Fui orar em um lindo templo e é provável que estivesse a meu lado o espírito da senhora condessa, desejosa também de vossa salvação espiritual!

— Agradeço-te as preces... e hei de retribuir o que tens feito por mim!

— Não aceitarei nenhuma recompensa, pois o Magistrado Supremo é generoso para com os que cumprem os deveres morais sem ostentação e recompensa material!

— Eu, em criança, perdendo a minha mãe e pouco tempo depois o meu progenitor, não tive quem me ensinasse nenhuma religião. Agora que vi a querida Genoveva, desejo compreender o que ocorre conosco depois que levarem o nosso corpo para a sepultura!

— Eu vos felicito, sr. conde, pelas ideias que desabrocharam em vossa alma! Agora, voltemos à realidade. Temos que tratar de nossa mudança para outro local. Já escrevi a meu pai para ele vir aqui e trazer recursos pecuniários para nossa manutenção, pois nossa permanência aqui depende da vinda da quantia que nos for remetida. Depois conversaremos. Vou buscar um alimento para o sr. conde.

Leonel saiu do quarto e foi à procura do dono da Hospedaria que o atendeu com a mesma aspereza e assim lhe falou:

— E assim que procedeis, senhor, depois do prejuízo que tivemos por causa de um criado que devia ser vosso conhecido?

— Que tenho eu com a vida dos que são pagos para me servirem? Quero apenas saber se aqui sabem ou não fazer os serviços com perfeição. Francisco Morei sabia trabalhar e sua falta é lamentável para mim.

— Com certeza ele voltará assim que partamos de Argel! — disse o jovem com sarcasmo.

— Que insinuação é esta, rapaz? Agora nada há que me faça tolerar tua permanência aqui, nem de teus companheiros. Desapareça de minha vista

para que não sejas ainda castigado, ousado!

Leonel, abatido pela ofensa recebida, foi em busca do conde que o autorizou a fazer sua transferência para outra habitação por mais humilde que fosse, até chegarem os recursos pedidos na França.

Ainda mal se sustendo em pé, trôpego e curvo, o conde de Debret, amparado pelos companheiros de exílio, chegou ao local onde teria que permanecer até que pudesse voltar à sua pátria. Quando os três penetraram no humilde refúgio que Leonel alugara por uma quantia modestíssima, o titular caiu no chão e, quando Leonel e João conseguiram erguê-lo, começou a soluçar e exclamou:

— Antes a morte do que tanto sofrimento como venho suportando. Agora já me falta coragem para vencer a luta!

— Não vos revolteis contra o Juiz Supremo, sr. conde! — exclamou Leonel, que já estava convencido das verdades ensinadas na doutrina kardecista.

— Como podes afirmar que existe Deus? Quem já o viu? Onde se encontra Ele?

— Sr. conde, basta que vosso olhar abranja o firmamento, os oceanos e mares, as plantas e as criaturas providas de movimento, vida e inteligência! Quem poderá negar a sublimidade da chamada Natureza que contemplamos desde as mais belas manhãs às mais tétricas noites? De onde vieram para este planeta os animais dos mais variados aspectos? Quem semeia pelo solo os vegetais das mais diversas utilidades? De onde provém o azul do chamado céu? Quem povoou este orbe das mais diferentes raças, desde o preto africano, cor da noite, até o branco louro, cor do lírio? Quem poderia manter os planetas, os astros e as estrelas a uma incalculável altura, todos a igual distância, sem jamais se despenhar das alturas e cair nos abismos insondáveis do Universo? Quem faz germinar as flores, cada qual com uma cor, forma e aroma diversos?

— E quando terminarás a bela lição que certamente aprendeste com teus pais?

— Vou concluí-la agora mesmo para não vos fatigar.

— Mais tarde ouvirei, com interesse, as tuas lições de estudioso. Todo o meu mal, que grandemente me prejudicou, foi não ter tido quem me orientasse nas questões espirituais. És tão jovem ainda, e já estás preparado para enfrentar os problemas da vida com precisão. Mas onde estamos? Quem vai pagar o aluguel deste casebre? Como poderemos fazer face às despesas

decorrentes de nossa alimentação?

— Tudo será conseguido, sr. conde, quando vier o auxílio que já solicitei a meu pai.

5
AS LEIS DIVINAS

A nova instalação do conde e seus companheiros de viagem à África foi quase angustiosa. O jovem Leonel, despendendo quase tudo que possuía, dádivas de seu pai e do conde logo que chegara a Argel, adquiriu um leito modestíssimo para o titular, colchões para ele e João, alguma louça, gêneros alimentícios e ficaram esperando da França os recursos pedidos, mas os dias foram transcorrendo sem nenhuma carta ser recebida.

Leonel, temendo que lhes faltasse o pão em seu desconfortável abrigo, conseguiu um humílimo serviço em uma barraca de feira mais próxima para obter algum recurso pecuniário, que, quando regressava à tarde, era entregue ao conde de Debret, que ainda não havia conseguido erguer-se do leito, tanto pelo jovem como pelo servo dedicado que dizia conseguir algumas moedas em serviços também bem humildes.

Certa noite, já recolhidos ao mísero aposento onde os dois companheiros se acomodavam para refazer as forças gastas no trabalho diário, Leonel interpelou o amigo:

— João, qual é a tua ocupação depois do jantar quando te ausentas deste albergue em que vivemos?

— Seria melhor que nunca o soubesses... para a verdade não chegar ao conhecimento do sr. conde...

— Não! Faço questão de saber em que te ocupas, pois sei que és um homem honesto e bem intencionado. Quero saber a verdade para que faça um exato julgamento de teu proceder.

João conservou-se silencioso, mas, diante da insistência de Leonel, baixando a voz, com os olhos inundados de lágrimas, assim falou:

— Estou implorando... esmolas onde há mais ajuntamento de gente, ora na porta dos templos, ora junto de alguma casa de diversões. Tenho recebido muitos insultos que mal compreendo, pois quem nos dirige quase sempre não é conterrâneo nosso!

Valha-nos Deus! Como está sendo esmagado o orgulho do desditoso conde! — exclamou Leonel, também com os olhos marejados de lágrimas. Será que não percebe ele a nossa dolorosa situação? Que fará quando souber

toda a extensão da deplorável verdade?

— Aguardemos o final do drama de nossa vida, Leonel! Nunca pensei que chegasse a uma situação tão penosa!

— Resignemo-nos com as provas pelas quais ora passamos. Só Deus sabe a verdade e por que está sendo experimentada a nossa coragem também a nossa resignação!

— Se não vierem os recursos que pedimos ao Solar de Diana, como procederemos então? — perguntou João ao seu companheiro de lutas.

— Resolverei a situação dispondo de um anel e de um alfinete de gravata que me foram doados pelo meu padrinho, homem rico, antes de sua partida para o Além. Só espero é ficar o sr. conde em condições de viajar novamente.

E os dois fiéis companheiros do conde continuaram a esforçar-se com heroísmo para que não lhe faltassem remédios e alimentos, e os dias foram transcorrendo sem que viessem quaisquer notícias da França.

— Escuta-me, Leonel — disse ao jovem certa tarde o dedicado João, quase ao partir para os lugares em que pudesse angariar algumas moedas para suavizar a penosa situação em que se achavam.

— Que desejas falar-me, João? — indagou o filho do professor Delavigne.

— Ontem, estando eu com a mão estendida a suplicar auxílio aos transeuntes, vi um caminhante que repentinamente fraquejou e caiu na rua. Aproximei-me dele, arranjei água na casa mais próxima e consegui que se erguesse e o levei até onde mora. Ao deixá-lo, disse-me ele:

— Não sois da Argélia, não é verdade? — perguntou-me em francês, com a pronúncia alterada pelo seu idioma.

— Resido provisoriamente aqui em Argel com dois amigos até que possamos regressar a Lille, uma das cidades do Norte da França.

Então ele indagou o que pretendíamos fazer tão longe da pátria e eu lhe fiz algumas confidências. Parecendo-me interessado pela nossa situação, falou-me assim:

— Se depende o teu regresso da saúde do que aqui veio em busca de um parente, pois então vou dar-te um conselho. Há um herbanário que reside no extremo da cidade e que só não consegue que os enfermos, depois de mortos, ressuscitem. Estou sendo tratado por ele e já me sinto com a saúde quase recuperada. Queres que te leve amanhã até onde reside ele?

— Sim — respondi-lhe prontamente. E foi assim que combinamos um encontro no lugar em que caiu no chão e lamento não me poderes fazer companhia.

— Gostaria de acompanhar-te, mas bem sabes que não podemos abandonar o enfermo, que, à menor emoção, poderá morrer.

No dia seguinte ao em que se realizou este diálogo, João saiu à noite para esmolar e regressou ao pardieiro em que residia com um personagem idoso, vestido de túnica azul-marinho, o qual foi introduzido no desconfortável dormitório do conde de Debret para vê-lo e aconselhar o uso de remédios restauradores de suas forças. Expressava ele seus pensamentos com lentidão, em uma linguagem quase incompreensível, ora em francês ora em árabe e, ao aproximar-se do enfermo, ajoelhou-se e, erguendo os braços para o alto, começou a vibrar seus pensamentos de uma forma emocionante.

O conde de Debret, estirado em seu mísero leito, não desprendia o olhar do estranho herbanário que estendeu os braços sobre ele, elevou-os após e dirigiu a seguinte súplica ao Deus dos Árabes — Alá — que os presentes puderam entender:

“Senhor! Este irmão é um pecador e está dominado pelo espírito de seu próprio pai... que já o fez cometer um crime... pois sua companheira da existência atual... foi levada para a sepultura... Ela aqui se encontra toda chorosa... pois foi sempre piedosa e compassiva... Ora está aqui... ora está perto de sua filha que se acha preocupada... com a falta de notícias deste enfermo... Este precisa de abrandar seu gênio... para conseguir melhoras de sua saúde... Precisa de merecer o perdão de Alá e dos seres humanos... pois em caso contrário... morrerá na miséria e longe da filha... que tanto tem sofrido. Perdoai-o, Senhor!”

Depois de se dirigir a um ser invisível que só era percebido por ele, voltou-se e disse a João:

— Prometo voltar amanhã... e trarei as ervas para restituir-lhe a saúde. Até amanhã.

Saiu o estranho personagem e, fiel ao que prometera, pouco depois do amanhecer, reapareceu levando em uma bolsa de tecido de algodão algumas ervas, ensinou como seria feita a infusão e qual a quantidade que o doente deveria tomar, ficando de voltar após dez dias para novas preces e exame geral.

João pode conseguir algumas moedas que foram entregues ao herbanário, que agradeceu sem haver contado a pequena quantia recebida.

O conde de Debret, em certo momento, confidenciou ao dedicado servo que desejava sua cura para poderem regressar à pátria.

— Como odeio o dr. Closet! Tudo quanto tenho sofrido teve origem

naquele ser maldito. Nunca concebi o pensamento de sair da França forçado ainda mais por um plebeu desclassificado para agora estar na situação de um miserável mendigo, vivendo às expensas de dois subalternos! É horrível a minha situação! Preferiria morrer... para acabar com esta situação humilhante!

— Perdoai-me, sr. conde, falou João, e permiti que vos diga o que me veio à mente: viestes adquirir experiência da vida terrena! Nascestes em berço de ouro, tivestes sempre quantias fabulosas para os vossos gastos pessoais e do Solar de Diana. Não vos compadecestes, porém, dos míseros servos, dos que lutam com a falta de pão e de remédios e por isso estais agora longe do lar e padecendo o que vos era indiferente há poucos meses, até saímos da França. O sr. conde deve elevar o pensamento a Deus, pedir-lhe perdão... e a que fez padecer e então a vossa vida será completamente modificada!

— Onde aprendeste estas loucas teorias, filhas da ignorância? Pensas que hei de crer no palhaço que esteve aqui?

— Esteve, não! Está entrando neste pardieiro! — exclamou João, dirigindo-se à porta pela qual penetrava o herbanário que já lá estivera pela manhã.

— Salve, mestre! — saudou-o o servo fiel do conde de Debret. Não disseste, que só voltarias aqui depois de dez dias? Porque resolveste voltar no mesmo dia?

— Para convencer este irmão doente... que está passando por esta prova... por causa de seu orgulho e falta de crença em Alá e em seu Enviado — Jesus de Nazaré! — respondeu o recém-chegado.

O conde, que havia escutado o que ele dissera, irritou-se, dizendo-lhe:

— Não pensem os dois que estou acreditando no que houve. Estão combinados para me iludir, mas não o conseguirão. Não há nada na Terra que beneficie os doentes senão os remédios quando acertados com a enfermidade de que padecem. Sou descrente em tudo. Não procurem enganar-me!

— Meu irmão, não se altere deste modo! — exclamou em sua linguagem pitoresca o herbanário. Quero dar-vos uma prova... para o resto da vida. Haveis de permitir que eu, sem me aproximar de vosso leito, vos faça executar o que nunca fizestes desde que chegastes à Terra?

— Quero sim, intrujão — falou o titular com irritação.

O herbanário não lhe respondeu o insulto, ajoelhou-se contrito, elevou os braços para o Alto e falou com humildade:

— Alá bem-amado, eu Vos peço para ser atendido neste momento. Tende

compaixão de todos os seres que criastes. Vede, Senhor, este nosso irmão que não me expulsou de seu lar porque está preso ao leito, mas Vós haveis de permitir que ele reconheça que sois bom e piedoso, justo e generoso. Permiti, Senhor, que ele se erga do leito, de alguns passos e levante os braços como eu faço neste instante. Perdão, Senhor para todos os que aqui se acham e mormente para o enfermo. Perdão para ele, Senhor!

— Não acredito em embustes, explorador! — gritou o conde de Debret.

— Fazei esforços para levantar-vos, Senhor!

O conde, dominado por uma força poderosa, levantou o corpo e, movido por um poder inconcebível aprumou-se no pavimento e deu alguns passos, soluçando de emoção.

— Bendito seja Alá! — falou o recém-chegado. Graças Vós sejam dadas agora e eternamente por todos os benefícios que nos concedeis e nunca saberemos agradecer-Vos. Bendito seja Alá!

O conde, subitamente, inspirado a praticar o primeiro ato humilde de sua vida, aproximou-se do herbanário, enlaçou-o pelo pescoço, dizendo-lhe com a voz trêmula:

— Se eu ainda viver por mais alguns dias, até reaver o que possuo, não serás esquecido!

— Muito obrigado, senhor, mas eu quero trabalhar... até meu corpo resvalar na terra e minha alma... arrojar-se pelo Espaço sem fim!

— Perdoa-me o que te disse, bom homem. Eu te julgava um impostor, mas, de hoje em diante, virás aqui como for possível, pois quero aprender contigo as verdades que ignoro.

— Eu me compadeço dos que sofrem. Virei aqui em breve para afastar o espírito que vos tem prejudicado e que será levado para muito longe... se não quiser ser bom para os seres humanos... Há um espírito que vos protege e que é uma jovem muito bela... Tem a face manchada como por uma tintura... que vai desaparecer agora.

— Já tiveste quem lhe relatasse acontecimentos da minha vida, senhor! — exclamou o conde com a voz alterada pela emoção que vibrava em sua alma.

— Estais enganado, senhor, pois este que aqui se acha, como servo e amigo, não sabe onde é a furna em que vivo... e foi por acaso que ele me encontrou quando amparava um doente que já está com a saúde recuperada. Escutai-me: se souberdes sofrer com resignação, e perdoar os vossos adversários, dentro de poucos dias ficareis liberto de todas as provas atuais, estareis com saúde e podereis regressar à vossa pátria... mas, em caso

contrário, as vossas dores, do corpo e da alma, serão aumentadas... Tereis que morrer nesta região, longe de vosso lar e do ser que mais prezais sobre a Terra — vossa filha!

— Considero notável tudo quanto me disseste e talvez tuas palavras façam nascer alguma fé... em minha alma, ou onde se arquivam os sentimentos humanos! Se não estiveres faltando com a verdade, se não tiveres recebido nenhuma informação sobre minha vida... saberei recompensar-te generosamente!

— Senhor, eu vivo quase que em uma gruta, de pobreza ilimitada... Que me vale receber moedas que não se transformarão em alegria e paz para o meu coração?

— Pois também sofres podendo melhorar as condições humanas?

— Eu vos conto a verdade, senhor. Creio que cada ser existente, rico ou pobre, já teve outras vidas planetárias e aqui, no plano terrestre, está resgatando o que praticou de mau em outras das quais não se recorda, mas que poderá compreender pelos sofrimentos que tiver. Casei-me com uma formosa jovem que me fez ditoso por alguns anos, criamos um filho que, depois de casado e com uma filhinha chamada Dácia, sendo ele honesto e laborioso, julgavam-no muito rico e certa noite bandidos lhe invadiram o lar, tirando-lhe a vida, a da esposa e a de minha companheira de existência. Ficou somente a netinha, Dácia, que já está com quinze anos de idade e vive a meu lado, suportando todas as misérias de nossa vida. Quantas vezes chego ao nosso lar... sem levar sequer uma fruta para seu alimento! Vamos assim padecendo até que sejam minoradas as nossas provações!

— Como podes viver assim, suportando tantos sofrimentos e necessidades?

— Tudo o que começa na Terra há de ter um limite no Céu. Tenho certeza de que encontrarei os entes queridos que tragicamente partiram para o Além. As recordações e as misérias terminarão... quando o meu corpo tombar na sepultura.

— Desejo minorar a tua sina, meu amigo!

— Pouco tempo terei que ficar neste planeta de sofrimentos. O que me tortura o coração... é ter que deixar ao abandono a minha querida netinha!

— Pois bem. Vamos combinar o que ora pensei: se vierem as pessoas que esperamos da França, se eu puder andar sem dificuldade, saberei ser generoso contigo. Terás uma modesta habitação e, com o que adquirir, o que for necessário para teu lar.

— Eu muito vos agradeço, senhor, mas, se não puderdes realizar o que me prometestes, continuarei da mesma forma a me interessar pelo vosso destino.

6
AS REVELAÇÕES

Decorreram quase dois meses após o que foi narrado anteriormente. O herbanário, que se chamava Saul Religari, continuou a prestar o seu auxílio ao conde de Debret e, certo dia, quando o visitava, falou-lhe com reconhecida humildade:

— Senhor, vosso destino, que parecia estacionado, vai ser modificado. Vão chegar seres amigos em vossa procura e a um deles não consagrais nenhuma afeição, mas crede que ele muito vos beneficiou. Sem ele, teríeis um futuro angustioso, cheio de trevas. Foi ele quem despertou vossa alma para aproximar-se de Deus. Não o amaldiçoeis, senhor, mas abençoai os vossos padecimentos que hão de dar-vos melhorias até que tenhais que partir para mundos ditosos... e tereis saudades de tudo quanto sofrestes na Terra.

Abrandai o vosso gênio impulsivo, senhor. Vós sois bondoso, mas há um espírito que exerce domínio sobre o vosso e vos tem forçado à prática de muitos delitos, mas se de agora para o futuro, abrandar o vosso orgulho, exercendo a caridade e perdoando os que vos ofenderem... sereis liberto dele. Se receberdes como filhos de Deus os que virão a vosso abrigo atual no dia seguinte podereis erguer-vos do leito e segui-los para onde vos aprouver!

— Dá-me a tua moradia, amigo, onde irá o fiel João chamar-te à nossa presença para que sejas recompensado, pois sei que eles virão com uma quantia suficiente para as despesas da viagem e para o que for preciso.

— Virei, senhor, sem que se dirija alguém a meu pobre abrigo, mas, como desejo que não penseis que esteja ocultando o local em que vivo com a minha netinha, vou explicar a meu amigo João onde me escondo... dos ricos e orgulhosos.

O herbanário retirou-se e o conde de Debret ficou meditando sobre tudo quanto ouvira. Com aquele obscuro indiano adquirira tantos conhecimentos que devassavam o futuro de qualquer ser humano? Por que algumas criaturas recebiam tantas orientações úteis à humanidade e outras não desvendavam nem um minuto do dia seguinte? Que faculdades possui esse humilde homem que receitava, com verdadeira segurança, remédios que curavam os que padeciam dores do corpo e da alma, se é que essa existe realmente? Quem

seria o seu dominador? Por que sempre que queria desvendá-lo... lembrava-se de seu arrogante e cruel progenitor? Por que o fazia padecer tanto?

Ao findar daquele dia em que o herbanário fizera diversas revelações, o conde de Debret tivera um sono profundo, o que há muito não lhe sucedia.

Viu-se ele, inesperadamente, no Solar de Diana, mas no tempo de sua primeira infância, ainda dominado pelo seu cruel progenitor, e muitos dos servos que ainda lá viviam. Seu avô, que também era titular, expedia, a todos os instantes, ordens autoritárias aos pobres e infelizes serviçais. Certo dia saiu subitamente do solar e dirigiu-se para perto de um templo... para contemplar uma jovem, de notável formosura, que ia à missa em companhia de seu esposo. Ele avançou para o marido e quis apunhalá-lo, mas não conseguiu o seu intento, pois foi agredido e aprisionado por diversos populares. O que causou forte impressão a Rogério Benoit foi que a jovem, que se achava na igreja com o esposo, era o retrato fiel de sua esposa, morta tragicamente... por sua causa. Como não entendesse semelhante coincidência, ouviu alguém falar:

— Já não te lembras mais daquela época, Rogério, mas eu, um dos teus guias espirituais, posso esclarecer a verdade. Aqueles que vistes em um templo... eram os genitores de Genoveva, pobres mas felizes. Apareceram assassinados certa noite, em seu próprio lar, deixando aquela linda filhinha, que foi batizada com o nome de Genoveva e anos após se casou contigo... contra a vontade do espirito do teu progenitor, que foi o inspirador do assassínio de teus sogros. Eis por que, ele, no plano espiritual, tendo-se suicidado sem que ninguém o suspeitasse, passou a te dominar e, por isso, foste tão infeliz sob o domínio incessante desse orgulhoso e prepotente antepassado teu.

Ficaste, desde a primeira infância, sem teus pais, porque tua mãe não pode resistir aos dissabores que o esposo lhe causara e morreu subitamente, ingerindo um tóxico mortal, tal como aconteceu à tua recente companheira de existência terrena, e teu pai, pouco depois da dolorosa ocorrência, que ficou impune, também pôs termo à vida terrena, pensando que o conseguiria, mas viu que lhe sucedeu justamente o contrário.

Ainda dominado pelo orgulho e pela vingança, não desejava que desposasses a filha da jovem que ele cobiçara. Assim, o espírito de teu pai tem sido o causador de teus mais acerbos infortúnios e de atos de crueldades, os quais devias ter repelido como injunções perversas e indignas, mas tu o obedeceste e as executaste. Agora, de acordo com a Justiça Divina, vai ele ser

retirado de tua presença, se souberes bem cumprir o que for determinado pelo Juiz Supremo.

Não procures mais transgredir as leis celestes. Humilha-te, pois, e ergue os teus pensamentos para o Onipotente, implorando-lhe perdão para a tua alma e a de teu pai... e sentirás grande alívio em teus grandes sofrimentos morais e físicos.

Sou um dos teus guias espirituais, segui os teus passos desde o teu retomo a este planeta de provações e pretendo alçar-te comigo às paragens siderais. Não desejo que fracasses mais e agora eu te previno que se continuares impaciente, odiando o próximo, desejando vingar-se do dr. Januário Closet, que é um homem digno de tua amizade, pois o que ele te impôs só se reverterá em eternos benefícios para a tua alma de transgressor das Leis Divinas, só te prejudicarás.

O que ele pôs em execução foi o teu afastamento da opulência e da prepotência, fazendo-te conhecer como vivem os humildes, os que não tem e nunca tiveram abastança, a fim de que, quando regressares ao teu solar, não cometas mais os crimes morais que tens praticado ali, onde chora a piedosa Diana. Ouviste bem o que te transmiti, irmão?

— Sim — respondeu o conde com a voz esmaecida.

— Queres ainda regressar à França?

— Sim! — acrescentou com incontida alegria.

— Pois bem, então não transgridas mais os decretos celestiais, evitando qualquer violência que te será fatal!

— Não seria melhor que me transformásseis apenas em um punhado de cinzas... que terminásseis para sempre com a minha vida?

— Não, infeliz! Por mais angustiosa que seja a vida de um ser humano ou por mais que padeça no plano terreno, tem ele, por futuro, a verdadeira felicidade, a ausência da dor e a moradia em planetas maravilhosos cuja descrição jamais seria acreditada por ti! No entanto, meu amigo, para essa conquista surpreendente nada mais deve a criatura humana senão crer na Providência Divina, no poder benéfico do Fator Universal, nos progressos moral e espiritual, no trabalho honesto por mais humilde que seja e pela aquisição da virtude que é remate de todas as provas terrenas!

— Como pode um ser humano fazer semelhantes conquistas senão em milênios e, no entanto, raros são os que ultrapassam meio século?

— Não me refiro à vida terrena de cada ser humano, mas a que transcorre, durante séculos, em diversos avatares, isto é, em reencarnações sucessivas!

Conservarás na memória o que acabo de expor-te e não transgridas mais nenhum dever moral, por mais que sofras com a sua execução. Quero conseguir a vitória almejada por todo ser investido em nobre e difícil missão espiritual, isto é, a de conseguir retirar alguns do pântano do vício e da maldade para as culminâncias da Fé, da Piedade, do Amor ao próximo e ao Juiz Supremo. Vais despertar, pois a alvorada já raiou. Não te esqueças de meus salutares conselhos que hão de levar-te à verdadeira felicidade: a ausência de remorsos e ódios e sua inclusão em belos orbes siderais, cujos esplendores nenhum ser humano poderá fantasiar por mais que se esforce. Até breve!

Despertou o conde surpreso, julgando haver enlouquecido por algumas horas. Durante o dia que transcorreu, após a mencionada revelação espiritual, readquiriu ele alguma serenidade mental e, como sempre acontecia, ordenou a Leonel Delavigne que fosse sindicar se havia chegado alguma carta da França, incumbência sempre de resposta negativa. Desalentado, ao regressar, certa vez, à sua humilde residência, disse Leonel ao conde:

— Senhor, a última carta que dirigimos para o Solar de Diana foi quando ainda não havíamos saído da hospedaria em que fostes roubado, portanto ainda não comunicamos aos nossos entes queridos que nos achamos nos arredores de Argel. Quem sabe se a correspondência tem ido para lá e o seu dono, homem sem escrúpulo, a abriu com fins escusos?

— Não deixas de ter razão, pois o que ali aconteceu não deixa dúvidas de que ainda possamos ser vítimas de novos furtos de dinheiro a nós enviado!

— Esperemos mais alguns dias, sr. conde, continuou Leonel, e, se dentro em breve não chegarem notícias da França, pretendo dispor de uma joia ofertada em meu aniversário pelos meus queridos pais e partirei para lá com o fim de providenciar sobre o vosso regresso e o de João.

— Sim. Aprovo teu projeto, que é bem sensato, a fim de sairmos, de uma vez, deste exílio angustioso.

Contra a expectativa de ambos, subitamente, com os estafantes esforços feitos, Leonel enfermou e foi necessário empenhar a joia, objeto de seu projeto de volta à França, sendo preciso sair João em busca do herbanário que custou a ser encontrado.

Finalmente, certo dia, chegou o adepto de Alá ao paupérrimo tugúrio em que moravam os três exilados e assim falou:

— Não é nada de grave, meu irmão, disse o humilde amigo daqueles seres em provações. Vou aconselhar o uso de algumas plantas que serão

encontradas na feira, em uma barraca um pouco isolada, mais para o lado do sol nascente, na qual se vendem ervas medicinais que curam a. febre e fortalecem o organismo. Vamos, João. Eu irei contigo para a aquisição dos remédios, mas antes quero revelar pela derradeira vez o que vai suceder: não tarda o fim do exílio de todos os três neste país africano!

— Peço-te que me esclareças melhor o que vai suceder, Saul — pediu o conde. Estou muito preocupado e antevejo algo mais de desolador aqui onde nos achamos.

— Nunca devemos pensar no pior... a fim de não atrairmos o mau, o que não desejamos aconteça.

— O que está me causando uma grande preocupação... é a falta de verba para as nossas despesas... e a mim que, desde a infância, sempre tive incalculáveis importâncias ao meu dispor. Hei de maldizer o servo infiel que furtou o dinheiro que tínhamos para as nossas necessidades neste país estranho!

— Nunca amaldiçoeis os que vos causarem prejuízos e mágoas, pois quase sempre o que ocorre nesta existência é uma repercussão do passado...

— Como podes afirmar, com tanta segurança, o que disseste? Que é que te leva a crer nas vidas sucessivas?

— Tudo nos faz acreditar, senhor, na multiplicidade das vidas terrenas. Se todos tivessem uma só existência, seria igual o destino de todos os seres pensantes, no entanto quão diversa é a sina de cada um... às vezes no mesmo lar! Vós, que lamentais o furto de uma quantia que vos garantia a manutenção e o conforto longe da pátria, deveis ter ocasionado igual prejuízo a qualquer infeliz em passada existência terrena. Também o infeliz que vos furtou não escapará da Justiça Divina. Por isso, Senhor, é que somos experimentados quando ficamos na miséria, na dependência de nosso próximo. Se já saciamos a fome dos famintos, encontraremos quem nos estenda as suas mãos generosas... e nos mitigue a fome e a sede.

— Vós, que nascestes na opulência, tendes faltado com a piedade... expulsando de vosso majestoso castelo humildes e desventurados servos... reduzidos à penúria, vendo os filhinhos famintos e desabrigados... Meditai bem, senhor, no que fizestes na França e implorai perdão ao Pai Celestial.

— Que certeza podemos ter do que disseste, talvez por informações... dos que nos estão escutando?

— Não sejais injusto, senhor, pois eles são vossos verdadeiros amigos. Escutai-me, senhor!

7
IMORTALIDADE DA ALMA

O herbanário, aproximando-se do mísero leito do conde de Debret, sentou-se em desconfortante caixote e, depois de uma vibrante prece em benefício dos presentes, assim falou com voz suave:

— Senhor, a melhor prova que vos possa convencer é a seguinte: não se passarão muitas horas para que a verdade surja luminosamente. Vou aplicar os remédios de que necessita o irmão enfermo que, até amanhã, já terá experimentado melhoras reanimadoras, mas ainda não ficará em condições de trabalhar. Decorridos três dias, João encontrará, inesperadamente, dois sinceros amigos de todos vós, embora tenhais dúvida quanto à sinceridade de um deles... No entanto, podeis crer que, na Terra, foi e será ele o vosso melhor afeiçoado, pois, fazendo-vos sofrer, libertou-vos de dores inenarráveis no futuro!

Deveis recebê-lo com prazer e gratidão. Vossa alegria será tão intensa ao lembrar-vos de que ides regressar à vossa terra... que recobrareis as forças perdidas e vos erguereis do leito de sofrimento. Essa é a prova que vos darei de minha sinceridade e, no momento preciso, aqui estarei pela derradeira vez, em vossa presença, na vida que transcorre. Chegarei aqui justamente quando os vossos amigos descobrirem o vosso amigo e, no caso contrário, ajoelhar-me-ei e vos entregarei um punhal para golpear o meu coração!

— Enganai-vos, amigo. Se eles não chegarem, para que eu não continue a sofrer tanto, sendo humilhado e insultado, o golpe não será dado em vosso coração... mas no meu, já exausto de tantos padecimentos!

— Não pronuncieis loucuras, senhor. Suplicai perdão ao Pai Celestial... ou a Alá, que nos ouve por intermédio de seus fiéis Mensageiros. Ninguém sofre sem justa causa e nosso destino é lavrado de acordo com as leis divinas que são decretos celestiais. Quanto mais revoltardes contra o sofrimento mais provas tereis que padecer.

— Mas eu não posso crer que tenhamos mais de uma vida, Saul. Que é que prova essa teoria arraigada na alma dos crentes na imortalidade de alma?

— Senhor, tudo nos faz crer nesta verdade, pois o próprio Jesus de Nazaré, cujos adeptos se contam hoje aos milhões neste planeta, disse a um dos

apóstolos, quando lhe perguntou:

— Que faremos nós para vermos a face de nosso Pai que está no Céu?

— Na verdade vos digo que, para tal suceder, tereis de nascer muitas vezes!

— Mas, como poderemos nascer outras vezes, depois que formos sepultados?

— A alma é que reproduz outro corpo — falou o Mestre por outras palavras, mas cuja interpretação é a que acabo de expor-vos.

Assim dizendo, seguido de João, o herbanário se retirou do tugúrio do desditoso conde de Debret, voltando em limitado tempo com diversas plantas. Leonel Delavigne, ao revê-lo, falou com emoção:

— Já me sinto melhor, desde que aqui penetrastes, mas não podia expressar os meus pensamentos. Estou muito preocupado com a falta de dinheiro para as despesas, pois eu estava recebendo uma quantia reduzida, mas que me auxiliava nas despesas deste modesto lar.

— Não te preocupes, jovem, pois não terás mais necessidade de regressar ao emprego em que te ocupavas.

— Quer isto dizer... que vou morrer?

— Não! Seria cruel se tal dissesse em vez de te encorajar. Não terás mais necessidade de te sacrificar, pois o termo de tua prova está próximo. Deixo contigo uma pequena quantia que já me poderás restituir dentro de três dias, quando os entes queridos tiverem chegado a este modesto lar.

— Que Deus vos abençoe, generoso Saul. Terás valiosa recompensa. Bem sei como agirei para gratificar-te dignamente, assim que me erguer deste colchão, pois irei dispor de uma joia que ainda me resta para o nosso regresso à França e para recompensar-te, Saul! Mas disseste que tens uma neta que não tem outro amparo senão o teu. Hás de, pois, aceitar o que te posso ofertar bem como o doente, embora furtado nos seus haveres.

— Escuta o que te vou falar, jovem: amanhã já poderás te erguer do local em que te encontras. Terás dois dias de repouso e após eu virei para sair contigo, já que os bons amigos que esperas deverão ter chegado a Argel e ainda sem saberem o que sucedeu aos que aqui se encontram talvez procurem o mesmo abrigo e sejam vítimas da mesma velhacaria.

— Tens toda a razão, Saul. Espero, pois, que aqui me encontres daqui a três dias.

O herbanário retirou-se e foi agir para levar víveres para a sua netinha, uma formosa adolescente de catorze anos de idade, quando no local de onde

partira ficavam o conde e seus dois companheiros, cheios de tristezas e preocupações que muito os acabrunhavam.

— Nunca poderíamos pensar que tantos sofrimentos nos assediassem como agora! — disse Leonel.

— Às vezes, Leonel, chego a pensar no que te parece uma loucura: que o herbanário seja um espião dos que tanto nos prejudicaram!

— Não o creio, sr. conde, e deveis evitar pensar o que me disseste, pois ele penetra em nossas mentes e devassa os nossos segredos!

— Bem. Não deixas de ter razão. Quando ele cá voltar, vamos observar se ele recebeu ou não os pensamentos que acabei de expender. Que é que nos sucederá se os amigos anunciados aqui não chegarem?

— Esperemos o que foi previsto, sr. conde, e então saberei como resolver a situação. Vereis que tenho um plano seguro para não prolongar indefinidamente o nosso sofrimento, embora saiba que não padecemos sem causa justa e legal, pois Deus é o Magistrado Supremo.

— Todos o dizem, mas ninguém poderá afirmar e provar a ação benéfica do Juiz que se oculta no esplendor dos astros e do céu azul!

— Tudo Lhe pertence, Senhor, e, portanto, esforcemo-nos para que mereçamos suas bênçãos, sua proteção e seu luminoso perdão.

Decorreram três dias, ansiosamente esperados pelos que se encontravam em penosa situação. Leonel, que não pudera adormecer, ergueu-se cedo e ajoelhando-se no chão, começou a vibrar uma ardente prece dirigida ao Criador do Universo e a Jesus.

— Por que ficaste tão emocionado? — perguntou-lhe o conde.

— Porque julguei ouvir a voz de meu querido pai e creio que hoje se decidirá o nosso destino.

— Quisera possuir a tua fé, Leonel.

— Escuta-me, porém, já que te tornaste um verdadeiro filho nos momentos deste exílio: hoje se não tivermos as decisões desejadas, eu não terei mais ânimo para sofrer, esperar, acalentar uma esperança ilusória.

Tu e João partirão para a França depois de vender a joia que possuis, mas, antes, adquirirás um combustível e porás fogo nesta maldita mansarda.

— Que dissestes, senhor? Então me julgas com o ânimo de matar alguém que acaba de considerar-me filho e partir para a nossa pátria, em vez de ficar aqui cumprindo o meu destino?

— Serei eu o assassino de mim mesmo... e tu somente obedecerás à minha suprema vontade!

— Sr. conde, eu, pela idade que tenho, poderia ser vosso filho, mas haveis de escutar os meus conselhos paternais... se assim posso me expressar. Não julgueis que, se eu vos obedecesse, ficaríeis livre dos sofrimentos terrenos... que seriam, centuplicados no plano espiritual. Vós me tornaríeis um desventurado, um homem sem tranquilidade para suportar os embates da vida. Deus, o Sumo Juiz Universal, julga a todos com a mais justa e completa imparcialidade.

Quem elabora a luz eterna, inextinguível, dos sóis do Universo? Quem faz germinar as sementes, transformando-as em arbustos, em gigantescas árvores, em flores de todos os matizes e perfumes? Quem fornece para cada alma um organismo que contém vida exuberante e pode produzir outros seres iguais e sobretudo cada um com ideias e pensamentos diversos, como nos sucede neste momento, não pode, sr. conde, faltar com as suas promessas que jazem no âmago de nossas almas que são frações do próprio Onipotente! Não compreendeis, senhor, que ele não quer o nosso sofrimento sem um objetivo nobilíssimo: a nossa perfeição espiritual com a aquisição das coisas mais meritórias da vida planetária: a bondade, a piedade, o amor ao próximo, aos que padecem, enfim, todas as virtudes e conhecimentos úteis e, para que os possamos conquistar, temos por futuro os milênios, séculos e mais séculos.

— Belas são as tuas teorias, Leonel, mas a nossa situação... ainda não foi resolvida!

— Esperemos mais algumas horas. Hoje já sinto a disposição necessária para erguer-me do leito e seguir o inesperado amigo que ficou de voltar à tarde.

— E se ele não aparecer mais?

— Só se já estiver na sepultura!

— E a única esperança que nos resta. E se esta não se concretizar?

— Tal não sucederá. Saul é um inspirado do Céu. Confio nele sem restrições!

Leonel desapareceu por alguns momentos para surgir logo depois com a melhor roupa que possuía, calçado e pronto a atender o convite de Saul para saírem em busca dos seres queridos que, segundo sua profecia, deviam ter chegado naquele dia a Argel. Nesse ínterim, João aproximou-se de Leonel e lhe disse em tom velado:

— Vais sair, Leonel, e eu também. Tenho urgente necessidade de conseguir... algum auxílio... para comprar alimentos para amanhã. Estamos desprevenidos... de quaisquer recursos pecuniários...

Se eles não chegarem hoje, amanhã disporei de preciosa joia que possuo e voltarei a escrever, com urgência, a meu pai.

O conde, que ouvira a conversa dos seus dois companheiros, estranhou as palavras de João, dizendo-lhe com angústia:

Porque só trabalhas à tarde ou à noite? Qual é o gênero de serviço em que te ocupas quando sais e voltas a horas tardias da noite?

Eu... auxilio um vendedor de gulodices nas proximidades dos circos... e ele reparte comigo os lucros obtidos. Hoje, porém, percebo que não poderei ir... para não vos deixar só.

— Estou duvidando de tua sinceridade, João! A minha humilhação chegou ao auge. Estou quase enlouquecendo ao pensar que eu, opulento e nobre, estou à mercê de um servo fiel que pede esmolas para nossa alimentação!

Um soluço abafado saiu do peito do ilustre titular, cuja dor não tinha limites:

— Leonel — chamou ele, com angústia. Adquire um veneno violento... para eu por termo ao meu tormento! Amanhã, ambos estarão livres... e eu também.

— Estais iludido, sr. conde. Se tal fizermos, eu e João estaremos contribuindo para o vosso suicídio e seríamos perversos delinquentes perante a justiça da Terra e do Céu. Não poderíamos ter mais serenidade em nossas almas! E, ai de vós, sr. conde, pois a morte só é repouso espiritual através de séculos de sofrimentos bem suportados. Se tal fizéssemos, os nossos sofrimentos terrenos e espirituais seriam aumentados. Tendo fé e esperai mais alguns dias.

—Nunca! Nunca! O herbanário não falou a verdade. Ele nos enganou. Nunca mais verei a França.

— Ouvi as vossas palavras, senhor — falou alguém do lado exterior da mansarda.

— Quem falou lá fora? — perguntou o conde a seus companheiros de infortúnio.

— Deve ser Saul Religari. Estais compreendendo quanto é ele cumpridor de seus compromissos — respondeu o jovem Leonel ao conde de Debret, com patente censura na voz.

— Não o deixem entrar! — exclamou o conde, caindo sobre o mísero leito.

— Já me encontro a vosso lado, senhor, para assistir à vossa felicidade dentro de poucas horas apenas. Não fugi à responsabilidade de minha palavra! Voltei para falar-vos pela última vez, pois breve regressareis à

França, sentindo-vos felizes, após tantos sofrimentos.

— Nunca mais serei feliz, Saul, depois de tantos sofrimentos, de tantas humilhações deprimentes, sustentado por esmolas que João tem conseguido na rua e trabalhos humilhantes que Leonel vem suportando, acabando por adoecer. Julgo as vezes que vou enlouquecer. Queria terminar a minha vida para que ambos pudessem voltar sem empecilhos à terra natal.

— A humilhação não enlouquece ninguém, pois até Jesus passou por tantas provas acerbas e tudo suportou com coragem, até a morte infamante na cruz entre dois ladrões! — replicou Leonel, aproximando-se do conde de Debret e de Saul Religari, um rico e o outro paupérrimo.

— Jesus nunca foi rico e jamais pôde conhecer os benefícios da riqueza, Leonel!

— Enganai-vos, senhor, pois a vossa riqueza ficará na Terra e a de Jesus acompanhou-o no Além por séculos infindos. Sua alma é milionária de virtudes espirituais, sua riqueza tem valor eterno no Banco Divino, não perecem com a morte do corpo.

— Os cristãos são muito fantasistas e forjam lendas inacreditáveis.

— Não Senhor — falou Saul, e hoje vereis quem fala a verdade. Já fizestes referências desairosas à minha humilde mas honrada pessoa, mas meu dever é de perdoar sempre todas as humilhações. Senhor, tendes adquirido preciosa experiência fora de vossa pátria e já sabeis quão penosa é a falta de dinheiro para as despesas de um lar e nunca mais haveis de despedir um pai de família que tem filhos para manter. Não vos aconselho a proteger os ladrões, os que não querem trabalhar, mas somente viver à custa dos proprietários ricos, portanto, senhor, nunca mais dispensareis algum servo dos muitos que tendes sem lhe fornecer algum auxílio até conseguir novo emprego que o livre da fome e a todos os de sua família. Desculpai-me se não vos falo de maneira mais cortes, pois o meu conhecimento de vossa língua é muito precário. Desejo expressar-vos melhor o que há em minha alma, mas não encontro palavras melhores para o fazer...

— Pode expressar o que pensas com sinceridade, que havemos de ouvir-te com atenção.

— Agora não o farei, porque tenho de sair com Leonel.

— Não há inconveniência para a saúde dele? Leonel há poucas horas é que se levantou da cama!

— Ele sairá comigo sob a proteção dos amigos invisíveis, dos que estão cumprindo ordens divinas e aqui estaremos... depois das onze horas da noite.

Não vos aflijais por sua causa. Sei que ele não se alimentou convenientemente, mas eu lhe darei alguma comida substanciosa até que regresse comigo. Ele voltará já com outro aspecto.

— Como podes afirmar, com tanta segurança, o que disseste? — interrogou o conde a Saul, com patente dúvida na voz.

Porque, senhor, somos seguidos, do berço ao túmulo, por diversos amigos invisíveis, que nos cercam de cuidados, nos dão intuições e nos infundem verdades sublimes... que chamamos intuições. Foi isso o que me sucedeu ... desde que penetrei neste recinto... e que será recordado pelos que aqui se encontram... durante séculos!

-- Saul, aguardo a execução do que nos tens revelado para basear a minha crença e, se tudo desmoronar em meu íntimo, porei termo à minha desditosa vida!

— Não pronuncieis mais loucuras, senhor, para que seja abreviada a vossa prova. Antes de sair, quero que todos vibrem pensamentos ao Criador do Universo, implorando-Lhe perdão e auxílio para o fim desta prova que ora vos aflige. Repeti comigo:

— “Deus dos cristãos, Criador miraculoso de tudo quanto existe, ouvi as nossas súplicas: estamos sofrendo árduas provas... para o cumprimento de vossas leis incomparáveis. Dai-nos, pois, a resistência necessária para alcançarmos o triunfo desejado. Perdoai, Senhor, os nossos crimes, os nossos desvios das leis supremas, iluminai as nossas almas com os faróis da Fé e da Esperança para podermos levar de vencida todos os sofrimentos terrenos. Baixai sobre as nossas mentes as luzes da Verdade para que possamos bendizer as nossas provas e os nossos desvarios. Permiti que, neste instante, um farol estelar penetre a sua eterna luz na alma de nosso irmão que aqui se encontra quase inerte em humilde leito a fim que seja revigorado e, após a execução de vossa sentença, que se aproxima do limite final, compreenda ele a verdade e vos implore perdão podendo faze-lo de joelhos, esquecendo o passado tenebroso e iniciando uma nova etapa de sua vida terrena, já então consagrada ao Bem, ao Perdão e à Justiça!”

— Eu te agradeço a nobreza de tuas rogativas, Saul, e, se o que prometeste for efetuado, cumprirei o que suplicaste!

Saul abraçou-o e após falou emocionado:

— Pensai em Alá ou Deus, enquanto eu e Leonel estivermos ausentes, mas não suspeiteis de que vamos fazer qualquer deslealdade convosco. Até logo!

Saíram os dois amigos e, presa de invencível emoção, o infeliz conde de

Debret soluçou por momentos.

— Sr. conde, quereis que eu chame alguém para vir-nos fazer companhia?

— Não, João. És digno de minha amizade e de minha eterna gratidão... se é que nos aguarda outra vida após a atual. Se eu voltar à França, quero recompensar-te e ao jovem Leonel, generosamente.

— Senhor, perdoai-me se vos sugerir um conselho: tudo se realizando, conforme as previsões de Saul, porque não o convidais a seguir-vos para a França?

— Não creio que ele aceite o meu convite, pois já está muito arraigado ao solo deste país.

— Não deixareis, sr. conde, de dirigir-lhe o convite, pois tinha vontade de que ele tratasse de Luisinho, que não sei se ainda estará neste mundo de sofrimentos!

O conde cerrou os olhos e, em poucos instantes, com aparência de adormecido, expeliu lágrimas que lhe umedeceram as faces empalidecidas, porém ficou em mutismo absoluto.

Transcorrida mais de uma hora, aproximou-se João, tendo na mão direita uma xícara com um alimento líquido e lhe disse com humildade:

— Senhor, nada mais pude conseguir a não ser o que vos trago: leite com uma colher de cevada. Amanhã, porém, espero que tudo esteja modificado.

— Agradeço a tua dedicação, João, mas não aceitarei este alimento se souber que ainda estás em jejum.

— Não, senhor, eu já fiz uso de umas sobras do jantar de ontem. Não vos preocupeis comigo, sr. conde, pois tudo faço em nome de Deus!

— Não me chames de conde, enquanto ou estiver nesta penosa e humilhante situação.

Ambos ficaram em silêncio, em absoluta escuridão, aguardando a chegada de Saul e de Leonel para que fossem recebidas as notícias que ansiosamente esperavam.

Enquanto isso, o herbanário e o jovem, que o seguia quase em silêncio, percorriam diversas ruas de Argel, observando os transeuntes, pesquisando as casas de diversões, as melhores hospedarias, alguns templos e, quase à meia noite, Leonel murmurou:

— Meu amigo, é hora de voltarmos, pois o enfermo deve estar aflito... aguardando o nosso regresso.

— Tens razão, Leonel, mas eu penso que os teus amigos... vão aparecer... decorridos alguns...

Um grito estridente abalou-os subitamente. Estacionaram a marcha defronte da hospedaria mais famosa de Argel e, com alegria quase enlouquecedora, Leonel foi apertado nos braços carinhosos de seu pai.

— Bendito seja Alá — exclamou Saul erguendo os braços para o céu banhado pelo clarão lunar.

— Querido pai! Parece-me que vou morrer de alegria.

— Não é menor a minha felicidade, a mais intensa desta vida de preocupações — exclamou por sua vez o prof. Delavigne.

O dr. Januário, um pouco afastado dos três, tinha os olhos inundados de lágrimas.

— Porque não me escreveste, Leonel — disse o pai com a voz um tanto magoada.

— Eu o fiz, meu pai, mal chegamos a esta cidade, mas para não atrair a atenção dos passantes, vamos afastar-nos um pouco... e tudo vos revelarei.

— Estás muito abatido, meu filho. Estiveste doente?

— Estou convalescendo de uma grave enfermidade, porém tive necessidade de sair em companhia deste modesto mas sincero amigo, o único que possuímos nesta terra.

— Porque saíram todos da hospedaria da qual recebemos uma carta violada?

— Tudo vos direi, meu pai, mas não aqui na rua. Quero que ambos vejam... onde temos vivido... como verdadeiros párias. Todo o dinheiro que o conde trouxe foi furtado. Andemos, porém, que temos muito que conversar. Quero antes que conheça este nobre amigo, um humilde herbanário, que, com a proteção de Deus ou Alá, foi o meu salvador, e nos acompanhará até onde estamos vivendo.

O dr. Closet e o prof. Delavigne abraçaram então o modesto ancião, prometendo-lhe uma recompensa.

— Estou habituado à miséria, senhores, e assim terminarei a minha vida... para recomeçar outra mais proveitosa.

— Não, meu amigo, e assim o chamo porque o és de meu querido filho — disse o professor emocionado. Tens que aceitar uma recompensa nossa ou partir conosco para a França.

— Vivo com uma netinha adorada... e não tenho ânimo para deixar esta terra quase no fim de minha atual provação.

— Desejamos que vejas uma criança em nossa pátria, a fim de dizeres de que sofre ela.

— Quando nos separarmos hoje, haveis de dar-me o nome e a moradia da criança e amanhã direi tudo como se a tivesse visto... e aconselharei os remédios de que precisa.

Os quatro puseram-se a andar, afastando-se do centro populoso, e os recém-chegados breve puderam observar o que sofreram os peregrinos longe da pátria querida.

— É inacreditável o que contemplamos, Leonel — falou-lhe o pai, pois julgo que havia falta até de alimentos necessários à manutenção de todos!

— É verdade, meu pai, mas estamos nos aproximando de nosso albergue que havemos de abençoar enquanto vivermos, pois sem ele teríamos morrido de inanição em algum recanto de Argel.

Em poucas palavras, mas com emoção, Leonel relatou o sucedido, as profecias do bondoso amigo que os seguia, como se houvesse recebido um telegrama dos amigos siderais que o inspiravam e que ia levar a Fé e a esperança ao coração do impiedoso conde de Debret. Já passava da meia noite quando chegaram ao tugúrio onde viviam os três expatriados da França.

8
O PODER DA FÉ

O desditoso titular e seu fiel servidor João, depois de várias trocas de suposições, não podendo conciliar um sono tranquilizador, permutavam pensamentos ora plenos de fé, ora de descrença, nas últimas palavras do piedoso herbanário.

— Como tarda a passar a noite... onde pressinto uma sentença... que não é do plano terreno — exclamou o titular com infinita amargura na voz.

— Confiemos sempre na misericórdia divina, sr. conde, pois ela nunca falta nos momentos aflitivos como este em que nos achamos! — respondeu o humilde criado.

— E se os esperados amigos não chegarem hoje ou nunca? Saul prometeu ou profetizou que se eles surgirem hoje, já amanhã poderei erguer-me deste mísero leito.

— Não duvideis mais, sr. conde, pois a insubmissão às leis divinas atrai sentenças mais severas. Vamos ficar em silêncio, mas com os ouvidos bem atentos à aproximação de algum ser humano... que poderá ser quem esperamos... Leonel, Saul e mais alguém.

— Acreditas, João, que Saul terá coragem de nos aparecer após um tremendo fracasso?

— Senhor, ficai em silêncio e elevai o pensamento a Jesus... para que Ele vos inspire as melhores resoluções. Confiemos em sua bondade inextinguível.

Ambos ficaram em mutismo profundo. Perceberam, porém, que já devia ter passado da meia noite, sem conseguirem adormecer.

Subitamente ouviram passos que se aproximavam do pardieiro em que moravam e apuraram os ouvidos.

— Ouviste, João? Parece-me que eles estão chegando!

— É verdade, senhor. Vou levantar-me para abrir a porta.

Antes que o fizesse, uma vibração intensa pareceu abalar a porta da entrada. João, já perto dela, acendeu uma vela, que iluminou frouxamente o recinto, e com rapidez a abriu, percebendo a presença de quatro seres humanos.

— Bendito seja Alá — exclamou Saul. Os crentes sinceros jamais são

enganados!

— Senhor, senhor! — exclamou João. Vede quem está chegando!

O conde de Debret, esforçando-se por se aprumar na cama, fitou, assombrado, as pessoas do prof. Delivigne e do dr. Closet, acompanhados, o que lhe causou um abalo tão profundo que o fez perder os sentidos e cair para trás como morto.

— Deus há de ter pena de nós! — exclamou o professor, aproximando-se do mísero leito em que jazia o titular. Vejamos depressa como restituir-lhe os movimentos e a vida!

— Vamos pedir o que desejais, senhor — disse o piedoso herbanário. Vamos implorar o auxílio de Jesus, o médico divino.

Saul ajoelhou-se e, com a voz emocionada, assim expressou os seus pensamentos:

— Senhor de todo o Universo, aqui se encontram obscuros filhos vossos que desejam a Vossa Presença para iluminar as nossas almas de pecadores. Acolhei, em nome de Jesus, as nossas súplicas como se estivésseis neste humilde recinto... que tão abençoado tem sido para três filhos vossos... que desejam reunir-se ao vosso rebanho infinito... por todos os séculos futuros! Despertai nosso irmão que tombou de emoção e que precisa conhecer a extensão de sua felicidade! Vai ele conhecer a vida sob outro aspecto, pois, desde este momento, foi aceso a lâmpada da resignação, da piedade, do amor ao próximo, do perdão para os seus adversários.

Abençoai, também, Pai Misericordioso, todos os que se acham aqui congregados e lançai sobre as nossas almas as vossas bênçãos estelares!

Permiti, Senhor, que jamais os que se acham neste humilde mas bendito recinto fraquejem nos momentos decisivos de acerbas provações terrenas, nem se desviem do carreiro do Bem e da Redenção que os levará às paragens siderais até à Vossa Presença. Abençoai-nos, Senhor misericordioso, e a todos os seres humanos!”

Quando o piedoso herbanário se ergueu do solo, encaminhou-se mais para a proximidade do enfermo, estendeu os braços sobre o seu corpo rígido, dizendo com bondade e energia:

“Irmão, chegou o momento sagrado de vosso despertar para uma vida que será bendita pelos seres humanos e por Deus. Convergi vosso pensamento para o Juiz Supremo para que Ele vos perdoe e ao cruel adversário que, por tempo incalculável, vos tem forçado à prática do mal. Sua vingança atingiu o limite, pois os Mensageiros divinos aqui presentes jamais consentirão que o

nosso irmão amortecido pela emoção pratique mais um ato menos digno. Afastai-vos, infeliz adversário deste nosso irmão... que terminou a sua mais acerba provação terrena. Ide-vos, desditoso irmão, até que ambos se reconciliem por todo o sempre. Emissários divinos, despertai o irmão que está amortecido neste leito e retirai os seus mais impiedosos adversários espirituais... para que eles, doravante, resgatem os seus delitos e se aproximem do magnânimo Magistrado Universal!”

Depois que o bondoso e humilde herbanário moveu por diversas vezes as suas mãos benéficas sobre o corpo inerte do conde de Debret, este se ergueu, sentou-se e disse com emoção indescritível:

— Senti que foram retirados de meu corpo... diversos atilhos... que me jungiam ao leito. Nunca senti tão grande alívio. Amigo Saul, devo-te a vida. Quero que me acompanhes à França. Quero que vivas ao meu lado e de minha querida Diana!

— Amanhã, senhor, eu vos darei uma resposta definitiva. Já viste os nossos amigos que chegaram de vossa pátria?

— Que disseste? Estão eles neste mísero recinto? Julgo que fiquei cego... de emoção. Nunca é completa a ventura humana!

O conde ocultou a fronte com a mão direita e, soluçante, deixou que lágrimas em profusão jorrassem dos seus olhos obscurecidos pela emoção.

— Benditas lágrimas que vão restituir a vida ao vosso corpo, pois já raiou a luz solar em vossa alma: arrependimento de tudo quanto fizestes os nossos irmãos padecerem. Descobrir os olhos e erguei as mãos para o alto, o Céu, implorando perdão ao Juiz do Universo!

— Perdão! Compadecei-vos deste mísero delinquente, Vós que estais embuçado nas nuvens que ocultam as estrelas mais deslumbrantes!

— Deus que se compadeça de todos nós, sr. conde! — exclamou o professor.

— Quem vejo eu? Vós, professor Delavigne? E... este que se aproxima de mim? Não estarei louco? Não, não posso perdoar a quem me fez sofrer tanto, dr. Closet — falou o infeliz titular, quase enlouquecido de emoção. Nunca... vos perdoarei... as humilhações que me fizestes passar. Num...

— Não termineis palavras tão loucas, senhor, disse o herbanário com energia. Se continuardes a odiar os que vos fizeram sofrer... em vosso próprio benefício... eu vos abandonarei e jamais haveis de levantar-vos, por vossa vontade, deste humilde leito. Ao contrário, se, neste momento, perdoardes aos que vos fizeram padecer... para vosso progresso espiritual... ides

aprumar-vos neste leito... quando o Sol aparecer no horizonte. Decidi vosso destino, senhor — disse o crente de Alá, com ênfase desconhecida.

O dr. Closet, abeirando-se da cama do titular, falou com voz cheia de emoção:

— Senhor, o que vos fiz sofrer... foi em vosso proveito. Nunca, porém, pensei que o destino colaborasse comigo, como acabo de verificar. Senhor, vosso orgulho ultrapassava os limites da possibilidade. Levastes para o túmulo a vossa infortunada companheira de existência e cometeríeis outras faltas se não houvesse uma repressão conveniente. Lembrei-me, pois, inspirado pelos Emissários divinos, de afastar-vos da opulência do próprio lar, da filha idolatrada e dos fiéis servidores. Nunca, porém, imaginei que houvésseis padecido tanto, que fosseis roubado em avultada quantia, a fim de ficardes na situação penosa... em que vos acabamos de encontrar, para que aquilatásseis o que é a miséria. Quando Deus permitir o vosso regresso, desejo levar-vos onde vive uma criaturinha adorável, que ficou em estado quase desesperador e que já teria morrido não fosse a piedade de vossa própria filha, tão boa como a mãe.

Eu e o professor Delavigne, compadecidos de vossos sofrimentos e os de vossos abnegados companheiros, chegamos a este país para acabar com os vossos sofrimentos e para vos levar para junto de vossa filha que vive com os olhos cheios de lágrimas desde que vos ausentastes da França bem-amada.

Cessou o vosso suplício, senhor. Eu não vos odeio, pois foste norteado para Deus. Ouvistes o que vos revelei e o que vos aconselhou este inspirado das verdades celestiais. Escutai-o e não desobedeçais às suas palavras benditas!

— Obrigado, senhor. Eu já disse ao enfermo o que me foi inspirado por um grande amigo invisível. Quero agora ouvir as palavras deste grande sofredor. Já perdoastes quem vos fez sofrer em vosso próprio proveito?

— Não posso crer que me fizésseis sofrer tanto em benefício de minha... alma!

— Sim — respondeu o dr. Januário. Tive pena de vossa adorável e infeliz filha, da qual não percebíeis as lágrimas de dor pelo falecimento de sua virtuosa e desventurada mãe, cuja morte não é preciso dizer quem causou. Continuáveis com a mesma arrogância, expulsando de um casebre um misero pai de família que não pode trabalhar no dia em que o seu filhinho estava muito doente e sem dinheiro para um médico. Foi Diana quem lhe valeu naquela situação desesperadora e continua a amparar os infelizes que não tem

fortuna como a vossa, não para a prática do Bem, mas a do despotismo e da impiedade, Compadecido do sofrimento de vossa piedosa filha, cuja vida atribulada eu não desconhecia por intermédio de um servo dedicado, resolvi o que já sabeis ter acontecido. Julguei, porém, que fósseis menos infeliz, que estivésseis em confortável hospedaria, jamais concebendo a realidade de vossa situação que ora se patenteia a nossos olhos. Já conhecemos as vossas angústias, porém, qualquer reação quando fostes furtado, resultaria no sacrifício de vossa vida.

— Hoje lamento que tal não houvesse sucedido! — exclamou o enfermo. Preferia a morte a ter continuado no plano material passando tantas decepções e tantas provas humilhantes!

— Porque assim conjecturais, eu bem compreendo, senhor — falou o dr. Januário. Pensais que a vida termina na sepultura, mas estais iludido: ela se intensifica com a liberdade da alma que deixa a matéria para cindir o Espaço, mas não ascenderá às paragens luminosas do Universo senão depois de se libertar do peso inconcebível das faltas e injustiças cometidas na Terra. Foi o que calculei e parecendo impiedoso, agi para que viésseis à África, ficando longe do lar, sem a ostentação do Solar de Diana, para resgatar do orgulho e da maldade. Fui auxiliado pelo Alto em minhas pretensões. A punição foi incalculável, mas, assim mesmo não vos faltou o auxílio de três amigos preciosos: Leonel, João e Saul, que eu sei ser um dos agentes receptores de mensagens siderais, apesar de sua modesta aparência. Chegou, pois, o fim de vossa provação, se for grato às lições recebidas em Argel.

— Eu também desejo externar os meus pensamentos, senhor — exclamou Saul, fitando o dr. Januário.

— Podes falar o que te aprouver — disse o médico, com fraternidade.

— Se ele não perdoar os que julga seus adversários, não pedir perdão ao Juiz Supremo do Universo, não se levantará jamais deste leito, mas, se seguir os nossos conselhos, ao terminar esta noite memorável, vai poder erguer-se e andar como outrora.

— Quero verificar se não és um embusteiro, Saul. Quero verificar se estão ou não faltando com a verdade. Vou, neste instante, implorar perdão ao Fator do Universo e, com bastante sacrifício, o dos que tenho feito sofrer... mas, se for ludibriado, prefiro morrer, pois não haverá nenhum poder que me faça ingerir mais um cálice d’água.

— Assim não sereis atendido, senhor — falou o herbanário com energia.

— Senhor — disse então o professor Delavinge, com afetuosa entonação

— nunca pudestes duvidar de minha sinceridade. Chegou o momento de provardes que me tendes algum afeto fraternal: elevai os vossos pensamentos à Majestade Suprema do Universo e, com a alma contrita, dizei:

“Perdoai-me, Senhor e Pai, como em perdoo os meus ofensores, todos os que me tem feito sofrer dores e outras provas rudes. Quero alijar de meu espírito as máculas de faltas morais desta e de passadas existências. Depois dos padecimentos que me foram destinados neste longínquo país, eu me submeto ao Vosso julgamento. Iluminai a minha alma com os archotes da Fé e da Piedade, afastai de meu íntimo os sentimentos de vindita e de ódio, deixai que os meus sentimentos se tornem benévolos e compassivos a fim de que, ao término desta peregrinação terrena, acolha os desditosos, forneça pão aos que tem fome, perdoe os que me fizeram sofrer, padecendo, com resignação, as provas por mais amargas que sejam, lembrando-me sempre da crucificação do meigo Jesus!

O conde, embora não houvesse respondido verbalmente ao prof. Delavigne, havia repetido mentalmente a improvisada prece e subitamente, soltando um grito de indômita emoção, exclamou:

— Senti que foram rompidas as correntes que me aprisionavam ao leito! Estou livre! Estou livre! Agora compreendo que Deus é verdadeiramente Pai, como o dissestes! Quero abraçar a todos os que estão aqui neste tugúrio que, neste momento, é, para mim, o mais majestoso solar!

Todos os circunstantes, abeirando-se do conde, abraçaram-no e ele, possuindo novas energias, ergueu-se do humilde leito, envolto em uma coberta de lã, e pôs-se a mover as pernas como se estivesse marchando para uma batalha.

—Prosternemo-nos sobre o solo, irmãos — falou Saul — agradecendo a Alá, que é nosso Deus, o triunfo que nos concedeu!

Ajoelhados e contritos, todos os presentes vibraram as almas por meio de veementes preces e, retomando a palavra, o inspirado Saul, ainda assim falou:

— Senhor, eis-nos contritos, hoje e eternamente, diante de Vosso trono bendito, forjado de estrelas de luz eterna! Perdoai, Senhor, as nossas perversidades, os nossos delitos e jamais permiti que pratiquemos um só ato que Vos desagrade ou mereça a Vossa punição. Queremos, de hoje para o futuro, alistar-nos no Exército Divino, empunhando o estandarte da Fé, do Perdão, da Caridade, da Nobreza de sentimentos, a fim de que sejamos dignos de pertencer ao Vosso Exército como Cruzados do Bem.

III PARTE
O REGRESSO

1
O REENCONTRO

Aquela memorável noite em que se aliaram os seres humanos que se reuniram em mísero tugúrio que, certamente, ficou resplandecente para os que ali se encontravam, embora os órgãos visuais não o percebessem, mas o sentissem os corações sepultos no tórax, foi comemorada dignamente por meio de preces vibrantes. Depois de abraçarem fraternalmente os recém-chegados da França e o herbanário, ausentarem-se, ficando de regressar nas primeiras horas do dia seguinte.

— Temo que Saul não venha mais a esta mansarda, onde ocorreu o que nunca imaginei que pudesse suceder: aceitar eu um abraço do dr. Closet, desfazendo-se, como por encanto, todo o ódio que lhe consagrava! — falou o conde para os seus companheiros de exílio cujas fisionomias estavam exultantes.

— Graças sejam dadas a Deus e a Jesus! — exclamou Leonel Delavigne. Fiquei quase louco de alegria quando reconheci meu adorado pai e o dr. Januário, pensando logo em nosso regresso à França inesquecível! Parece-me que devemos o nosso encontro e a nossa futura felicidade ao humilde Saul. Se ele aqui não voltar, a minha alegria será perturbada durante toda a minha vida!

— Confiemos na Justiça Divina! — respondeu João Voltaret, convicto das palavras que pronunciaria, expressando seus mais íntimos sentimentos.

No transcurso do dia, os recém-chegados da Europa — prof. Delavigne e dr. Closet — foram em busca do tugúrio em que estiveram na véspera e combinaram o regresso à pátria para três dias após.

— Ainda não veio o misterioso crente de Alá que ontem aqui esteve? — perguntou o professor a seu filho.

— Não, meu pai, e começo a recear que ele não apareça nunca mais. É um abnegado que merece a nossa dedicação e o nosso auxílio material, pois tudo faz em benefício da alma, esquecendo-se de que essa se reveste de uma túnica material que necessita de conservação para que a criatura humana possa vencer suas provas terrenas! — falou Leonel com emoção.

— Bem vejo que já estás percebendo as verdades siderais e muito regozijo

sinto em minha alma! — respondeu- lhe o pai. Vamos agir agora para reencontrá-lo, meu filho. Urge agora que tu e o João saiam para buscar uma alimentação mais reconfortante para todos os que aqui estavam passando necessidades. Festejemos o nosso abençoado encontro por intermédio do herbanário, certamente um dos emissários do Além.

Leonel saiu em companhia de João para cumprir as determinações paternas, deixando os outros seres amigos entretidos em amistosa palestra.

Adquiridos os comestíveis, Leonel falou a João:

— Meu amigo, podeis ir rumando para a nossa humilde e hoje tão ditosa mansarda. Sei onde reside Saul e pretendo ir fazer-lhe amistosa visita e agradecer-lhe tudo o que por nós conseguiu realizar, auxiliado pelos Emissários divinos!

Separaram-se e, após, Leonel pôs-se ao encalço do humilde asiático que já residia havia muitos anos na Argélia e ficara arraigado aos costumes e linguagem do povo, na maior parte descendente de franceses. Ele se afastou quase um quilômetro do local em que residia e às vezes detinha os passos buscando informes do inspirado e digno, obtendo alguns que lhe foram preciosos. Ao finalizar uma longa e modesta viela, encontrou-se subitamente com o velho. Dois gritos espontâneos partiram dos seus lábios:

— Saul!

— Leonel! Que vistes buscar aqui neste quase deserto?

— O amigo incomparável que desde ontem não apareceu para contemplar a nossa felicidade! Desejo levar-te para a França.

— Tenho uma netinha que vive em companhia de uma tia já muito idosa e que não poderão viver sem os meus escassos rendimentos ou o fruto dos meus labores.

— Tudo será remediado. Saul. Nós nunca te revelamos a verdade: o que era enfermo e deixei levantado palestrando com os nossos companheiros é um titular rico que poderá fazer-te feliz e à tua netinha, que eu desejo vê-la para convencê-la a nos acompanhar.

— Vamos então seguir por aquele caminho, Leonel — disse o inspirado de Alá, que já estava fora da cidade e finalmente deteve os passos perto de uma rústica choupana que parecia abandonada. Saul chamou com voz compassada a irmã com quem residia e logo uma atemorizada figura feminina surgiu à porta. Sendo reconhecido o herbanário, apareceu logo em seguida uma formosa jovem aparentando dezesseis primaveras e que se deteve para observar o companheiro de seu querido avô.

— Venham cá que eu quero apresentar-lhes um bondoso amigo europeu, que está de partida para sua terra feliz.

—Poderá ela ser tua também, meu amigo — disse o jovem, encantado pela gentileza da donzela que o fitava com interesse fraternal.

— Entremos, Leonel, para podermos tudo decidir. Vê onde resido? Compreende quanto sofremos neste deserto sem amigos e não ser os enfermos que, por intercessão de Alá, me têm estendido suas mãos generosas nas horas de solidão e amargura?

— Deus permitirá que obtenhas uma sensível melhora de situação, Saul — disse Leonel emocionado.

— Eu não recebo auxílio dos que têm menos recursos do que eu, Leonel.

— Que disseste, amigo? — interpelou-o o moço, sorrindo.

— Pois não conheço o local onde estás acolhido com os teus companheiros?

— Amigo, presta-me a atenção e convencer-te-ás de que estás integralmente iludido.

Entraram ambos na mísera habitação de Saul e sentaram-se em toscos bancos, sendo a atenção do herbanário dominada pela narração do jovem francês.

— Estou surpreso, mas sem razão! — exclamou Saul. Há muito, quando entrei pela primeira vez onde moras com os outros, vibraram em minha alma estas palavras: “O enfermo é um voluntário exilado da França, pois cometeu um crime. Sofre ele as consequências de um ato violento... que não pode ser resgatado com a opulência real que possui, mas com os sofrimentos que ora o amarguram.”

— Esta é a verdade e bem mereces uma justa recompensa, pois, sem teu auxílio, seríamos levados ao desespero e à morte. Vou patrocinar a tua causa e serás bem ajudado.

— Meu amigo, tudo quanto faço tenho por objetivo apenas a recompensa de Alá, quando partir para os reinos divinos. Minha choupana vive em trevas, muitas vezes nos falta o pão para a nossa alimentação, mas minha alma está envolta em luz, em bênçãos dos que tenho conseguido salvar de dores inomináveis.

— Foi o que fizeste, generoso Saul, mas eu desejo dar-te condigna recompensa. Vamos partir agora.

Antes que os dois se ausentassem, a neta do abnegado velho levou uma xícara de folhas desconhecidas para o jovem, dulcificada com mel. Quando

ambos terminaram, despediram-se de formosa mocinha e partiram para os arredores de Argel, onde chegaram e foram recebidos com exclamações de alegria pelos que lá se achavam, entretidos em amistosa palestra.

2
FELIZ REGRESSO

Por algumas horas esteve o inspirado Saul na mansarda em que viviam os três companheiros do Destino e, quando ia ele retirar-se, assim lhe falou o conde de Debret

— Meu amigo, em tua grande modéstia foste o nosso inspirador de dias melhores, quem não nos deixou cair no abismo da loucura e do suicídio o que projetei tantas vezes. Tu me restituístes a visão e a locomoção das pernas. Quero recompensar-te quanto o mereces. Vou adquirir este casebre, renová-lo, mobiliá-lo e, após dar-te-ei uma quantia suficiente para que vivas sem preocupações dolorosas, com as criaturas que, estando na miséria, também sabem confortar o teu coração, tal como fizeste comigo. Não nos retiraremos de Argel antes que os nossos projetos se realizem!

— Ah! meu amigo, estou me aproximando dos oitenta anos de existência e nunca deixei de receber ingratidões e desprezo. Foi por este motivo que, ontem, ao sair deste casebre abençoado por Alá, eu tencionava não mais dele me aproximar, se não me fosse aprisionar pelos elos de amizade o nosso caro Leonel. Já estou recompensado pela prova de gratidão que todos vós me concedestes.

— Não, meu amigo. Tu me salvaste a vida e também a dos meus dois companheiros de sofrimento. Foste tu que nos encorajaste a esperar os amigos que ora nos ouvem. Foste tu que vibraste o pensamento invocando o auxílio do Além na hora propícia, estando eu quase cego e tombado em um pobre leito, sem esperança e projetando acabar com a vida. Transformaste a nossa vida e também queremos metamorfosear a tua.

— Desconhecia esta linguagem em vossos lábios, senhor — exclamou o prof. Delavigne. Quero associar-me ao que pretendeis fazer em benefício deste humilde servo de Alá e de Jesus para voltar, sem remorsos, para a França bem-amada.

— Eu vos agradeço, senhor, mas o que trouxestes, entregue pela minha Diana, é suficiente para os gastos premeditados.

— Bem o sabemos, senhor, mas nós queremos, eu e o dr. Januário, associar-nos a esse ato de plena justiça. Aceitai, sem escrúpulos, a nossa

colaboração fraternal.

Tudo ficou aprazado naquele dia: os peregrinos franceses retiraram-se para uma hospedaria modesta para não despertar suspeitas, nem ambições, e, dentro de poucos dias, o pardieiro, que abrigara o conde de Debret e os seus fiéis companheiros, apresentava outro aspecto, já aprazível e confortável.

Foram todos, em modesta sege, à miserável moradia de Saul e de suas parentas, e contribuíram para o seu novo abrigo, como nunca o haviam sonhado.

— Eu — disse-lhes o herbanário a seus protetores — quando os amigos invisíveis me sussurraram na alma: "Está finda a tua prova de sacrifícios e misérias'', julgava que algum zombeteiro estivesse gracejando comigo. Agora que tudo foi feito, eu lhes peço perdão e, neste momento, rogo aos amigos agradecer ao Céu a nosso felicidade, que não terminará com a morte e sim será aumentada.

Todos os presentes atenderam à rogativa do setuagenário que, com voz vibrante e emocionada, assim expressou os seus pensamentos:

"Pai de infinita bondade, Criador das almas, dos astros e estrelas, dos oceanos e mares e de tudo o que existe no Universo, aqui se encontram congregados, em Vosso nome e em Vossa homenagem, os mais humildes de Vossos filhos, mas que já possuem no arquivo do espírito a mais preciosa das opulências, já reconhecem a Vossa misericórdia, a Vossa bondade infinita, o Vosso poder e a Vossa proteção verdadeiramente paternal.

Eis-nos congregados em Vosso sacrossanto nome, implorando-Vos bênçãos, paz, proteção, piedade para os nossos crimes ou as nossas transgressões às leis divinas, nesta ou em passada peregrinação planetária, e, de hoje para o futuro milenário de nossas almas, queremos ser fiéis e compassivos servidores da Grande Causa que ora nos absorve: a do cumprimento de nossos deveres morais, sociais e celestiais. Perdoai-nos, Senhor, aliai eternamente os nossos destinos, quer aqui na Terra, quer nos Mundos Siderais, que ainda não conhecemos e serão conhecidos no transcurso dos milênios. Abençoai todos os Vossos filhos que se encontram neste recinto e todos os que povoam o Universo."

Quando o herbanário terminou a sua prece, os que cercavam, abraçaram-no ternamente e, poucos minutos após, retiraram-se para a hospedaria em que estariam alojados até a manhã do dia seguinte, quando regressariam à pátria bem-amada. Comovido e grato, o humilde setuagenário despediu-se dos amigos, prometendo que iria ao porto de Argel, à hora da partida do navio

que habitualmente rumava para os países europeus.

Retiraram-se todos, entristecidos, e só então o conde de Debret confidenciou o seguinte:

— Parece efeito de magia a transformação que se operou em meus sentimentos. Muitas vezes fitei o casebre em que morava com verdadeira angústia, com ímpeto de decepar as artérias de meus braços para extinguir a vida misérrima que levava e, hoje, ao sair, pela derradeira vez, do lugar em que tanto sofri, uma intensa comoção inundou meus olhos de lágrimas e de saudade o coração!

— Graças sejam rendidas ao Pai Celestial, sr. conde — exclamou o professor Delavigne. A misericórdia divina é providencial e inextinguível! Esta recordação que ficará indelével, por todos os séculos, em vossa alma, será a base de vossa redenção eterna. Vós, que sempre vivestes na opulência, não tendes igual recordação do palácio em que residíeis. Agora, com um pequeno esforço, estareis trilhando o carreiro do Bem, do Perdão e da Fraternidade eterna.

— Que vossas palavras sejam transformadas em plena realidade! — exclamou o titular, comovido.

Transcorreu a noite, após um sono perturbado pelas preocupações que uma longa viagem sempre ocasiona aos que vão efetuá-la. Alvoreceu, enfim, ainda com muita luz e uma verdadeira apoteose radiosa no céu quando os retirantes de Argel tomaram o veículo que os levaria ao porto.

Uma estranha emoção empolgava os corações dos que iam regressar à França e, ao chegar a bordo, houve uma emoção indescritível ao contemplarem o conde de Debret quase soluçante.

— Quero pedir-vos perdão, senhor, por tudo quanto sofrestes... em vosso próprio benefício espiritual! — exclamou o dr. Januário Closet.

— Eu o compreendi muito tarde, sr. Closet, e só agora percebo quanto fui cruel para com os servos e membros de minha própria família. Considero-me, agora, o verdadeiro assassino de Genoveva e quantas vezes, isolado e perseguido por pensamentos cruéis, desejava extinguir a própria vida e, se eu não o fiz, foi por me achar inteiriçado, imóvel, em uma cama miserável. A influência do nobre Saul, o humilde herbanário, foi prodigiosa. Agora... estou quase crente na proteção e no influxo de entidades celestiais.

— Pois ainda estais em dúvida, sr. conde? — perguntou o dr. Januário. Não percebestes o auxílio recebido naquela noite que se tornou memorável para todos nós que assistimos à proteção concedida a um humílimo e

paupérrimo ser humano, certamente opulento nas virtudes e no amparo divino?

— Sim... não posso mais contestar o que assisti e mais desejava ser útil àquele bom velho.

— Não. Vós lhe destes o que ele necessitava, sem fomentar o seu orgulho e abandono do trabalho santo que faz em prol dos que sofrem na Terra.

Saul Religari não apareceu para abraçar os que iam partir para a França, mas, ao fitarem a praia, com os olhos inundados de lágrimas, viram um lenço que acenava qual se fora uma asa de rola que desejasse segui-los por todo o sempre.

Dias infindos transcorreram a bordo do navio veleiro que fazia o trajeto de Argel até o Norte da França, e os cinco compatrícios aguardavam esse momento, em quase que incessante convivência, em palestras amistosas. Contemplavam o céu, ora inundado de luz, ora de escuridão, sempre cautelosos a observar as ondas, ora altaneiras, ora desaparecidas no abismo do Oceano Atlântico.

Certo dia, gritos partidos de um dos vigias do navio alarmaram os viajantes. Era uma tempestade avassaladora que ia em direção ao barco, fazendo com que um pânico indescritível acometesse todos os viajantes, alguns dos quais, debruçados nas amuradas, fitavam o oceano revolto, que parecia ter um vulcão nas suas profundidades, o qual transformasse a água em chamas que se erguiam ameaçadoras para o céu e para os viajantes.

— Só Deus nos poderá salvar! — exclamou Leonel, abraçando o seu progenitor.

— Vamos orar em nosso camarote — respondeu-lhe o pai, convidando-os a entrar. Todos ouviram o seu apelo fraternal e encerraram-se no dormitório, onde fizeram uma intensa vibração espiritual que, após alguns momentos, teve o beneplácito do Magistrado Supremo: as faíscas elétricas cessaram, bem como as bátegas de água foram rareando até que, quase ao alvorecer, a natureza ficara tranquila e o firmamento límpido.

— Vede, meu amigo — falou o professor, aproximando-se do conde de Debret — como devemos estar sempre preparados para a chamada “morte”. Temos a vida constantemente ameaçada e Deus certamente assim procede com verdadeira sapiência para que os ricos e poderosos percebam que a criatura humana está incessantemente em perigo, para que abrande a sua vaidade e submeta-se à Justiça Divina. Enquanto um milionário está neste planeta, trajado com apuro, todos o veem com admiração e tratam-no com

deferências ou bajulações, mas, se pelas surpresas da sorte, o que possuía tesouros incalculáveis fica reduzido à penúria, ninguém mais o considera, antes o menospreza. Quem vos reconheceu quando residistes na Argélia? Somente o herbanário acreditou na verdade quando lhe doastes o modesto abrigo que tanto o fez ditoso. Jamais nos esqueceremos de seus olhos fúlgidos de pranto quando nos separamos e, na praia, acenava um lenço branco para os que se acham a nosso lado, como se quisesse que uma asa muito alva nos seguisse através do oceano.

Aqui na Terra há desequilíbrio da sorte monetária... que não vale um ceitil ao que foi opulento e não se lembrava dos que padecem fome, adormecidos nos antros mais lúgubres ou pelas ruas desertas e o arrependimento então fustiga a sua alma!

— Hoje percebo melhor vossas palavras, professor Delavigne, mas esses que assim padecem não estão resgatando as faltas de outras eras? Será louvável fazermos a caridade e os retirarmos da miséria?

— Sim, e quereis saber o motivo? Conheceis o antigo ditado “Quem dá aos pobres empresta a Deus”? Se pudermos emprestar ao Onipotente — Juiz Supremo, Pai Clementíssimo, Monarca Generoso — havemos de receber a recompensa mais pródiga que possamos imaginar, com moedas de luz, que alojarão em nossa própria alma, que se lucifica e eteriza, dando-lhe o direito de cindir o Espaço constelado! Nunca devemos negar um pão a um faminto, nosso irmão que não tem o que comer, nem onde se abrigar.

— Pois Deus não é Pai Generoso? Porque não faz todos ricos neste planeta?

— Porque a conquista do mérito espiritual é uma verdadeira batalha na qual temos de tomar parte, ora como mendigos, ora como banqueiros, e tudo depende de vosso esforço, de nossa abnegação, de nossos sacrifícios, para que saiamos triunfantes com experiências amargas ou confortadoras, sr. conde. Se não vos tivésseis humilhado, rogando o perdão divino, recompensado quem vos consolou nos momentos mais dolorosos de vossa vida, não teríeis podido regressar à pátria querida, contemplar e abraçar a meiga Diana, que tanto tem chorado, apesar de ser tão curta ainda a sua atual peregrinação terrena, na qual só tem conhecido pesares pungentes.

Quanto vale a alegria que sentireis ao penetrar novamente no Solar de Diana, após dores tão dolorosas e intensas? Se houvésseis permanecido lá, teríeis ânimo para continuar com as amargas recordações que vos dominavam cruelmente? Quem o bem pratica resgata débitos penosos no Banco do

Destino e muitos não são os que tem crédito ilimitado. Compreendeis a verdade de minhas palavras?

— Sim. Só agora começo a compreender os sublimes problemas da vida humana.

Mais alguns dias transcorreram e os viajantes, que estavam ansiosos por retornar à França, não cessavam de fitar o horizonte, mormente ao se aproximarem do porto mais perto de Boulogne, no qual desembarcariam, rumando para Lille.

A aproximação de terras francesas emocionara intensamente o coração dos que estiveram ausentes e então dir-se-ia que chegavam de outra região planetária, na qual tivessem estado exilados.

— Porque amamos tão intensamente a região onde tivemos o nosso berço natal se a Terra forma um só planeta? Porque não adoramos com a mesma sinceridade a França ou qualquer outra nação de qualquer continente?

— Depende muito o amor pátrio das recordações da infância — respondeu o professor Delavigne. Conjecturo, porém, que o patriotismo provém muitas vezes das recordações de peregrinações transcorridas em determinadas regiões, onde cometemos ações nobres ou aviltantes. Ora, ao vê-las, nós nos sentimos possuídos de sentimentos ultrizes ou moderados e só com o fluir do tempo é que poderemos desvendar o que nos sucedeu outrora.

Vede, meus amigos, as primeiras árvores, as casas que serão contempladas de perto ao desembarcarmos. Tenho ímpetos de ajoelhar-me e, quando descer a terra, oscular o solo pátrio. Certamente devo ter tido diversas existências na França, mas, graças ao influxo do Além, não odeio nenhuma região deste planeta, por mais atrasada que seja.

— Tendes razão, professor. Eu, até que se consuma esta vida, que ainda não sei terá seguimento, hei de lembrar-me, com emoção, da Argélia, e gostaria de rever o bondoso Saul que hoje se considera muito ditoso, mas não deixo de perceber que, por sua intervenção, foi que deu um surto de felicidade, o primeiro que tive nesta longa existência.

Anoiteceu profundamente. Ficou o firmamento repleto de nuvens tempestuosas, e os viajantes ficaram atemorizados na caravela. O professor reuniu-os novamente no camarote e propos-lhe uma vibração espiritual, que muito confortou seus corações apreensivos. Felizmente, após violenta borrasca, a natureza serenou, parecendo adormecer.

— Eis que chegamos à nossa terra! — exclamou Leonel com grande alegria.

— Jamais hei de separar-me deste solo querido! — disse o titular, com alegria.

— Peçamos ao Juiz Supremo para nos conceder a estadia na terra natal até o último momento de nossa vida! — falou por sua vez o dr. Januário.

— Sim, mas, após esta existência, teremos que aportar nos países siderais, se estiverem findas as nossas provas terrenas — respondeu o professor Delavigne.

Depois, erguendo-se de um só impulso, alongou o braço direito em direção ao solo pátrio que se aproximava:

— Vinde todos vós saciar o coração por meio dos olhos ávidos das maravilhas da terra natal! Vede, meus amigos. Estamos quase no porto de desembarque dos que vão seguir para Lille, sempre gravada em nossas almas.

3
A ALIANÇA

Voltemos ao Solar de Diana. Desde a partida do conde de Debret e de seus dois companheiros de exílio, pairava um véu sombrio de tristeza no coração da jovem filha do titular, que se ligara muito bem com a sua digna professora e alguns serviçais que não se referiam aos dissabores por que estava ela passando, mas que não os ignoravam. Esperou com ansiedade as primeiras notícias por intermédio de Leonel Delavigne, que lhe prometeu dar circunstanciadas referências do local de sua estadia e da saúde do infeliz exilado.

Horas transcorreram, dias se passaram, meses se fluíram, em marcha para os séculos e nem sequer uma notícia, embora tivessem deliberado que permaneceriam em Argel o tempo de que necessitassem.

Diana chorava sentidamente, lembrando-se de seu desditoso progenitor, forçado a abandonar a pátria para resgate de um delito condenável. Por que não se contivera ele para não cometer tão grave falta contra a sua virtuosa esposa, que nunca transgredira uma só determinação que lhe fora por ele transmitida? Por que não contivera os ímpetos desarrazoados do zelo, sabendo que ela era honesta e digna de confiança?

Diana já não tinha mais resistência física nem moral para a luta que então se travava em seu íntimo. Raramente aparecia para algum visitante, que ignorava a ausência do conde de Debret, e todos notavam a tristeza e o abatimento moral da linda jovem. O professor Delavigne e sua consorte também já estavam mortificados, pois eram pais extremosos e a ausência silenciosa do filho muito lhes intensificavam o pesar.

Certo dia, cheio de preocupações e saudades, foi em busca do dr. Januário e lhe disse com emoção, mal o avistara:

— Perdoai-me, doutor, mas não posso mais suportar a ausência prolongada de meu único filho, sem receber uma só notícia dele ou de seus companheiros de exílio.

— É incrível que ainda não tenham enviado notícias, professor! Algo de misterioso deve ter ocorrido com os viajantes. Levaram recursos pecuniários suficientes para uma longa peregrinação?

— Sim. Achei excessiva a quantia que levava o conde e isso me inquieta em extremo. Quem sabem foram vítimas de algum crime para se apoderarem do dinheiro?

— Esta hipótese não é sem fundamento, professor, pois, em nenhum local, falta a cobiça ou a perversidade. Que faremos agora para descobrir a verdade?

— Meu amigo, desejo hoje avistar-me com a infeliz filha do atrabiliário conde de Debret e, se for preciso, iremos à procura dos desaparecidos.

— Sim, sim. Aprovo completamente a vossa valiosa contribuição para a descoberta daqueles cujo paradeiro ignoramos.

Ambos, precipitadamente, entraram em uma carruagem de aluguel e, em pouco mais de uma hora de trajeto, chegaram ao Solar de Diana. Esta, quase sempre acamada e sem ânimo para reagir contra os golpes do destino, ficava imersa em profundo mutismo.

Chegando ao solar, o professor, depois de ter conversado com a sua esposa, foi em busca da jovem enferma da alma.

— Diana — falou o professor Delavigne, com emoção — está no Solar e vem fazer-te uma amistosa visita o dr. Januário Closet, com as suas ideias já muito modificadas.

— Que dissestes, professor? — interpelou-o Diana, levantando-se do leito. Teve ele a coragem de vir testemunhar a nossa desventura?

— Não, Diana. Deves ter compreendido que o teu bondoso primo não procedeu com desumanidade, mas com o nobre objetivo de conseguir a redenção do espírito de teu progenitor. O que ele estiver sofrendo na Argélia reverterá em seu benefício, o que não conseguiria aqui com todos os tesouros que possui e só poderão comprar as regalias da Terra e não as do Além!

— Que dirá o meu desventurado pai, se ainda estiver vivo, quando souber que o dr. Januário esteve neste castelo. .. e veio ver-me?

— Diana, ele veio visitar-te como um verdadeiro amigo para o corpo e a alma. Não recuses o que ele deseja, pois tem por objetivo dar-te a tranquilidade que nunca tiveste.

— Será crível o que disseste, professor? E se não suceder o que acabais de dizer-me, farei o mesmo que a minha idolatrada mãe.

— Diana, se não se realizar o que projetamos, jamais voltarei à tua presença.

— Quereis dar-me a derradeira punhalada, professor? disse a moça chorando.

— Não! Quero apenas que evites novas e inconsoláveis dores.

— Pois bem, podes trazê-lo à minha presença.

O professor Delavigne, depois de prevenir o espírito do médico sobre os sentimentos de Diana, acompanhou-o até o dormitório de sua infeliz discípula.

— Diana, permita-me que a trate deste modo familiar, pois o destino talvez nos tenha ligado eternamente. Vendo-te, neste instante, parece-me estar contemplando aquela que te deu o ser e cuja desdita não ignoramos. Pois bem, dirijo a palavra à desventurada filha da boa Genoveva para que ela nos ouça e aprove ou não o que vou dizer.

Escuta-me com a devida atenção: o que sucedeu a teu pai foi para abrandar os seus ímpetos de tigre humano, para melhorar a situação de todos deste solar, onde vive a opulência ao lado da desventura. Podia ter concorrido para a reclusão de teu pai em um cárcere, mas preferi conceder-lhe a liberdade para conquistar a redenção de seu próprio espirito.

Bem sei que devo ser detestado por ti, a imagem fiel de tua mãe, que foi minha adorada noiva e perdeu a felicidade que tudo quanto tendes praticado seja para beneficiar o no[1]. Que vale um tesouro para uma alma repleta de amarguras?

Não desconheço o valor do ouro sobre a Terra e sei quanto padece um coração paterno quando seu lar está desprovido de dinheiro, mas repleto de criancinhas que passam fome, enquanto tantas fortunas são dissipadas em jogos e outros usos ilícitos, em perseguições políticas e religiosas, nas quais tomba muitas vezes a vítima e não o algoz.

Diana, perdoa-me as palavras que vou te dirigir, pois tens a semelhança física e moral com a tua inolvidável progenitora. Necessitas colaborar comigo na conquista bendita da salvação da alma de teu pai pela afronta que fez à sociedade, à família e ao próprio Juiz Supremo ao esbofetear, sem causa justa, aquela que, desde a infância, foi sempre digna de apreço, virtuosa e tolerante, afronta que ultrapassou os crimes comuns e não devia ficar impune. Concordas comigo?

— Sim — respondeu Diana, com à voz esmorecida — enquanto que lágrimas ardentes rolavam de seus olhos angelicais.

— Pois então, Diana, deves perdoar-me e auxiliar-me a combater a maldade de teu pai para que, durante a sua atual peregrinação planetária, possa ainda destruir o mal e conseguir algum mérito moral.

— Este é o meu desejo, dr. Januário, mas custa-me crer que tudo quanto

tendes praticado seja para beneficiar o meu infortunado pai.

— Não duvides da verdade que doravante vais perceber claramente. Aqui se encontram três seres humanos, aliados por Jesus para a prática do bem, para trabalhar na SEARA BENDITA. Continuemos a amparar o meigo Luizinho e toda a sua família, todos os que buscarem a nossa proteção ou o nosso auxílio, transformando as lágrimas em suaves consolações. Aceitam ambos o meu fraterno convite?

— Sim, sim — responderam com sinceridade.

— Pois bem, eu vos agradeço a cordial aliança que, certamente, será abençoada pelo Juiz Supremo e por Jesus. Vou agora agir em benefício do conde de Debret. Prometo, sob juramento sagrado, que, não chegando notícias da Argélia em quinze dias, a partir desta data, eu seguirei em companhia do professor Delavigne para a África, concorrendo com todas as despesas provenientes de uma longa viagem.

— Obrigado, meu amigo! — exclamou o professor — mas eu estou em condições de concorrer para os gastos de nossa peregrinação em comum, pois eu já ia partir para o Norte da África amanhã, faltando apenas comunicar a minha deliberação inadiável à esposa querida e à minha cara discípula.

4
ASSENTANDO A BUSCA

Houve alguns momentos de silêncio ou de concentração espiritual, que terminou com amistosas palavras do dr. Januário:

— Diana, estás dominada por sentimentos muito nobres, mas que devem ser combatidos em teu próprio benefício.

— Não compreendeis o que corre em meu íntimo, doutor, pois, desde que comecei a perceber a realidade de minha vida material e espiritual, fui sempre desiludida e humilhada, já que via minha mãe agoniada, sem outro conforto espiritual que o das preces, e observava que nem sempre somos atendidos e temos que sofrer as mais acerbas e rudes provas.

— Justamente o que temos de padecer para resgate de nossas dívidas de outras existências planetárias. No entanto, Diana, não devemos fraquejar nunca, combatendo com heroísmo. Deves, pois, repelir o desalento e a revolta contra as provas terrenas. Deves ter em mente que, com o regresso de teu pai, tens que assumir uma posição de realce, não só no mundo material, como no espiritual, pois vais substituir a tua progenitora que devia ter sabido reagir dentro das leis divinas e sociais e não ter fracassado após tantos martírios em seu sensível coração.

Aconselho-te a levantar-te deste leito, agir em benefício dos que mourejam neste faustoso castelo, cumprir todos os deveres decorrentes de sua situação, inclusive o de não abandonar a família de Flávio Sigaud, pai do meigo Luizinho.

— Tenho sentido saudades do menino. Como passa ele?

— Basta haver uma baixa de temperatura e ele piora sensivelmente. Precisa de residir em outro local, menos desabrigado, e de um tratamento adequado à sua debilidade congênita.

— Convencestes o meu coração da necessidade de reagir. Vou tentar erguer-me da cama e distribuir os meus cuidados pelos que se abrigam neste solar, que tem o meu nome, e em seus arredores. Tenho o seguinte projeto a realizar: solicitar de meu pai, se ainda estiver no plano terreno, tudo quanto me pertence como herança materna e distribuí-la com os que sofrem necessidades materiais nas vizinhanças deste castelo, que parece ser um

núcleo de infortunados, inclusive os seus próprios donos desde época afastada.

— Vais então despertar para a vida, Diana? — perguntou seu professor.

— Sim, se conseguir reagir contra a inércia que me domina.

— Aqui está o abalizado dr. Januário que vai tratar-te paternalmente e como cientista. Amanhã já estarás em outras condições de saúde e com melhor disposição.

— Assim seja, professor — respondeu a jovem cheia de emoção.

—Hoje a minha esposa pernoitará neste dormitório a fim de prestar-te constante assistência, Diana.

— Julgais que pretendo acabar o meu suplício como a minha infortunada mãe?

— Sim, temos esse receio, que me apavora! — exclamou o dr. Januário, fitando-a com sincera compaixão.

— Não digo que ainda não fui dominada por intensa vontade de deixar a Terra, onde tanto tenho sofrido, para encontrar-me com a infeliz criatura que foi a minha mãe. Espero, porém, o fim da tragédia.

— Não profiras loucuras, Diana! — falaram os dois amigos ali presente.

Depois, o médico aproximou-se mais do leito e lhe disse emocionado:

— Diana, estamos em tua presença para comunicar-te, que, desta data em que nos encontramos, passados quinze dias, se o sr. conde ainda não tiver chegado a este solar, eu e o meu amigo Delavigne iremos à sua procura.

— Não sois mais seu adversário? — perguntou Diana, erguendo-se do leito, abalada por um tremor convulsivo.

— Nunca o fui, Diana! Hás de compreender o que te revelo, no decorrer desta peregrinação humana. Escuta-me, pois: não projetes um crime perante Deus — o suicídio. O sofrimento avassala as criaturas humanas, de acordo com os desvios morais cometidos em pretérita romagem planetária.

Se tu e a tua infeliz mãe tanto padeceram é uma prova concludente de que muito erraram em uma remota existência. Vieste para a aquisição de méritos espirituais e não queiras fracassar como a que já partiu para o Além. Ela, porém, não perderá o mérito da virtude e da bondade de mais de três decênios de existência, embora devesse ter tido mais coragem e vigilância.

— Devia aparecer defronte dos criados com as faces rubras das bofetadas, dr. Januário? — disse a moça quase soluçante.

— Diana, ignoras que Jesus — o Emissário Divino — padeceu igual prova? Não a suportou com ânimo e amargura? Por que não o devemos

imitar? Ela poderia ter-se compadecido mais de ti. Ficaria deitada por mais alguns dias e depois se separaria de seu cruel esposo por intervenção judicial.

— Ele não o consentiria para não passar por um grande vexame social e talvez fosse mais longe.

— Ela e todos os seres humanos devem lutar até o último instante da vida terrena, Diana. O que falamos não passa de conjecturas, mas eu te aconselho a ser sempre submissa às leis divinas e sociais. Nunca abandones o gládio da coragem contra as investidas da dor e do desalento. O sr. conde está idoso e alquebrado e é provável que pouco lhe reste de vida e saúde para fazer sofrer os seus servos. Deves assumir a direção deste solar, transformando-o em abrigo para aqueles que não tem lar nem pão. Deves proteger as criancinhas e os enfermos. Não tenhas em mente a felicidade individual, mas a proteção dos que sofrem e talvez tenham sido seus irmãos ou amigos em outras vidas terrenas.

As criaturas humanas não vieram ao planeta terra para gozar a vida, mas para lutar em prol de um ideal meritório: lapidar as suas almas para poderem ascender aos altos planos espirituais.

Vieram todas, sem exceções humilhantes, remir os crimes de outrora, beneficiar os que sofrem, amparar os necessitados, principalmente os que estende a mão à caridade pública.

Estás em plena juventude, Diana. Serás, talvez em breve, possuidora de uma fortuna incalculável. Queres casar-te com algum jovem inexperiente que em futuro próximo delapide o que for teu e depois comece a humilhar-te e a infringir-te tormentos inconsoláveis?

O amor, exclusivamente como sentimento sublime, é muito raro no planeta em que vivemos. O verdadeiro afeto é tecido de sentimentos nobres, de sacrifícios, de perdão, de piedade, de abnegação, mas é muito raro entre os seres pensantes. Compreendo, porém, que o que não retribui o afeto recebido, que pratica injustiças, hipocrisias, impiedades, não merece o amor de outrem. Os próprios filhos não tem o direito de sacrificar os corações paternos, mas o fazem comumente e não é raro que muitos massacrem moralmente os seus genitores até os levar à sepultura com os corações repletos de amarguras e dissabores.

Tu, porém, Diana, que és submissa e piedosa, deves usar de lealdade para com teu pai, dizendo-lhe com carinho:

— Meu pai, eu não quero a riqueza para o gozo mundano, as roupas luxuosas, os divertimentos prejudiciais à alma e o corpo, mas sim para

socorrer os desprovidos de recursos pecuniários, sem quaisquer meios para construir um lar e alimentar os seus entes queridos. Desejo concorrer para suavizar-lhe as agruras da existência, enxugar-lhes as lágrimas nas horas dos sofrimentos. Por que havemos de continuar a ocupar todo este solar, que tem mais de trinta compartimentos, deixando seres desabrigados, curtindo fome e miséria nos antros mais desconfortáveis? Por que não transformarmos o saguão e o primeiro andar deste enorme castelo em abrigo para os que não tem para onde ir? Não gostaríeis de viver, vendo diariamente os que não deixarão de implorar paz e proteção para quem lhes proporcione um lar e lhes garante o pão de cada dia?

— Sim, dr. Januário. Só agora compreendo a grandeza de vosso coração e que nos fostes cruel quando impusestes a retirada de meu pai do território francês. Eu vos agradeço o que lhe fizestes!

— És uma alma sincera e piedosa como a de tua infeliz genitora, que ainda vejo nos momentos de amargura. Agora vou limitar o que tinha a dizer-te: sob juramento sagrado que, decorridos duas semanas deste dia, eu e o professor Delavigne iremos à África em busca de teu progenitor e seus companheiros.

5
AUXÍLIO PROVIDENCIAL

Após a longa palestra que o médico sustentou com a jovem, abrandando os sentimentos de revolta ou de ódio que votava ao que supunha adversário de seu pai, depois de chorar alguns instantes, assim que o dormitório ficou vazio, ela se ergueu e, após orar com fervor perante um quadro representando Jesus genuflexo no Horto, se sentiu reanimar como se algo de extraordinário houvesse ocorrido em seu lar querido.

— Vou agora repelir o desalento — murmurou com energia.

Depois de mudar as vestes, penteou-se, chamou à sua presença uma das criadas, e perguntou-lhe se o dr. Januário ainda se achava no solar, pois desejava fazer-lhe um pedido. A resposta foi afirmativa e ela se encaminhou para a vasta sala de refeições, encontrando-o em palestra com o professor Delavigne.

— Muito bem, Diana — disse-lhe o médico, aproximando-se da moça. Compreendi que estavas dominada por um grande desalento que te prejudicava a saúde e poderia degenerar em uma enfermidade incurável e ora folgo em ver-te já reanimada e com ânimo sereno e fé inabalável em Jesus, crença absoluta na bondade divina e no auxílio da ciência e assim tudo será normalizado em teu organismo e em teu lar.

— Obrigada por vossos amistosos conselhos, dr. Januário. Eu, porém, não quis mais permanecer inativa porque me senti reanimada por uma força espiritual e vim pedir-vos para não abandonardes o Luisinho. Vede-o ainda hoje e logo mais eu mandarei um dos criados à vossa procura para saber como vai passando.

— Não é preciso enviar ninguém à residência de meu amigo — falou o professor — pois pretendo passar o dia em sua companhia e à noite trarei as informações desejadas.

— Quero enviar-lhe ainda um auxílio, prezado professor — acrescentou a moça.

— Agora não, Diana. Nós lhe daremos o que precisar hoje mesmo e, amanhã, se já estiveres com outro aspecto, fazendo então um pequeno sacrifício, iremos visitar juntos o doentinho e assim poderás entregar

pessoalmente o dinheiro que lhe destinas. Vamos agora para Lille.

— Não, mestre, pois já mandei preparar uma refeição para vós e terei todo o prazer em que almocemos juntos pois a notícia de que irão à procura de meu pai já me proporcionou uma ressurreição espiritual.

Os amigos, então reunidos no salão de reflexões, fizeram referências consoladoras à jovem que, desde aquela data memorável, consolidou a saúde sob a égide da fé e da proteção espiritual.

Quando o médico e o professor iam retirar-se, ela assim lhes falou:

— Então está tudo combinado para as providências de amanhã.

Alvoreceu um dia radioso de início de primavera, inundando o Sol de luz prodigiosa a Terra e as almas apreensivas. Diana, que havia adormecido mais reanimada, depois que ouvira as palavras sensatas do dr. Januário, despertou para as lutas planetárias com verdadeira coragem cristã. Levantou-se, orou fervorosamente ao Criador do Universo, a Jesus e seus Emissários divinos, e, após ligeira mudanças de aspecto, desceu à sala de refeições onde encontrou o professor em companhia de sua esposa.

— Quanto nos alegra a tua presença! — exclamou a carinhosa mestra.

— Por que, sra. Estela, tanto vos alegrastes com a minha presença? — perguntou-lhe Diana.

— Porque eu e Sérgio... já temíamos que não te erguesses mais do leito. Foi este o motivo que o deteve agora aqui neste solar, pois há muito que deseja ir à procura de nosso adorado filho que temos receio de não rever jamais.

— Estou também ansiosa por notícias de vosso estimado filho e de meu infeliz pai. Talvez que este já não esteja mais neste Vale de Lágrimas.

— Deixemos de previsões dolorosas, Diana — interrompeu-a o professor — pois eu e o dr. Januário já iremos ao encalço deles. Ele deverá regressar dentro de uma hora e pretende convidá-la para ir até o casebre em que mora o pai do Luisinho.

— Se ele resolver a minha ida, como médico e inspirador de nobres ações, eu o acompanharei, mas somente em companhia de meus caros mestres.

— Sim, nós te acompanharemos, pois desejamos dar-lhe o melhor auxílio para minorar os sofrimentos alheios, tendo Jesus como inspirador.

Após a primeira refeição do dia, chegou ao Solar o dinâmico e piedoso médico e, decorridos alguns instantes, dirigiram-se ao local em que residia Flávio Sigaud.

Quando chegaram ao término da viagem, foram recebidos com

demonstrações de gratidão os visitantes que, ao penetrarem no escuro recinto, ficaram com os corações compungidos. A lôbrega habitação compunha-se de apenas três peças, desprovidas de móveis, de qualquer conforto, e, numa tasca cama de tábuas, acharam o doentinho, que fitou, com curiosidade, os recém-chegados. Diana e a sua professora foram as primeiras a se aproximarem dele, depondo perto da modesta almofada de sua cama diversos e úteis presentes, enchendo-o de emoção e alegria.

— Estás melhor, Luisinho? — perguntou a professora, osculando a sua pálida fronte.

Ele respondeu, mas, cheio de reconhecimento, beijou a destra que o afagava.

— Compreende agora, Diana, a sublimidade da missão que, de hoje para o futuro, terás que desempenhar? — disse-lhe o dr. Januário à jovem que abraçava o enfermo com os olhos orvalhados de lágrimas.

— Sim, dr. Januário, e prometo, com toda a firmeza de minha alma, que sacrificarei a minha própria vida em benefício dos que padecem. De agora para o resto de minha existência, olvidarei os próprios dissabores para suavizar os de nossos companheiros da vida terrena. Tudo farei para o desempenho total de minha missão planetária!

— Graças mil seja rendidas ao Juiz Supremo e a Jesus pela metamorfose operada em teu espírito ou teu coração — exclamou o professor Delavigne, fitando a sua querida discípula.

Diana apertou-lhe a mão e, depois, voltando-se para Flávio Sigaud, falou-lhe emocionada:

— Meu infeliz pai deverá regressar brevemente, talvez até o fim do mês corrente. Eu te prometo, em nome de Deus e de Jesus, que a tua penosa situação vai terminar. Espero que ele haja adquirido penosas experiências fora da França e então saberei como agir em prol dos que padecem fome e frio.

— Ele será capaz de proibir a vinda da srta. Diana a este sombrio casebre.

— Saberei agir com o coração em primeiro lugar e com a lei na segunda hipótese.

Depois, encarando o médico, enquanto o desventurado pai do Luisinho lhe patenteava a sua gratidão, disse-lhe:

— Vós podeis tratar do doentinho sob a minha responsabilidade. Eu pagarei os vossos honorários.

— Que dizes, Diana? Julgas por acaso que estou tratando do Luisinho

pensando em recompensas pecuniárias? Não! Virei aqui, hoje e sempre, em nome de Deus. Agora, exclusivamente por minha conta, vou ativar o tratamento de que necessita com urgência.

— Afinal, que tem ele? — perguntou Diana ao dr. Januário.

— É uma bronquite asmática, porém já está melhor, embora bastante debilitado.

— Não. Eu também sei exercer a caridade sem o menor intuito de recompensa, Diana — falou o médico dando a entender que ela não devia insistir.

— Ao se despediremos os visitantes, apareceram no humilde recinto a mãe do Luisinho e uma formosa moça de quinze anos presumíveis, de nome Henriqueta, que era a primogênita do casal.

— Esta é irmã do Luisinho — apresentou-lhes o pai deste.

— Nunca sofreu ela da enfermidade que tanto faz padecer o seu irmãozinho? — perguntou o dr. Januário ao pai.

— Não, doutor, mas tenho receio de que venha a padecer de alguma doença pulmonar por causa do lugar úmido em que moramos.

— Não precisa de ficar preocupado, sr. Flávio, pois creio que muito em breve terás melhor situação doméstica — disse-lhe Diana com ênfase.

— Como poderá suceder tal coisa se o sr. conde vai regressar e certamente não desejará ver-me de novo e dar-me trabalho?

— Deus é Juiz e Pai. Confiemos na Sua proteção e bondade! — exclamou Diana com verdadeira convicção em suas palavras.

Transcorridos alguns minutos, despediram-se os visitantes, deixando algum dinheiro para a alimentação de todos e remédios para o enferminho.

6
A MENSAGEM

Alguns dias decorreram, sem nenhum sucesso digno de menção no belo Solar de Diana.

Os professores haviam interrompido os labores escolares. Sérgio e Esteia Delavigne recomeçaram assim que observaram que a filha do conde fizera uma verdadeira metamorfose moral: distribuía ela as horas de cada dia em afazeres diversos, estudos literários, música, visita aos enfermos, empréstimos monetários, pois só então verificou quanto seu pai era autoritário e mesquinho ao extremo, ocasionando desventuras nos lares de seus subordinados. Tudo com a quantia que lhe entregara e que montava a milhares de francos para, no caso de extinguir-se a verba que levara para a viagem, poder enviar-lhe auxílio pecuniário com rapidez.

Diana fornecia o que os servos precisassem, dando-lhes agasalhos e remédios e visitando-os quando lhe fosse possível.

Chegou finalmente o dia em que partiram para a Argélia o prof. Delavigne e o dr. Closet, que se despediram de todos visivelmente emocionados e com fraternas recomendações.

— Não regresses sem ser em companhia de nosso adorado Leonel! — exclamou a sra. Estela, lacrimosa, na hora da despedida.

Decorreram alguns dias mais que, embora não fossem aflitivos, não deixavam de conter apreensões relativamente aos viajantes.

O pai de Luisinho ia com frequência ao castelo para dar à jovem filha do conde notícias do doentinho que já estava com a cor menos pálida, já fazia movimentos no leito e parecia que muito em breve recomeçaria a andar.

Nenhuma notícia, porém, chegava desde a partida dos que foram ao encalço dos primeiros viajantes. Transcorreram quatro semanas da data da partida do professor e do médico e — já muito preocupada — Diana falou à esposa do educador:

— Sra. Estela, julguei que fôssemos ficar tranquilas e a nossa inquietação duplicou!

— Tens razão, Diana, e só o que nos resta é implorar a Deus e a Jesus a sua proteção para todos nós a fim de que breve termine a nossa provação.

— Vamos então orar na ermida que há muitos anos meu pai manteve fechada, sem celebrar qualquer ato religioso — disse a moça tristemente.

— Meu marido e o dr. Januário são de parecer que não deve haver determinado local para elevarmos os pensamentos ao Criador do Universo, a Jesus e aos mártires do Cristianismo, mas eu já não estou de pleno acordo, pois em um local destinado às preces, silencioso, onde o corpo e a alma se prosternem com o máximo fervor, onde haja luz ou sombra, podemos orar melhor do que em um salão festivo ou impróprio para a concentração espiritual. Vamos, pois, para a ermida onde poderemos orar sempre com bastante fervor.

Ambas saíram e foram em busca de uma serva que abriu a porta da ermida, onde Diana fora batizada por insistência de sua piedosa progenitora e, ao ficarem a sós, genuflexas, oraram com inusitado fervor, elevando seus pensamentos ao Pai Misericordioso, deixando que lágrimas fluíssem dos seus olhos magoados.

Subitamente, Diana ergueu-se e, com os braços levantados para o Alto, começou a orar com voz súplice:

“Deus, Pai e Amigo incomparável dos que se acham sepultos nas sombras planetárias, eis-nos em Vossa presença, implorando mais uma vez a Vossa misericórdia para os que se acham imersos em dores morais ou físicas. Estamos isoladas neste castelo, premidas por uma dor profunda que vibra em nossos corações de filha e de esposa e mãe, separadas dos que fazem parte talvez eternamente de nossos destinos!

Estamos sem notícias dos entes queridos e sem o alento de uma esperança reanimadora. Vós sois a derradeira consolação e não desejamos perdê-la para que não sejamos golpeadas por dores acerbas ou rolemos no abismo da desventura.

Tende, pois, compaixão de nossos sofrimentos e, se for de Vosso agrado, terminai esta angústia que nos domina e faz os nossos corpos penderem para a terra. Tende piedade de nós e de todos os que padecem neste Vale de Lágrimas!”

Logo depois a jovem baixou o braço, ajoelhou-se novamente e, com voz estranha, começou a murmurar:

“Estamos sempre ao lado dos que padecem, como vos sucede neste momento. Deus não abandona os que estão lutando com a adversidade. Não vos entregueis ao desalento nem à descrença no auxílio divino. Daqui a três dias regressarão os que se ausentaram deste solar com os que foram exilados

e tiveram experiências que ficarão eternamente gravadas nos livros de suas vidas.

Vós, que recebeis esta mensagem de um de vossos Guias, tendes de empenhar-vos em uma luta que há de durar decênios e só terminará quando for consumada a vossa missão terrena, de sumo valor espiritual.

Esquecei, pois, as vossas dores, as vossas decepções, as vossas amarguras, sempre confiantes no auxílio e na proteção dos Mensageiros divinos.

Fostes outrora discípula de Jesus que vistes em Jerusalém ser alvo das injustiças e perversidades dos que ainda tinham as suas almas em trevas. Deveis desta era para o futuro ressuscitar o que já foi gravado em vosso espírito.

Deus vos proporcionou uma fortuna incalculável, acumulada com os labores e sacrifícios dos servos, sempre desamparados, sempre flagelados pelo despotismo dos senhores dos castelos, mas soou agora o clarim da vitória espiritual, da piedade cristã e sois vós, apesar de ainda muito jovem nesta vossa atual peregrinação planetária, que tendes de assumir a direção de tudo, que terá por limite o triunfo eterno de muitas almas redimidas.

Não estareis só para o empreendimento de tão elevada missão, mas, ao lado de outros seres humanos, que serão vossos auxiliares na SEARA BENDITA que começa na Terra e termina no Além!”

Quando Diana terminou a mensagem espiritual que recebera, sentiu-se emocionada até às lágrimas, tendo a sua digna professora lhe reproduzido o que gravara na memória, dizendo ela:

— Pois será crível que, regressando meu pai, consentirá ele na execução de tão grandiosa missão terrena?

— Deves contar, Diana, com a proteção dos Mensageiros divinos que, na Terra, hão de sair triunfantes.

7
O RETORNO

Transcorreram mais alguns dias sem que chegasse ao Solar notícia alguma dos queridos viajantes.

Vede, cara mestra, quanto fomos iludidas. Os que se comunicaram por meu intermédio afirmaram que teríamos notícias dos ausentes após três dias e já passou uma semana, e estamos sem a mínima compreensão do que ocorre além, com os que partiram sem destino conhecido.

— Pois eu não duvido da realidade do que recebeste espiritualmente, Diana. Não és uma leviana, uma destituída de sinceridade e, portanto, não deves ter sido a transmissora de inverdades. Não pode ter havido falta de lealdade, mas talvez algum sucesso inesperado tenha causado a demora dos entes que esperamos ansiosamente. Não te entregues à desesperança e ao desalento. Sonhei que eles já haviam chegado... Escuta vamos descer ao térreo; Diana. Algo de extraordinário está ocorrendo na entrada principal deste solar. Vamos. Vamos ver o que aconteceu.

— Meu pai! — exclamou Diana.

— Meu filho! — gritou Esteia Delavigne, soluçante.

Houve amplexos afetuosos e interrogações sobre os sucessos ocorridos durante a ausência deles.

— Como envelhecestes, meu pai! — disse Diana, com os olhos inundados de lágrimas. Estais quase irreconhecível...

— O sofrimento foi intenso, querida filha, e só com o tempo... poderei relatar tudo quanto me sucedeu e aos heroicos amigos que me acompanharam e, por último, os que me salvaram da miséria e de acerbos dissabores.

— Que dissestes, meu pai? — tornou Diana, surpresa com as revelações paterna.

— A verdade mais real de minha vida. Não fosse o estado de depressão física em que me encontrava e já teríamos chegado aqui há três dias.

Os recém-chegados, acolhidos com fraternidade e afeto, passaram horas com a narração de ocorrências que tiveram de enfrentar com grandes dificuldades financeiras.

A jovem filha do conde, aproximando-se do dr. Januário, agradeceu-lhe

emocionada a oportuna interferência que reconduziu ao lar querido o seu infeliz progenitor. Apertou-lhe a mão e falou-lhe sensibilizada:

— Que Deus vos recompense, dr. Januário, pois eu já não tinha mais esperança de rever meu desventurado pai. Sei que fostes o causador de sua partida brusca da França, mas, desde que percebi a generosidade de vosso plano humanitário, a minha gratidão tornou-se ilimitada.

— Não é preciso agradecer-me, Diana. O que te lembro com insistência é a execução de tua missão espiritual neste solar.

— Comprometo-me a começar a executá-la amanhã mesmo. Quereis vir assistir o seu início?

— Sim. Virei aqui pela manhã e desde este momento vou solicitar permissão do sr. conde para vir a este castelo com frequência para zelar por tua saúde e de todos os seus habitantes, sem quaisquer honorários.

— Eu vos espero amanhã, com indizível prazer!

Horas de mútuas confidências transcorreram na residência do conde. Todos observaram a diferença operada no titular, física e moral, pois ele não se mostrava incomunicável e arrogante como outrora, mas houve momentos inesperados em que, fazendo irem à sua presença o jovem Leonel e o humilde João Voltaret, assim falou encarando a filha:

— Diana, jamais poderei recompensar estes incomparáveis amigos e companheiros de um verdadeiro martírio.

Para que compreendas a verdade é preciso que te diga que ambos trabalharam para o meu sustento e que João chegou ao ponto de pedir esmolas para... não morrermos de inanição, pois já sabes que fui roubado em tudo que possuía na primeira hospedaria e chegamos a ser humilhados e expulsos. Alugamos um verdadeiro pardieiro... que me faz lembrar aquele em que morava a família de Flávio Sigaud, que protegias ocultamente. Quero visitá-los amanhã, Diana! — concluiu o titular com os olhos fúlgidos de lágrimas de compaixão.

— Sim, querido pai, mas chegou o momento de esclarecer-me por que não me comunicastes vossa penosa situação.

— Eu o fiz por intermédio de Leonel diversas vezes, mas as cartas eram apreendidas na agência local, pois houve quem me denunciasse como indivíduo perigoso à França... Somente soubemos disso quando o prof. Delavigne e o dr. Januário chegaram a Argel. Se eles não fossem à nossa procura, então Leonel venderia uma joia de família e viria em busca de socorro, para o nosso regresso tão ansiosamente desejado.

— Quem seria o denunciante, meu pai?

— Julgo ter sido o criado que me roubou na hospedaria em que residíamos, para afastar suspeitas sobre a sua pessoa e não ser denunciado à polícia.

— Graças à proteção de Jesus tudo ficou resolvido, meu pai, sem violências e sem nenhum delito. Agora, meu pai, tratemos de fazer o Bem, principalmente aqui neste solar.

— Estou de pleno acordo contigo, Diana, pois o que sofri faz-me lembrar dos seres humanos mais miseráveis ... que eu desprezava, inflado de vaidade ou de orgulho. Quero que sejas muito grata ao dr. Januário, ao prof. Delavigne, ao bom Leonel e ao abnegado João... que não me deixou morrer de fome.

8
O SOLAR DE JESUS

No dia do regresso do conde e os seus estimados companheiros de sofrimentos e de viagem, houve um lauto jantar no salão apropriado, repleto de incomparável alegria, o que não sucedia havia quase meio século.

Em certo momento, Diana levantou-se e, erguendo uma taça de champanha, assim falou:

— Em primeiro lugar, bendigo o Monarca absoluto do Universo, o Pai incomparável que restituiu a calma e a alegria a este solar, até então imerso em lágrimas e tristezas, agradecendo-Lhe não haver sucumbido de amarguras o dono deste solar que deverá ser chamado, de agora em diante, SOLAR DE JESUS, como preito de gratidão ao Emissário divino que baixou às trevas planetárias para dirigir a nossa redenção espiritual.

Surgiu, pois, uma nova era para todos os que aqui se encontram, que serão, doravante, eternamente congregados em missão de amor. As inspirações divinas virão, em catadupas, sobre as nossas frontes, onde incidirão as bênçãos divinas. Não considereis jamais como inferiores os serviçais, os desprotegidos de fartura, os próprios mendigos, esforçando-vos para que sejam tratados com humanidade, com piedade, confortando-lhes os corações desalentados ou atendendo às súplicas das mãos estendidas para receber um óbolo que os vista ou lhes mate a fome.

Ouvi o que ora vos transmito por intermédio desta irmã que, apesar de muito jovem ainda, já é um espírito milenário, com experiências adquiridas sobre o Bem e o Mal. Todos os atos humanos são julgados pelos Emissários celestiais para que o Juiz Supremo possa exercer a mais integral justiça. Ninguém sofre sem justa causa e todas as ações, boas ou más, têm o seu reflexo. Chegou o momento luminoso das reconciliações terrenas, das abnegações fraternas, do auxílio cristão e, assim, dentro em pouco, este solar será bendito por todos os que dele tiverem conhecimento, como beneficiados dos pobres e desamparados.

Não ireis acolher ociosos e exploradores, mas dar-lhes ocupações dignas que os recompensem e os amparem contra a miséria.

Dai-lhes instrução, mantendo uma escola para adultos, jovens e crianças, a

cargo dos professores presentes.

Transformai este castelo em um abrigo fraterno para os desprotegidos da sorte que, desde então, tornar-se-ão verdadeiramente irmãos pelo afeto recíproco, pela paz reinante, pela gratidão que, por muitos séculos, existirão em suas almas. Que o Pai universal e Jesus vos abençoem e a todos os seres humanos!”

Quando Diana terminou esta prece espontânea e inesperada, foi abraçada pelos comensais e, em voz alta, o conde de Debret dirigiu-se ao prof. Delavigne e lhe perguntou com incontida curiosidade:

— Professor, elucidai-me sobre este caso. Por que a minha filha falou com um timbre de voz diferente, proferindo conselhos que, em sua idade, excederam o que deve ser observado. Foi ela dominada por algum fenômeno desconhecido?

— Sr. conde, estou em condições, bem como o dr. Januário, de dar-vos as respostas desejadas. Há na França e em muitos países civilizados uma inovação religiosa que, sob o influxo de Mensageiros siderais, há de progredir por todo este planeta. É o Espiritismo, doutrina codificada pelo nosso conterrâneo chamado Allan Kardec, que reuniu as melhores provas da imortalidade da alma e a sua comunicação com os seres terrenos. Combate ele as penas eternas e ensina a redenção da alma ou espírito por provas humanas bem suportadas.

Há muito que os seres terrenos recebiam as chamadas “inspirações” na calada da noite, como a pitonisa de Endor, na Palestina, mas agora os Mensageiros divinos já transmitem os seus pensamentos,. como presenciamos há pouco, por entes especialmente dotados e chamados médiuns.

— A inovação sugerida pelo nosso supracitado patrício é digna de louvor, mas depende da prática para que vejamos o seu resultado! — falou o titular.

Quando terminou o banquete de regozijo no Solar, o dr. Januário, aproximando-se de Diana, felicitou-a pela sua bela manifestação psíquica e, sensibilizado, abraçou-a fraternalmente, mas ambos sentiram o despertar de um novo sentimento, até então ignorado.

Ainda com os seus olhos celestiais marejados de lágrimas, ela lhe disse:

— Dr. Januário, eu não sei expressar o meu reconhecimento por tudo quanto fizestes em meu benefício e no de meus entes queridos. Agora tenho esperança de que este solar, tão flagelado por dores inesquecíveis, possa tomar outra diretriz.

— Tudo quanto fiz, por um ato que parecia de violência, foi por inspiração surgida em minha alma que certamente estava recebendo inspirações do Alto.

O conde de Debret, aproximando-se de sua filha, falou com a voz ainda perturbada de emoção:

— Minha filha, iremos amanhã ao casebre de Flávio Sigaud, pois um herbanário que, na Argélia, nos prestou um valioso auxílio, soube do mal que sofre o meigo Luisinho e enviou, por intermédio de João Voltaret, uma planta para a sua cura definitiva, de acordo com as instruções que ele nos transmitiu.

Diana, ainda visivelmente comovida, falou ao pròf. Delavigne e ao dr. Januário:

— Faço questão fechada de que amanhã cedo estejam ambos prontos para o passeio combinado. Tenho já um plano...

— Que os Mensageiros divinos te inspirem os melhores planos possíveis, Diana — disseram eles, quase em uníssono.

Terminada a amistosa reunião, retiraram-se os que nela tomaram parte, tendo nos corações uma suave impressão de conforto espiritual, como jamais sucedera naquela opulenta habitação senhorial, até então flagelados por dores que atingiam a todos eles.

Transcorria o mês de abril, já invadido pelos esplendores da Primavera no Solar de Diana. Logo nas primeiras horas do dia, todos se ergueram do leito, tendo em pensamento uma excursão em que levariam conforto a corações desolados.

Tudo estava preparado para a partida quando chegou o dr. Januário, que, ao fitar a jovem Diana, nunca a considerou tão parecida com a sua desditosa progenitora. Diana percebeu a emoção que dominava o médico que, ao apertar-lhe a mão, a beijou afetuosamente.

— Podias ser filha minha e, no entanto, o sentimento paternal está se transformando.

— Meu pai está nos observando, murmurou a jovem com timidez. Confesso, porém, que ocorre em meu íntimo... igual fenômeno!

O conde, aproximando-se, fitou-os com atenção e depois falou:

— Parece-me que estamos fadados a vivermos todos neste solar... como se fôssemos membros da mesma família.

— Que Deus ouça e realize as vossas palavras, querido pai — exclamou Diana, cheia de emoção.

Partiram, decorridos alguns momentos, os que constituíam então a caravana da piedade: o conde, sua filha, o prof. Delavigne, o dr. Januário,

João e os dois condutores das carruagens.

— Por que ordenastes que fossem aprestadas duas conduções... se uma só bastaria para o nosso projetado passeio? — perguntou o conde à filha.

— Permiti, meu pai, que eu guarde alguma reserva... até o local de nossa excursão — respondeu ela com um sorriso.

Quando chegaram ao local desejado, falou o conde com verdadeira emoção:

— Nunca pensei que a miséria reinante no lar de Flávio Sigaud fosse tão grande. Quando me achava em Argel, muitas vezes pensei que estava padecendo por haver expulso do Solar de Diana esse que foi meu servo e três membros de sua família, enfermos e desamparados. Depois que o destino me fez passar por tão acerba prova é que a compreendi com exatidão.

Todos os viajantes desceram dos veículos e dirigiram-se para o pardieiro de Flávio, percebendo um doloroso soluçar de criança. O dr. Januário foi quem vibrou na porta uma forte pancada e logo após viram o encantador semblante de uma jovem aparentando umas quinze primaveras.

— Quem procurais nesta humilde casa? — perguntou.

— Todos deste lar! — exclamou Diana. Teu pai está em casa?

— Sim. Podem entrar, mas não temos cadeiras para oferecer-lhes para sentar.

— Estamos aqui para visitar todos deste lar e especialmente ao pequeno enfermo.

A criança, a princípio atemorizada, tendo ocultado a loura cabecinha com mísera coberta esfarrapada, sentou-se a custo em seu leito — dois caixotes unidos com um simulacro de colchão — e pôs-se a fitar os recém-chegados, sorrindo tristemente para Diana que logo se aproximou e disse-lhe:

— Viemos visitá-lo, Luisinho. Estás melhor?

O pai dele, aproximando-se, cumprimentou os visitantes e já perto do improvisado leito, respondeu-lhes:

— Melhorou da bronquite asmática, mas está com fraqueza nas pernas e... custa muito a dar passos.

— Deus permitirá que ele obtenha melhoras sensíveis com o novo tratamento a que vai ser submetido... em outro lugar! — falou a jovem Diana, afagando-lhe a fronte.

Depois, com a voz modificada, falou com estranha emoção:

— Amigos que estais presentes, eu vos convido a erguermos ao Altíssimo uma prece em beneficio deste enferminho, para inspirar a meu nobre pai, aqui

presente, a sua permissão para levá-lo para o Solar de Diana que, desde hoje, será chamado SOLAR DE JESUS, onde há excesso de aposentos confortáveis, completamente desocupados, ao passo que aqui e em outros lugares há falta de alimento e agasalho para seres humanos que também têm o direito de viver... como os que são ricos e poderosos. Consenti, querido pai, que se realize este sonho... que já dura anos?

Todas atenções convergiram para o titular que, extremamente pálido, sem conseguir pronunciar uma só palavra, dobrou a fronte verticalmente, aprovando tacitamente a rogativa de sua piedosa filha, ato pelo qual foi abraçado pelos presentes, falando-lhe a filha entre soluços:

— Vamos orar de joelhos, agradecendo ao Juiz Supremo a grande e indescritível concessão que acaba de proporcionar.

— Minha filha, eu já proferi algumas preces... depois dos tormentos por que passei em Argel, mas nunca o fiz ajoelhado.

Ao terminar o titular estas palavras, inesperadamente e sem que ninguém o suspeitasse, com surpresa geral, viram angelical menino ajoelhar-se no seu rústico leito, unindo suas minúsculas e pálidas mãozinhas em louvor à confortadora graça que lhe foi concedida e aos seus entes queridos, mais por influência de Mentores espirituais que ali se congregaram. A comoção orvalhou de lágrimas os olhos de todos e, constituindo uma surpresa inesquecível, ajoelharam-se, imitando o doentinho que, com voz meiga e alterada, assim falou:

— Papai do Céu... tende piedade de nós!

— Já teve compaixão de nós o incomparável Pai universal! — exclamou o dr. Januário, que se ergueu do chão de terra, e falou intensamente emocionado:

— Pai incomparável, Amigo eterno de todos os que padecem, acabo de viver o momento mais emocionante desta dolorosa existência, do qual jamais olvidarei por séculos e milênios. Vós, Senhor, fizestes com que se curvassem todos os presentes à voz de um arcanjo terrestre, que conseguiu abalar por todo o sempre o orgulho humano, desfazendo-o em migalhas que hão de confundir-se com a poeira das estradas desertas, e nós O louvamos agora e eternamente.

Aqui nos encontramos, após séculos de sofrimentos, desejando seguir eternamente a marcha ascensional de nossos espíritos, que aspiram ser habitantes siderais.

Abençoai todos os que aqui se acham e todos os seres deste planeta,

fazendo uma especial rogativa para o pequenino ser que fez um grande e nobre titular dobrar os joelhos pela primeira vez em sua atual peregrinação terrena, devendo sua alma ter aportado nas plagas divinas para onde todos nós dirigiremos os nossos passos!

Abençoai-nos, inspirando-nos os mais generosos pensamentos, a fim de que, hoje e eternamente, sigamos o caminho do Bem, do Perdão, do Sacrifício, da Abnegação, da Paz e da Piedade.

Quando o dr. Januário concluiu a prece que todos repetiram por seu turno, em suas mentes, foi abraçado, comovidamente, pelos presentes. Intensamente sensibilizado, agradeceu e, aproximando-se do leito do Luisinho, ergueu-o nos braços, osculou-lhe as faces desmaiadas e disse com entonação vibrante:

— Este encantador menino jamais se apartará dos que aqui se acham! Foi ele o elo bendito de nossa união ou de nossa eterna aliança. Deixemos, pois, este bendito casebre onde se unificaram os nossos espíritos por toda a consumação dos séculos. Proponho ao sr. conde que, neste local, seja erguido um santuário consagrado ao Redentor, onde nos reuniremos algumas vezes durante cada desfile de um ano para agradecer ao Pai celestial e a Jesus as graças que nos foram concedidas!

Todos os presentes aplaudiram a ideia do dr. Januário que, sempre abraçado ao menino, falou ainda:

— Partamos, para sempre, para o solar de Jesus.

Os progenitores do Luisinho soluçam e, aproximando-se do conde de Debret, o pai dele murmurou:

— Sr. conde, não enlouqueci ainda de emoção?

— Não, Flávio, respondeu-lhe o titular. Sofri muito pelo ato de violência que pratiquei contra ti e os teus entes queridos e quero agora resgatar os meus defeitos, pois a dor fez-me reconhecer a verdade que poucos seres compreendem. Partamos todos para o nosso solar, que tem abrigo para todos os que aqui se encontram. O prof. Delavigne e os seus, bem como o dr. Januário, pertencem a uma só família ligada pelo destino que, certamente, jamais nos há de separar!

— Louvores eternos sejam consagrados ao Juiz Supremo! — exclamou o prof. Delavigne, abraçando o titular, a sua cara discípula e os presentes. Nunca hei de viver certamente hora mais emocionante do que esta, aqui nesta humilde choupana. Como Deus é generoso para com os filhos que tantas vezes se afastam do carreiro do Bem e da Virtude.

Todos os circunstantes aplaudiram as suas palavras, depois, reunindo em

modestos invólucros alguns objetos e humildes vestuários, dirigiram-se às duas carruagens que os aguardavam perto da choça que dir-se-ia tornada luminosa e resplandecente por uma verdadeira magia sideral.

— Será transformado em um santuário! — exclamou o dr. Januário Closet, fitando o miserável casebre de Flávio Sigaud com os olhos repletos de lágrimas.

9
TRANSFORMAÇÃO

Partiu a caravana cujos membros iam com os corações abertos e as fisionomias tranqüilas e ditosas. Duas horas após chegaram ao Solar de Diana que, de agora para o futuro, foi conhecido pelo abençoado nome de Solar de Jesus e grande foi a admiração dos servos ao observar o outrora orgulhoso e despótico titular em companhia de humildes criados como eles.

Quando todos desceram das carruagens, conduzindo o que levavam com facilidade, o dr. Januário, sempre com o pequeno enfermo nos braços, disse com emoção:

— Não creio que tenhamos, durante a vida que transcorre, outras horas mais ditosas do que as que passamos na choupana de Flávio.

— E eu, dr. Januário, que posso dizer? — e, abraçando o seu filhinho, assim lhe falou:

— Meu querido filhinho, tudo quanto sofri por tua causa transformou-se em alegria eterna. Agora confesso aos amigos que meu pai foi um opulento castelão além de Amiens[2]. Ele, porém, teve súbitos prejuízos decorrentes de jogo imoderado e, tendo falecido a minha desventurada mãe, em poucos meses ficamos reduzidos à mais negra miséria. Ele pouco depois baixou ao túmulo e eu, que mal saíra da infância, tive que procurar serviço... lembrando-me de haver deixado um castelo principesco em que sempre vivera com o maior conforto e abundância. Meu pai, porém, fora cruel e muitas vezes expulsara criados de seu lar e, ao sofrer o que sofri, muitas vezes pensei em estar resgatando uma dívida igual à minha ou dele mesmo, cujo espírito deve ter contemplado o meu sofrimento. Perdoe-mo-nos, pois, reciprocamente, e confesso que jamais tereis um amigo mais leal do que este humilde servo que vos fala neste momento.

O conde, comovido, abraçou-o e, alterando a voz, falou com sensibilidade aumentada pela comoção:

— Confio em tua promessa formal e, desta data para o futuro, quero purificar a minha alma, evitando qualquer ato nocivo que a possa macular novamente, pois terá que ser julgada por um tribunal incorruptível.

— Parece-me estar sob o domínio de um sonho escutando o que dissestes,

sr. conde! — exclamou o prof. Delavigne. A vossa transformação espiritual foi prodigiosa como se feita sob a tutela de uma radiosa fada. Eu vos felicito e a todos os presentes, pois antevejo uma nova era para o Solar de Jesus.

— Eu vos agradeço, muito, sr. professor e, amanhã, após a primeira refeição, aqui nos reuniremos, pois desejo determinar os afazeres de cada um dos amigos que compartilharão do Solar de Jesus, como se a todos pertencesse. Vamos agora designar os aposentos para Flávio e a sua família.

— Basta que tenhamos onde nos abrigar fora do castelo, pois, desde a infância, nunca mais tive o direito de residir em um palácio!

— Não te oponhas ao que resolvi por inspiração de Diana: vais ocupar cinco excelentes cômodos no andar térreo, onde nos encontramos neste momento. Desejo que, em primeiro lugar, penetre o dr. Januário com o Luisinho, que nos olha com surpresa.

Aberta a porta que punha em comunicação os determinados aposentos, todos entraram e admiraram a perícia de Diana que ordenara aos servos que o mobiliassem com o indispensável para que tivessem relativo conforto. O leito destinado ao pequeno enfermo fora o que ela mesma ocupara até os cinco anos de idade.

O dr. Januário, contente e prazeroso, colocou o infante na caminha e ele, relutando, exclamou:

— Não! A minha caminha não é esta!

— Vai ser tua desde este momento, Luisinho — disse o médico — pois agora mudaste para aqui!

O venturoso Flávio então se aproximou e falou com o seu filhinho, cheio de alegria:

— Meu filhinho, nós vamos agora morar aqui. Quero que beijes as mãos de nossos benfeitores.

O conde, o dr. Januário e Diana aproximaram-se da criança e beijaram-lhe a fronte e a todos ele retribuiu com um ósculo afetuoso. Os pais e a irmã de Luisinho renovaram os agradecimentos e após todos se retiraram para o pavimento superior, tendo antes Diana avisado:

— Sr. Flavio, tudo o que necessitarem, em roupas e alimentos, estão nos móveis que aqui se acham.

— Obrigado. Desejo, porém, que o sr. conde me designe uma ocupação para eu retribuir, com o meu trabalho, o que for possível.

— Amanhã meu pai designará todos os afazeres dos moradores deste castelo. Qualquer ponderação que pretendes fazer, falarás antes comigo.

— Amanhã pela manhã — disse o conde — exporei o que pretendo efetuar aqui neste castelo, que vai ser transformado integralmente, e espero o comparecimento de todos às oito horas.

O dia da chegada da família de Flávio Sigaud transcorreu quase que festivamente, com um excelente jantar depois do qual o dr. Januário assim falou ao conde:

— Vou retirar-me para regressar à hora marcada, pois eu não quero perder a reunião projetada.

— Por que não vos acolheis aqui para não viajar logo ao amanhecer?

— Tenho um consultório montado e vou convidar um colega para substituir-me amanhã.

— Não necessitais mais exercer a vossa profissão em Lille, pois eu vos farei um ordenado compensador para tratar dos enfermos deste solar e dos seus arredores.

— Obrigado, sr. conde. Eu vos darei uma resposta definitiva ao regressar amanhã.

Nesse ínterim aproximou-se Diana, fitando o dr. Januário que, ao despedir-se da jovem, falou-lhe em voz baixa:

— Tudo farei para não me separar mais de ti, Diana. Estou dominado pela tua beleza física e moral!

Ela o fixou, sorrindo, e lhe respondeu:

— Vós tendes o dom de cicatrizar as enfermidades da alma... e do coração. Quanto me sinto ditosa em vossa companhia.

— E eu bem sabia que, com a tua bondade, Diana, conseguirias a felicidade de todos os que aqui residem.

— E dizer que, após um ato de violência, seguido de um ato de generosidade, transformastes a vida de todos os habitantes deste solar!

10
METAMORFOSE

Alvoreceu um dia de esplendorosa beleza, iluminando a natureza toda e a alma de todos os que se congregaram no castelo do conde de Debret.

— Parece um sonho o que ora sucede aqui! — falou um servo. Estou admirado da diferença de procedimento do sr. conde desde o seu regresso da África.

— Dizem que ele padeceu muito e arrependeu-se do que fazia aqui com os seus subalternos — disse outro.

— Vamos prestar a atenção, pois que ele, o professor e o médico já surgiram e julgo que estão todos ansiosos; para que sejamos atendidos hoje. Atenção. Vamos ouvir o sr. conde que já se destacou de entre os amigos e ergueu o braço direito. Vamos escutá-lo, amigo!

Então, o titular, com a voz alterada pela emoção, assim falou:

— Meus amigos, sei que tendes ressentimentos de tempos idos... quando eu ainda não havia adquirido... com lágrimas e sofrimentos... as mais pungentes e valiosas experiências da vida terrena. Quis o Senhor, que preside os nossos destinos na amplidão celestial, que eu me ausentasse da pátria bem-amada e padecesse acerbas dores morais que quase me fizeram fracassar e, se tal não aconteceu, foi devido à coragem e ao devotamento deste incomparáveis João Voltaret e Leonel Delavigne. Lembrava-me então de todos vós que aqui vos encontrais... e compreendi quanto padecestes...

Houve uma súbita interrupção do que estava expondo o conde, que foi aplaudido com sinceridade, havendo muitos olhos cheios de lágrimas.

— Prossegui, sr. conde — disse o dr. Januário — pois estais sendo ouvido com a máxima atenção.

— Meus amigos — prosseguiu ele — toda a transformação operada em minha vida... eu a devo a este que acaba de pronunciar as palavras que todos vós escutastes — o dr. Januário Closet — que conseguiu transformar a minha existência terrena... como eu nunca havia pensado.

Hoje, felizmente, compreendo que todos os que nascem na opulência julgam-se superiores aos outros seres humanos, merecedores de todas as regalias sociais e não enxergam os que vivem em casebres, os que curtem

fome e frio... como se fossem entes de pedra, insensíveis à dor e ao sofrimento físico e moral. Nunca se lembra de que, havendo em seus amplos lares excesso do conforto, há os que vivem em choupanas, em miseráveis abrigos, onde falta tudo e choram famintas criancinhas angelicais. Devia eu ter despertado há mais tempo... pois agora julgo estar vivendo os derradeiros dias desta quase que inútil existência.

— Não, sr. conde, não! Queremos que tenhais uma vida bem longa... em convivência com os amigos aqui reunidos... para ouvirmos as vossas comovedoras palavras! — exclamou Flávio Sigaud, tendo nos braços o seu encantador filhinho que elevou os bracinhos como se desejasse falar algo com os presentes.

— Não, filhinho — disse o enternecido pai. Agora não, que o sr, conde está falando.

— Quero dar um beijo... em sua mão... por me haver deixado dormir... numa caminha tão linda!

— Podes trazer aqui o menino — disse o conde a Flávio. O seu agradecimento far-me-á muito feliz... agora e para o resto da vida.

O genitor do menino levou-o até onde se achava o titular, que o arrebatou dos braços paternos, beijou-lhe as faces e disse com voz embargada de comoção:

— Foste tu, inocente, quem concorreu para a minha completa transformação, e, surpreendendo os presentes, beijou as faces da linda criança.

A emoção foi geral! Ninguém mais conhecia o proceder do titular que, de algoz, passara a ser humilde e afetuoso. Houve lágrimas, muitas lágrimas. O dr. Januário aproximou-se do ancião e abraçou-o, bem como à jovem Diana, que murmurou:

— Agora sim. Posso considerar-me ditosa como nunca pensei!

— Obrigado, obrigado! — exclamou o conde, abraçando a todos os que dele se aproximavam.

— Vou continuar, amigos, o que desejava expor-vos.

Ressoaram muitas palmas no auditório. Depois de enxugar o pranto que lhe inundava os olhos apagados pelo transcurso do tempo, assim continuou:

— Amigos, o tempo não nos deixa esmorecer, pois, quando não pensamos em partir, chega o momento definitivo e temos que deixar neste Vale de Lágrimas os que mais adoramos. Há, porém, a esperança de um reencontro ao perpassar dos dias... ou dos decênios. Pensemos, pois, no que resta a fazer

antes que a nossa voz emudeça. Eis o ar que aspiro: desejo que todos os que aqui se acham jamais se ausentem deste solar até o momento supremo. Todos os salários serão aumentados e todos terão o direito de reclamar, em um caso anormal, de enfermidade, morte ou viagem.

O professor Delavigne ampliará os seus trabalhos educativos, indistintamente, pelas crianças e pelos adultos que desejarem continuar os seus conhecimentos intelectuais. Poderá ser auxiliado por sua esposa, por Diana ou outros abnegados educadores. Seus ordenados serão de acordo com os seus méritos, realmente conhecidos por todos os assistentes. O dr. Januário terá dois consultórios, sendo um em Lille, já seu, e outro neste solar, devidamente remunerado. Quanto a João Voltaret e Leonel Delavigne, este será educado sob a minha responsabilidade e João será o nosso mordomo, sendo os demais recompensados segundo as suas tarefas.

Fui criado na opulência e só depois que o meu progenitor faleceu é que fiquei sabendo quanto possuía em depósitos bancários, propriedades e dinheiro aqui guardado. Dominado pelo orgulho e pelo receio de ser furtado, tornei-me refratário aos conhecidos e mormente aos servos, pois temia um grande prejuízo. Mais tarde, em Argel, vi-me sem nada do que possuía e vivi à custa de um jovem de rara nobreza de espírito e de um criado dedicado... que não me deixaram morrer à fome. Precisamos de viver com fraternidade, de estender a mão aos que necessitam de amparo e comida e não guardar o que chega para centenas de seres humanos necessitados.

A educação que os pais geralmente dão aos filhos, com raras exceções, tem múltiplos defeitos, pois incrementam o orgulho, a vaidade, a vingança, a desforra, a supremacia das raças e da instrução e uma pessoa assim criada desconhece as leis divinas e se considera digna e merecedora de todas as regalias e de todos os prestígios sociais.

Foi mister que me ausentasse deste solar, que ficasse na penúria, sofresse humilhações e falta de tudo para me lembrar dos que estiveram sob minha completa dependência, padecendo os rigores de meu gênio arbitrário e violento.

Não sei o que ocorre em meu íntimo de ontem para hoje e sobretudo desde que fui à choupana de Flávio Sigaud onde sofria um arcanjo digno de celestiais venturas e que jaz preso a este planeta de dores e injustiças. Dir-se-ia que minha alma foi transformada por meio de uma cirurgia sideral: foram eliminados os sentimentos baixos e malsãos e substituídos por humanitários e piedosos, e, desde então, sinto-me metamorfoseado, com a coragem precisa

para vos confessar o que ocorreu em meu coração, certo de que nunca mais haveis de sofrer novas injustiças neste solar, que, doravante, tornar-se-á bendito.

Todos os presentes aplaudiram calorosamente as belas palavras do conde, que tinha, ele, o antigo déspota, os olhos marejados de lágrimas felizes.

11
CONFISSÕES

Quando fez-se silêncio, o professor Delavigne pediu atenção para o que ia dizer e, ainda comovido, assim expressou os seus pensamentos:

— Amigos que ora me escutais, nestes últimos dias observei que tenho passado pelas horas de maiores emoções em toda a minha presente existência. Confesso que nunca tive tão intensas emoções, com intraduzível alegria, quando ouvi o sr. conde pronunciar palavras que pareciam provir de outro ser humano. Creio já estar ele sendo guiado por alguma entidade sideral que conseguiu memorável vitória com a sua transformação. Ele, sempre um incrédulo das verdades divinas, encontrou finalmente a sua estrada de Damasco. Aqui estamos, pois, para felicitá-lo e vibrar uma prece em seu benefício e no de todos os presentes e logo mais tarde na formosa ermida pouco distante deste salão.

Terá a palavra o inspirado dr. Januário que, certamente, saberá externar melhor os seus e os nossos sentimentos.

— Bravo, professor Delavigne! — exclamaram os presentes.

Aproximaram-se do conde de Debret os amigos e os Servos que não só lhe apertaram a mão como o abraçaram e, ao chegar ao adorável Luisinho, este osculou a face do castelão que, com sensibilidade invulgar, retribuiu-lhe a angelical e inolvidável carícia. Retiraram-se enfim, após o que dissera o professor, o conde e o dr. Januário, acompanhados dos demais. O médico sustinha nos braços a loura criança que, em poucas horas, parecia bem reanimada, tendo o bondoso João dados aos pais dele algumas ervas que lhe foram remetidas pelo herbanário Sanei Religari.

Terminada a memorável reunião, o conde de Debret, acompanhado pela filha e pelo médico, fitou-os com visível afeto e lhes disse:

— Que opinião formulastes com referência às palavras que proferi no salão das recepções sociais?

— Ficamos arrebatados pelas vossas expressões que não se assemelham às do titular de outrora, quando estáveis imbuído da vaidade de opulento fidalgo — falou o dr. Januário. Desculpai-me a lealdade com a qual vos falo, pois já sois outro ser humano bem diferente do que fostes há tempos.

— Eu também sinto a transformação que se operou em minha pessoa, mas tudo me revela... que cheguei ao fim de minha atual vida terrena.

— Não, meu pai, nunca tive tanto desejo de que tenhais uma vida longa para contemplar a nossa felicidade! — exclamou Diana, abraçando o seu pai.

— Confirmo as palavras de vossa querida filha, sr. conde — disse o médico — pois pleiteio a nossa ventura que depende do vós e de nosso Pai Celestial.

— Que é que resolveste, caro dr. Januário? — perguntou o titular surpreso, fitando o médico e a filha.

— Sr. conde — continuou o dr. Januário — desde que comecei a frequentar este formoso solar, a conviver convosco e os vossos seres bem-amados, uma verdadeira transformação operou-se em meu íntimo: eu considerava a humanidade toda constituída de irmãos que ainda não se compreendem e muitas vezes se odeiam. Era indiferente a uma afeição mais profunda, desde que os meus pais morreram e ainda muito jovem fui infeliz na sincera afeição que dedicava à Genoveva, vossa infortunada esposa. Não me referirei nunca mais a este doloroso assunto, tão penoso para nós todos, Já decorreram vinte anos, e eu tenho quase quarenta anos de idade. Ao fitar Diana, a imagem viva de sua mãe, comecei a sentir um afeto paternal por ela. Os dias foram transcorrendo e desde o memorável dia em que desejastes rever Flávio Sigaud, quando recebi o seu abraço de gratidão pelo que fiz pelo seu pequenino filho, senti que os nossos corações e as nossas almas se confundiram, aliando-se eternamente. Depende agora de vosso consentimento para que sejamos cristãmente ditosos.

— Não me surpreendem as vossas palavras, dr. Januário — murmurou o conde, colocando a mão sobre os ombros dele. Há muitos dias que estava observando que a afeição de ambos se havia transformado...

— E não desaprovastes o que observastes?

— Não, apesar da diferença de idade existente entre vós e a minha filha.

— É verdade, sr. conde. Eu, porém, consagro-lhe uma afeição dupla — de pai extremoso e de noivo dedicado. Por sua causa, serei capaz de sacrificar a minha vida. Só aspiro, para a nossa aliança, as vossas bênçãos e as do Divino Pai. Discordais de nossa pretensão, sr. conde?

— Não! Venho observando os dois há vários dias e já havia percebido que um sentimento de intensa felicidade domina os vossos corações.

— Obrigado, sr. conde — falou o médico, abraçando-o com carinho, bem como a Diana, que emocionada, beijou a mão engelhada do pai. Nunca pensei

que pudesse ser mais feliz nesta vida depois do que aconteceu outrora, mas sinto-me hoje grandemente venturoso. Não desejo, porém, sr. conde, que possais pensar que eu prevejo o fim de vossa existência e desejo desposar Diana com o intuito de vos substituir neste castelo. Não! Se assim desejardes poderei efetuar o meu casamento com a vossa filha... com separação de bens.

— Não penseis tal coisa, dr. Januário. Já vistes como desejo agir doravante e, portanto confio em vossos sentimentos religiosos, na nobreza de vossa alma, e sei que fareis tudo para tornar Diana feliz. O que deixar sobre a Terra, quando chegar o momento extremo, que espero agora, ficará vos pertencendo e desejo que sejam entregues ao professor Delavigne e a João Voltaret quantias que lhes garantam a manutenção até o fim da vida, contanto que não abandonem este castelo. Sede venturosos. É o que almejo e eternamente se é mesmo verdade que a vida continua depois da morte, depois que o nosso corpo baixa à sepultura.

— Podeis crer em minha sinceridade, sr. conde. O que me dissestes será escrupulosamente observado, se partirdes ante de mim.

— Tenho convicção de que assim sucederá, não mais dr. Januário, mas meu filho de agora em diante.

Houve grande emoção nos corações dos ditosos noivos, que beijaram respeitosamente as mãos do velho conde.

— Ainda algumas palavras que acho indispensáveis neste momento: possuo quase que incalculável riqueza, não só depositada em Bancos, conforme contas bancárias, que se acham juntamente com uma quantia considerável existente em meu dormitório, em um móvel que todos ignoram e cuja chave está oculta na minha secretária, atada por um cordão escuro. O que ora vos revelo merece atenção e sigilo para que possais viver em completa paz, sem a ambição que ocasiona uma opulência incalculável.

Podeis revelar o que ora vos revelo a apenas uma pessoa, o professor Delavigne, se houver necessidade de o fazer em caso de viagem ou de grave enfermidade. Nem podeis calcular o que me ocorria na ocasião em que estava na Argélia ao pensar no que poderia acontecer aqui se jamais regressasse. Se algo acontecesse de pior, Diana seria grandemente prejudicada.

Terminada a confidência do titular, sua filha retirou-se para o dormitório e o dr. Januário desceu as escadas em busca do Luisinho, a que muito se afeiçoara.

Ao encontrá-lo, notou a diferença de aspecto que houvera em todos os que constituíam a sua família. O menino, que despertava imediatamente a afeição

de quem o visse, lançou-se logo nos braços do médico e beijou-lhes as faces.

— Sois então assim feliz com a amizade de meu filhinho, dr. Januário? Que vale ele perante a sociedade humana? — perguntou, emocionado, Flávio Sigaud.

— Meu amigo, eu não me conformo com o julgamento alheio quando esse está em desacordo com o meu íntimo parecer. Este pequenino ser humano concorreu para que eu conseguisse a ventura que julguei haver fracassado nesta atual existência.

Vejo, porém, que todos vós estais curiosos e vou usar de lealdade convosco: acabo de contratar o meu casamento com a encantadora e piedosa Diana Benoit, minha prima.

— Ah! dr. Januário, nós é que nos sentimos felizes, sem o menor receio de sofrermos o que já ocorreu no passado.

— Bem, meu amigo, confiemos na proteção de Jesus e de seus fiéis mensageiros que se acham espalhados pelo Universo e nunca nos faltará proteção espiritual.

— Que as vossas palavras sejam proféticas, dr. Januário. Agora começo a confiar na proteção de Jesus, pois muitas vezes me faltou a fé nos momentos de acerba penúria.

— No entanto, tivestes o auxílio que não ignoramos, por intermédio de um ser que parece mais pertencer ao Céu do que à Terra. Quando Deus vo-lo enviou, já estava com os seus planos idealizados. Amanhã, Flávio, iremos todos reunir-nos na ermida deste solar e, de joelhos, agradeceremos os benefícios que nos foram concedidos e que nos fazem encarar sob outro prisma. Vejo que aqui todos já estão com outro aspecto...

— Sim... e jamais nos esqueceremos da ventura que nos foi proporcionada pela bondosa Diana, que tanto concorreu para tudo o que estamos observando.

12
A PARTIDA DO SR. CONDE

O conde de Debret, depois de tantas emoções em que foram férteis os últimos dias, encerrou-se em seu aposento particular.

— Quero que as lágrimas refluam de meus olhos sem que ninguém as contemple, pois não desejo que me considerem um covarde.

Sentou-se em uma poltrona, pouco distante de seu leito. Uma inércia invencível causava-lhe desejo de adormecer, mas o que lhe pareceu estranho foi ouvir um ser intangível que lhe falava assim:

“Meu irmão, vossos Guias ou vossos amigos invisíveis não poderiam deixar de vir trazer-vos um amplexo fraterno, sem que cometessem uma grande injustiça. Tudo que realizastes nestes últimos dias foi idealizado por vossos Guias espirituais, que têm por objetivo a vossa felicidade futura. E tudo já foi efetuado, Rogério Benoit.

Operou-se uma integral metamorfose em vosso proceder e em vossa alma, que há muito estava dominada por um cruel ancestral que se vingou de alguns seres humanos por vosso intermédio. Se tivésseis verdadeiro domino sobre os vossos sentimentos, repeliríeis o possessor por meio de preces ou de irradiações espirituais, solicitando o auxílio de vossos mentores do Além. Vós, porém, estivestes sempre de acordo com os atos de maldades praticados contra diversos seres, mostrando-vos crudelíssimo, sem ligar para os lares de infelizes criaturas que dependem de vós, como sucedeu com Flávio Sigaud. Éreis incrédulo das mensagens siderais que, inúmeras vezes, recebestes, como sucede neste instante, mas não acreditáveis fossem verdadeiras e, dominado pelo próprio espírito e de um outro, causastes desditas, muitas misérias... e também a morte de alguns servos seus que rolaram pelo mundo, enfermos e sem recursos. Esses infelizes serão futuramente reunidos no mesmo lar e tendes de mantê-los com modéstia, mas piedade fraterna. O espírito, já liberto das influências de seres arbitrários e vingativos, não obedece mais os vingativos, e, humilde, ajoelha-se como se estivesse na presença do Soberano Universal, implorando-lhe bênção e proteção para fazer a sua ascensão espiritual.

Não sereis integralmente responsabilizado pelas atrocidades praticadas,

que devíeis ter repelido, com impulso generosos e somente depois dos sofrimentos passados na Argélia é que ficastes transformado, praticando atos dignos e louváveis.

Podíeis, por longo tempo, continuar a viver neste solar, ao lado de entes queridos, mas as leis supremas determinaram a vossa partida para o mundo espiritual, onde ireis receber lições confortadoras, orientações benditas e depois voltareis a este planeta para adquirir luminosidade para a vossa alma, que ainda tem manchas que precisam ser apagadas. Não vireis como nobre, para não voltar o orgulho e a vaidade, mas em condições modestas e grandemente beneficiado pelos que moram neste castelo, que será chamado de Solar de Jesus.

Não estais adormecido, irmão querido, mas o vosso espírito se acha dominado suavemente e em contato com um de vossos Mentores que segue os vossos passos há muitos séculos. Não deveis mais deixar de atender os meus alvitres, que não têm outro objetivo senão a vossa isenção de provas acerbas, a lapidação do diamante divino — a Alma — até elevá-la às paragens siderais. Não leveis, pois, em conta de um sonho fugaz o que ora vos revelo. Nesta já longa romagem terrena nunca orastes senão nos últimos dias e não vos ajoelhastes para fazê-lo senão por influxo de uma criança.

Graças ao influxo dos Mensageiros divinos sentistes a compunção do que lhe fizestes, bem como à vossa desventurada esposa, recebendo uma verdadeira projeção radiosa em vossa alma manchada por muitos delitos de findas existências planetárias e agora ingressastes no carreiro do Bem , do Perdão e do Arrependimento, bem apto para o sacrifício e as ações nobres, mas já atingistes muito mais de meio século de peregrinação terrena. E mister, pois, ser saneado o vosso espírito nos caudais da luz da Redenção e, após, reiniciar outra batalha planetária com o amparo e a assistência dos Mensageiros celestes. Não ides, porém, nascer na opulência enganadora para que seja dominado o orgulho, desfeita a vaidade racial e, com humildes companheiros de existências, podereis colaborar na SEARA BENDITA do Senhor, que é também Pai extremoso.

Sereis então reunidos aos que foram torturados moralmente, como sucedeu à inditosa Genoveva, tendo que resgatar o que lhe fizestes sofrer, com esforço, sacrifício e tolerância. Não convém, pois, que vos detenhais nesta atual peregrinação, pois já adquiristes as dolorosas experiências dos últimos anos e já estais em condições de reiniciar uma fecunda e produtiva existência terrena. Tereis provas decepsionantes, também repletas de sacrifícios e

triunfos espirituais, auxiliado pelo que em breve será esposo de vossa filha,, ambos com as almas cheias de conquistas redentoras. Ouvistes, caro irmão, o que vos transmiti esta noite?

— Sim, mas quem é que fala dentro de meu cérebro? Estarei louco?

— Não, compreendestes o que vos revelei e amanhã, logo depois de falar o dr. Januário Closet, vireis a este aposento para orar, de joelhos, perto deste leito, em frente ao esplendor do crepúsculo que acende os faróis divinos sobre todas as frontes humanas que devem reverenciar o Magistrado Supremo em uma dessas horas sacratíssimas.

— Cumprirei as vossas determinações, pois não me sinto mais humilhado perante o Pai celestial que aprendi venerar nas horas de dores e aflições, avaliando agora quantos seres humanos padeceram exclusivamente por minha causa, quanto poderia tê-los feito felizes.

— Eles também já haviam praticado atos condenáveis no passado milenar de cada um. Resgataram faltas penosas, mas nunca um ser humano deve vingar-se e sim saber perdoar seus ofensores, pois quase sempre a humanidade e o perdão modificam os sentimentos violentos, encaminhando os faltosos para o luminoso Reino divino onde se congregam os redimidos, os libertos dos erros, conseguindo lucificar os espíritos de todas as máculas, e conquistando então a felicidade eterna, como sucedeu a Jesus depois de martírios suportados nobremente, como todos sabem.

Deveis, pois, irmão querido, de agora em diante trilhar o carreiro do Bem, do Amor, da Piedade e, por mais decepções que tiverdes, nunca deixeis de erguer os olhos para o céu, agradecendo ao Pai Supremo os benefícios recebidos, vestindo de luz a alma antes de alçá-la aos planos celestiais. Despeço-me agora, irmão querido, até que nos encontremos novamente no plano divino.

— Obrigado, irmão, pelos vossos amorosos conselhos. Eu vos prometo dobrar os joelhos e orar com fervor por tudo que me tem sucedido nos últimos dias.

Mais tarde, na hora combinada, todos se reuniram na ermida do Solar de Jesus e aguardaram a presença do conde que se encerrara em seu dormitório logo depois o trato feito.

Repentinamente, quase todos reunidos, surgiu ali, qual se fora um ser extraterreno, Saul Religari, que comunicou aos presentes que a sua neta querida se casara com um moço honesto e trabalhador, o que lhe permitira partir para a França em visita aos seus bons amigos de Argel, que ficaram

contentíssimos com a sua presença ali.

— E o sr. conde? Onde se encontra ele? — perguntou o herbanário.

— Esperemos mais alguns instantes, pois o sr. conde deverá fazer parte de nossas preces.

— Mas onde se encontra ele? — tornou a perguntar Saul Religari.

— Depois da primeira refeição, encerrou-se em seu dormitório, pois declarou que as suas emoções tinham sido múltiplas e desejava repousar algumas horas, pretendendo juntar-se a nós antes do anoitecer.

— Podeis levar-me até lá? Quero causar-lhe uma surpresa!

— Segui-me, prezado amigo, disse o médico, encaminhando-se para o quarto de dormir do conde de Debret.

Ao ali chegar, notou o médico um grande silêncio, em vista do que resolveu esperar, sem nada ouvir, de modo que bateu na porta, sem ser atendido. Em seguida, verificou se a porta estava fechada à chave e, já preocupado, falou em voz alta:

— Sr. conde! Desejamos falar-vos com urgência!

— Algo de grave deve ter-lhe sucedido, disse o herbanário, em vista do silêncio reinante.

Aberta a porta do quarto, por cuja janela entravam cascatas de luz de apoteose crepuscular, acharam o conde ajoelhado no soalho, defronte de seu leito e com a fronte pendida sobre a alva colcha que o cobria. Estava inerte!

— Parece-me estar morto! — exclamou o médico, aproximando-se para examiná-lo.

— Eu já sabia que ele havia partido para a vida espiritual... desde que aqui cheguei — disse Saul. Não é preciso.

Ambos verificaram que o conde partira para o outro mundo havia mais de uma hora, pois o seu corpo estava gelado.

O dr. Januário saiu para dar a notícia à sua filha e aos habitantes do castelo, deixando Saul ao lado do corpo sem vida.

13
PAI, PERDOAI-OS

O dr. Januário, consternado, saiu do aposento ocupado pelo conde e foi comunicando o doloroso acontecimento aos que encontrava. Decorridos alguns momentos, ninguém mais no castelo ignorava o sucedido e, compungidos, faziam sinceros comentários:

Justamente agora que ele era tão nosso amigo é que morreu! — disse um dos presentes.

— Que Deus lhe de um bom lugar no céu! — acrescentou outro.

— Meu pobre pai — murmurou Diana, aproximando-se do corpo inerte do conde e lhe acariciando a fronte.

— Não lamentemos em demasia o acontecido — falou o dr. Januário, pois a vida no Além, depois do golpe do Destino, tem confortadoras recompensas. Seu espírito partiu sereno e já hoje mesmo deve estar ao lado de verdadeiros amigos espirituais que, nos últimos tempos, transformaram o seu caráter, o seu proceder, metamorfoseando o tirano em humilde e bondoso protetor de todos os presentes.

— Peço licença para fazer uma vibração espiritual neste recinto — rogou o prof. Delavigne.

Todos aquiesceram ao louvável pedido, quando, inesperadamente, o piedoso Saul elevou os braços para o céu e disse com verdadeira emoção:

— Vejo, qual se fora uma neblina, o espírito que jaz inerte neste leito, cercado por diversos amigos, dentre os quais um de aparência feminina, que o levam para bem longe daqui. Ninguém deve pranteá-lo, pois está feliz e é confortado por Mensageiros siderais que o acolheram em sua passagem para o Além. Escutemos agora a vibração espiritual do amigo que deseja externar os seus pensamentos.

Depois de momentâneo silêncio, o prof. Delavigne proferiu vibrante alocução, externando os ideais cristãos daquela hora em que vivia:

— “Irmãos que estais presentes, este é um dos momentos mais dolorosos da vida terrena para os que não têm conhecimento algum sobre o plano espiritual.

Eis aqui uma das mais pungentes realidades de nossa vida terrena: a

partida de um ser humano com o qual convivemos por muitos anos e cuja permanência neste solar tornou-se indispensável mormente nos últimos dias. Nunca nos foi dado contemplar tão profunda modificação em sentimentos humanos como aconteceu com o sr. conde de Debret, que se transformou em outro ser humano, bem diferente do que era. Eis, meus amigos, um dos problemas humanos a ser debatido. O ente do plano material, dominado por adversários terríveis, comete atos de maldade e injustiça. O domínio espiritual sobre as criaturas humanas é uma verdade patente, pois vemos que algumas não se compadecem do sofrimento alheio porque se acham sob o guante de um dominador perverso. Devemos, pois, irmãos, nunca nos esquecermos da redenção espiritual, implorando sempre o auxílio de entidades siderais, submetendo-nos aos seus conselhos fraternos.

O caso do sr. conde foi um dentre muitos e, afastado o cruel dominador e passadas as suas provações terrenas para aquilatar o que fazia com os seus semelhantes, a sua transformação foi total e finalmente o seu corpo físico tombou morto, mas o seu espírito, já regenerado, alçou-se aos altos planos siderais.

Que estas vibrações espirituais, partidas de nossas almas, levem-lhe a nossa eterna gratidão, que Deus, sempre piedoso e justo, compense os seus sofrimentos e perdoe as suas faltas, derramando sobre ele mananciais de luz e paz.

Elevemos os nossos pensamentos ao Onipotente e Lhe roguemos as suas santas bênçãos pelo nosso benfeitor. Aliados eternos, havemos de encontrar-nos neste planeta ou em outros, sempre guiados por sentimentos fraternos.

Quando ele regressar ao plano material, há de ser acolhido com fraternidade e certamente virá continuar a sua luta pelo Bem e pela Redenção.

Temos, desde hoje, para nos ajudar na SEARA BENDITA, mais um valoroso irmão, que se acha à minha direita. Foi ele quem ajudou o sr. conde, quando esteve em Argel, pobre e sem recursos, a suportar as mais rudes provas para o seu espírito, conquistando, após, nova vitória com a sua completa transformação e fazendo com que o seu espírito, livre das cadeias terrenas, se alçasse ao Infinito.

Deu-se, no mesmo dia, por misericórdia de Deus, a súbita partida do sr. conde para o Além e a chegada, quase milagrosa, deste humilde e laborioso irmão vindo da África. Vamos acolhê-lo com fraternidade, abrigá-lo com afeto, pois deixou a sua pátria terrena em busca de três amigos que fizera em Argel, ajudando-os a vencer rudes provas.

— Quem vos disse, ilustre professor, que o bondoso Saul vem trabalhar ao nosso lado? — perguntou o dr. Januário.

— A intuição, meu amigo, que recebi do Alto.

— Confirmo as vossas palavras — falou Saul, estendendo a destra para o professor que o abraçou, bem como o médico.

— Vede, amigos meus, como é o destino humano: foi prevista a partida do sr. conde por um Mensageiro sideral em Argel e enviado um bondoso instrutor dos arcanos divinos em substituição, que deixou a pátria e família para nos ajudar.

— Que Alá não deixe de ouvir as vossas palavras de verdadeiro crente. Permanecerei aqui para trabalhar na SEARA BENDITA, mas, sempre que possível, irei ver os meus entes queridos e levar-lhes paz e amor.

— Irmãos — falou o dr. Januário — reparai na misericórdia divina: no justo momento da partida do sr. conde para o Além, depois de nos conquistar pela sua bondade, enviou-nos, de bem longe, um amigo inspirado que há de nos prestar inestimável auxílio para a execução de nossos projetos na SEARA BENDITA.

— Vamos orar, meu amigo, agradecendo a piedade celestial! — exclamou um dos presentes no qual foi reconhecido Flávio Sigaud.

— Sim, meu amigo — murmurou o dr. Januário, que, retirando dos braços do pai o meigo Luisinho, se aproximou de Saul e lhe disse que ele era o pequeno enfermo para o qual havia enviado algumas ervas preciosas.

Saul aproximou-se, colocou a destra sobre a loura fronte da criança e disse com emoção:

— Antes de fazermos uma irradiação espiritual para todos os seres humanos que estão neste recinto, desejo dizer algumas palavras sobre este formoso infante: tem tido ele, em diversas reencarnações, vidas de opulência e elevada hierarquia social. Já prejudicou muitos seres humanos e também já foi muito sacrificado. Nesta atual existência veio para conquistar méritos espirituais e, no futuro, terá que confortar almas angustiadas e consegui-lo-á com o auxílio dos Mensageiros celestiais.

Sua alma está muito ligada ao irmão que o sustém nos braços, à filha do sr. conde e aos seus progenitores. Todos vós que aqui vos encontrais não deveis deixar de amparar o menino, que ainda vos retribuirá a mãos cheias. É um espírito radioso que veio juntar-se à grande falange dos que acreditam na misericórdia divina.”

E, após um pequeno intervalo, acrescentou:

— Há um poder misterioso que ora me domina. Jamais me apartarei deste solar, onde implantaremos a crença redentora em Deus e em Jesus, conforme a vossa doutrina admite. Havemos de passar os dias em plena paz, auxiliando uns aos outros, sem ódios nem ressentimentos. Aqui virão ter outros seres piedosos como os que ora nos cercam e, ainda no plano terreno, havemos de viver em paz, com honestidade, com fraternidade, amparando sempre uns aos outros. Louvado seja Deus!

— Podeis fazer agora a prece em benefício do sr. conde — lembrou o pai de Luisinho.

— Estou de acordo — disse o dr. Januário — mas só depois do sepultamento dele, para evitar novas emoções em Diana, que agora é minha noiva e devo zelar por ela.

Não é preciso reproduzir as cenas dolorosas das últimas horas em que permaneceu no Solar de Jesus o corpo material de seu proprietário, cujo desprendimento espiritual foi observado por Saul Religari que, em poucos dias, estreitou relações fraternais com todos os que ali residiam.

A jovem Diana, extremamente afetuosa, encerrou-se por alguns dias em seu aposento particular, encarregando o seu noivo e o seu mestre, de tudo quanto fosse necessário no Solar, onde todos já viviam fratemalmente depois de tão belos atos cristãos.

Uma semana após o falecimento do conde de Debret, houve a projetada reunião de todos os moradores na ermida existente do lado esquerdo da imponente mansão, a qual, por muitos anos, só era aberta pela condessa de Debret quando o seu incrédulo esposo se ausentava.

Por coincidência fora no dia de Natal e assim falou o professor Delavigne:

— Não será longa a minha exposição, que farei sem artifícios literários ou desejo de mostrar sabedoria e sim para vos iniciar na Nova Revelação.

Irmãos queridos, achamo-nos hoje em uma data comemorada por quase todos os povos e a vida humana entra em um período de estudos que deverão desvendar diversos arcanos de nossa alma. Por mais que perquirissem o passado, sábios da antiguidade, como Pitágoras e Platão, só solucionaram alguns problemas psíquicos, mas outros não.

Nós, que aqui nos reunimos com os espíritos sequiosos de verdades siderais, temos que silenciar, pois não possuímos todos os elementos que solucionem os problemas algébricos de nosso Destino. De onde procede a alma humana? Em qual forja divina são modelados os espíritos, com pendores tão diversos, com sentimentos tão variados? Quando poderemos

seguir os exemplos de Jesus, o Rei dos Reis, que, podendo nascer em um palácio imperial, escolheu uma manjedoura por berço?

Irmãos, é preciso que todos nós nos esforcemos para desvendar os arcanos de nossa própria vida. A riqueza, tão desejada pelos habitantes da Terra, nem sempre é um fator de felicidade, mas de desventuras, ocasionando ás vezes. fracassos morais, desastres espirituais, acarretando muitos sofrimentos aos possuidores dela, como tivemos,, até há pouco tempo, em exemplo digno de nota.

Necessitamos, aqui no plano material, esforçar-nos para que o nosso corpo físico seja cuidado a fim de que possa lutar e vencer as batalhas materiais da vida, sobretudo as morais e espirituais, para a conquista do triunfo supremo: a Redenção de seu espírito. Esta só é conseguida com trabalho honesto e inúmeros sacrifícios, alicerçados na Fé e na Esperança.

Nunca devemos vingar-nos de nossos adversários. Devemos ser sempre tolerantes e piedosos e muitas vezes é preciso estender a mão aos adversários que tombam nos abismos da dor.

Graças à proteção de Mensageiros divinos, aquele ser redimido, que há poucos dias morreu ajoelhado ao esplendor do crepúsculo, findou uma etapa terrena com heroísmo, pois os sofrimentos o levaram para o campo oposto que até então seguia e Deus lhe deu novos alentos, a coragem necessária para vencer as derradeiras batalhas de sua recém-finda peregrinação terrena.

Agora vamos ouvir a palavra de nossos amigos Saul Religari e dr. Januário Closet que falarão sobre o Cristianismo redivivo.

Adiantou-se então o inspirado Saul, logo que o prof. Delavigne acabou de falar, e, erguendo os braços para o Alto, assim se expressou:

— Amigos, nascido em terra estrangeira, vou expressar o que há em minha alma sem certa facilidade, pois não conheço bem a língua que falais.

Irmãos, neste planeta que habitamos ainda há muitos seres humanos que não admitem um Criador de tudo quanto existe e pensam que a vida é produzida pelo acaso e que nenhuma responsabilidade lhes cabe quando erram e comentem atos delituosos. Desejam eles que tudo lhes facilite as conquistas monetárias, afetivas e criminosas... Quando algo ocorre que lhes dificulte os planos sinistros, lembram-se do Juiz Supremo para censurar-lhe o que é a consequência de seus próprios erros.

Irmãos meus nós que podemos fitar o Céu e contemplar a multidão de astros, receber as impressões mais belas da natureza, como o encanto das flores, o aroma que evola de suas pétalas, o sabor das frutas, a beleza do

cântico das aves, a extensão dos oceanos e mares e tudo mais, não devemos acreditar em um Criador e na existência da alma, negada pelos incréus? Mas que é a alma? É a propulsora de nossos pensamentos, de nossos sentimentos e que, quando retorna à vida espiritual, qual ave divina, se cumpriu bem a sua missão terrena, deixa aqui um corpo frio, cor de mármore, que baixa ao túmulo e se putrefaz. Na vida do Além é que se intensificam os sentimentos, que surgem os almejos de viver de outro modo, de trabalhar pelo progresso espiritual e de ajudar os que ficarem na Terra em situações bem difíceis.

Devemos, pois, enfrentar todas as batalhas da vida com heroísmo, uma vez que cada luta vencida é uma vitória alcançada, não para a Terra, mas para o Céu. Deveis ficar surpresos e perguntar: pois é verdade que ainda possamos habitar os planos siderais? Sim. No transcurso de séculos, vividos neste ou em outros planetas, com resignação que parece às vezes superar a coragem humana, sem blasfêmias, sem revoltas, tendo sempre em mente o exemplo divino de Jesus, que sorveu o cálice da amargura até o último instante e morreu dizendo: “Pai, perdoai-os, porque eles não sabem o que fazem!”

14
A PRECE DE FÉ E AMOR

Quando o bondoso Saul terminou a sua preleção espiritual, foi carinhosamente felicitado pelos presentes Como já tinha sido o professor Delavigne.

Adiantou-se então o dr. Januário, que falou com visível emoção:

— Só agora é que podemos compreender o tesouro conquistado para este solar que há de realmente merecer a designação que lhe foi posta pelo nosso mestre: Solar de Jesus, bem como verificar que os esclarecimentos que acabam de nos ser prestados têm semelhança inconfundível com a nova doutrina espiritualista que vem sendo ensinada em vários países do orbe terráqueo.

Nada mais preciso acrescentar, no momento, ao que foi dito. Quero apenas dirigir uma súplica ao Criador, implorando-Lhe bênçãos e luzes para todos os seres humanos.

Deus, Vós que sois o propulsor das almas e de todos os astros que bailam ao redor de incontáveis sóis, que criastes tudo que existe em mundos infinitos, lançai neste instante e sempre as vossas bênçãos radiosas para este planeta em trevas, onde lutam e sofrem todos os serem humanos.

Somos, Pai de Infinita Bondade, falenas humanas nas quais as asas ainda não se alçaram para os grandes voos pelo Infinito, a nossa pátria espiritual.

Dai-nos a vossa bênção espiritual para que as nossas almas fiquem repletas de luz e nos afastemos por todo o sempre das trevas terrenas e possamos, já agora falenas divinas, alçar voo pelo firmamento constelado.

Ajudai-nos para que nenhum dos Vossos filhos, aqui congregados, jamais se afaste do caminho bendito e transgrida os seus deveres cristãos para que todos alcancem a redenção final de suas almas, amando cada um ao próximo como a si mesmo.

Permiti, Senhor e Pai, que aquele que daqui partiu há poucos dias e que era dono deste solar, venha, em breve tempo, juntar-se às nossas fileiras, já com o espírito cicatrizado das urzes da vida pretérita, trazendo-nos, por certo, novas lições recebidas no Alto, a fim de que, em sua próxima etapa planetária, seja um dos mais abnegados amigos, galgando o calvário da vida

sem desfalecimentos, sem revoltas, dominado apenas pelos belos ideais cristãos de amor ao próximo. Se acaso ele estiver neste recinto, que receba o nosso abraço fraternal e os nossos mais sinceros votos de que o Criador, por intermédio dos seus Mensageiros celestiais, inunde o seu espírito de paz e luz. Assim seja!

Terminada a reunião em homenagem ao falecido conde de Debret, dispersaram-se os presentes com lágrimas nos olhos e conforto nos corações.

Um ano depois realizou-se o casamento do dr. Januário Closet com a jovem Diana Benoit e por muitos anos viveram em paz os moradores do Solar de Jesus.

Leonel Delavigne, terminado o curso de Medicina, unira o seu destino ao da formosa Henriqueta, a primogênita de Flávio Sigaud, pai de Luisinho, que já iniciara os seus estudos com o professor Delavigne, e, após um ano de casados, foram contemplados com o nascimento de um robusto menino que, desde as primeiras expressões de inteligência, parecia contemplar todos com indizível alegria e afeição.

Já o dr. Januário e Diana foram presenteados com um casal de encantadores filhinhos e desde então houve uma intensa afeição entre os que nasceram no Solar de Jesus, onde reinava verdadeira fraternidade.

Durante muitos anos viveram em perfeita paz os habitantes daquele formoso castelo que reunia seres amigos, tendo muitos deles já partido para o plano espiritual dentre os quais o bondoso Saul que, antes de cerrar os olhos, falou com indescritível emoção:

— Sofri muito... desde os primeiros anos de existência ... sob os rigores da fome do frio... mas depois de tantos padecimentos... encontrei repouso e paz neste Solar. .. onde, graças a Deus, só existem almas irmanadas pelos mesmos ideais de amor.

Aproximaram-se do leito o dr. Januário seguido pelo jovem Luisinho que, já tendo concluído o curso ginasial, matriculara-se em uma Escola de Música, arte pela qual revelara grande tendência, sendo o violino seu amigo inseparável. Achava-se então em férias e, como sempre sucedia, estava executando suaves melodias quando seu incomparável amigo e médico foi buscá-lo para visitar o piedoso Saul, cuja laboriosa existência terrena estava terminando.

— Vais executar uma prece musical, Luisinho — disse-lhe o dr. Januário, consagrada a Maria, mãe de Jesus, dessas que ouvimos nos templos.

— Sim, querido amigo — respondeu ele. Já sei que devo executar neste

violino que parece ter também uma alma boa e piedosa.

— Antes, porém, dr. Januário — murmurou o agonizante — quero fazer-vos o meu derradeiro pedido: antes que meu corpo seja transportado para o sepulcro... desejo que o professor Delavigne ore por mim... que faleis sobre a fraternidade... e que o Luisinho execute uma prece... em seu maravilhoso violino.

— Sim, querido amigo. Se não for permitido por Deus o prolongamento de nossa convivência neste solar, as súplicas que nos fizestes serão integralmente atendidas. Inicia a música, Luisinho.

O moço empunhou o instrumento na posição preceituada pelos artistas e, em breve, uma prece sonora vibrou no aposento em que agonizava o velho e bondoso Saul Religari, que fitou o artista, depois bruscamente cerrou as pálpebras e pronunciou apenas estas palavras:

— Alá... abençoai... todos os que vos adoram.

O dr. Januário aproximou-se do leito de Saul e verificou, logo após, que aquele coração que tanto amara e sofrerá, já havia sido paralisado por intensa força imaterial.

— Está terminada a missão do boníssimo Saul — murmurou o médico, com os olhos cheios de lágrimas.

Só então o meigo Luisinho depositou seu violino sobre uma cadeira e, ajoelhando-se no pavimento, fez a sua primeira rogativa espiritual em benefício do amigo que ajudara a salvar-lhe a vida no remate de uma penosa prova que desde então se transformara em bênção espiritual.

Diversas pessoas acorreram ao local onde se encontravam o dr. Januário e o Luisinho, soluçante, e muitos comentários foram feitos sobre o humilde e generoso amigo que partira para uma vida melhor, salientando todas as virtudes de que dera abundantes provas.

No dia seguinte realizou-se o sepultamento de Saul Religari, sendo enviadas notícias detalhadas para Argel, onde residia a neta do morto, já casada e residindo ainda na mesma casinha que lhe fora ofertada pelo conde.

A vida no solar voltou a normalidade até que chegou o dia em que se realizou uma reunião fraterna em benefício do espírito de Saul, proferindo o professor Delavigne as seguintes palavras:

— Pediu-me o inspirado filho de Alá que falássemos sobre a Fraternidade, o sublime sentimento que deve unir todos os seres humanos neste e nas múltiplas moradas de nosso Pai, disseminadas pelo Infinito.

— Muito bem, professor! — exclamou o dr. Januário — e todos nós já

somos ditosos aqui graças a este afeto divino que nos une há muitos anos, depois de inúmeros anos de lutas e sofrimentos por que todos passamos. Continuai, pois, ilustre mestre.

— Meus sinceros e queridos irmãos, eis o que desejo expor-vos em atendimento ao pedido de Saul, hoje no mundo espiritual.

O Universo — esta maravilha forjada pelo Sumo Artífice de tudo quanto existe — e um conjunto de elementos diversos: água e terra, vegetais e minerais, gigantescas florestas e rasteiras campinas, feras enormes em furnas sombrias e pequenos pássaros em espaço vastíssimo e, se os seres humanos elevarem os seus olhares para o Céu, desvendarão sóis, astros e estrelas, cuja luz perene ultrapassa o que a Ciência desvenda em seus laboratórios e continuará a ser um dos problemas mais absorventes e insolúveis dos grandes investigadores da Natureza, que não puderam ainda revelar a sua composição aparentemente misteriosa. No entanto, entre tudo quanto existe há um elo que une os três reinos da Natureza formando a unidade mundial que, na linguagem humana, se chama Fraternidade! Por quê? Sim! Que é a vida, que movimenta os corpos, dos seres pensantes e dos chamados irracionais, e será que só os primeiros é que têm o que chamamos de alma? Não será a vida o primeiro elo a ligar todos os seres que existem nas profundezas dos oceanos, nas florestas imensas, na superfície do solo e na transferência da atmosfera?

Há na Terra regiões que divergem em tudo: prósperas e paupérrimas, ubérrimas e arenosas, florestas gigantescas e matos rasteiros, há raças diferentes também em tudo: alvas e escuras, de cabelos lisos ou crespos, altas ou baixas, inteligentes ou atrasadas, religiões em todos os graus de adiantamento espiritual, todas fadadas ao mesmo e único destino: progredir sempre, por mais incrível que isto pareça aos descrentes de todas as épocas da história humana, uma vez que tem o mesmo Criador, que não cessa de criar e de aperfeiçoar, transformando, com o decorrer dos séculos, seres da mais baixa escala humana em espíritos de luz, já com plena liberdade de cindir o Espaço infinito.

Tens, pois, em perspectiva, o futuro de todos os seres humanos. Vós, idealistas e precursores do Belo, do Nobre e do Justo, deveis ir cumprindo valorosamente os vossos deveres morais, lapidando as vossas almas por meio de lágrimas e dores, iluminando-as com os fulgores do amor e da humildade, desbastando as arestas do erro e do mal, transformando-as em obras meritórias, esculturas vivas e radiosas com a consistência dos sóis e das estrelas!

Que há de mais sublime que a Fraternidade, pela qual se fundem as raças e se enobrecem todos os sentimentos humanos? Findas as vossas missões planetárias, tereis as das entidades siderais, fundidas no mesmo amplexo fraterno, quando se reencontrarão almas que foram ligadas em várias existências.

Tereis, todos vós, de colaborar, hoje e eternamente, em prol da Fraternidade Universal, pois a pátria de todas as almas é apenas uma: o Infinito.

Todas as descobertas, que constituem maravilhas na Terra, são usuais e conhecidas nos mundos astrais, com o acréscimo de outras inacreditáveis e ainda desconhecidas no planeta que habitamos.

Combatei, hoje e sempre, em prol do Bem e da Verdade. Quanto mais esforços despenderdes pelo progresso dos vossos espíritos, quanto melhor souberdes lutar, mais progredireis e vencereis o que for prejudicial aos mesmos para que, nos orbes siderais, sejais heróis combatentes da Fé, irmanados perpetuamente pela luz estelar da Fraternidade Universal.

Assim que o prof. Delavigne acabou de falar, ressoaram palmas no recinto e logo após o jovem violinista, empunhando o seu instrumento mágico, vibrou nele sentida música, que dir-se-ia uma prece espiritual emocionante, e finda a qual foi abraçado por todos os presentes.

— Luisinho — disse-lhe o dr. Januário — ninguém mais do que eu aplaudo a tua arte, porém faço questão de que, no princípio do próximo ano, partas para Paris, onde farás o curso de Medicina. Tens vontade de estudar a divina arte de curar?

— Sim! Lembro-me de quanto padeci nos primeiros anos de vida e, se não fosse o auxílio do Alto e o de vossa esposa, já estaria há muito sepultado. Quero ficar, pois, em condições de, por meu turno, amparar os que sofrem, aliviar as dores dos corações paternos quando veem um filho enfermo, sem poder dar-lhe remédio ou alimento, enfim, as curas que forem permitidas por Deus.

— Muito bem, mas deves antes pedir o consentimento de teus pais.

— Obrigado! Deus vos recompensará, dr. Januário. Escutai, porém, por alguns momentos.

— Podes falar, jovem amigo.

Ambos estavam cercados pelos ouvintes da preleção do prof. Delavigne e com a sua voz meiga e suave assim ele se expressou:

— Dr. Januário, há muitos dias que venho tendo uma ideia fixa sobre o

pequenino Jorge, o primogênito de minha irmã Henriqueta e de Leonel Delavigne, achando-o com alguns traços fisionômicos do falecido conde. Já percebi que ele tem grande atração pela vossa esposa e, quando há qualquer referência agradável sobre o pai dela, ele fica emocionado até às lágrimas. Quer que eu faça uma experiência?

— Sim. Procuremos ter uma prova provada.

Assim falando, o dr. Januário e o prof. Delavigne se aproximaram do netinho deste e, afagando-lhe os cabelos lindos e louros, falou-lhe com meiguice o médico:

— Meu queridinho, conheces alguém com o nome de Rogério Benoit?

— Ele morreu, há muito tempo. Homem muito mau. Gostava muito daqui — falou a criança de apenas 3 anos. Por que me pergunta?

— Porque... queremos levar-te à sepultura de Rogério Benoit, conde de Debret!

— Não. Não quero ver... me faz sofrer.

E isto falando, o pequeno Jorge agarrou-se, cheio de medo, à sua progenitora, escondendo o rostinho, depois do que, levados pela observação do violinista, repararam na semelhança aparentada.

— O Destino tem soluções para todos os problemas da vida humana, sem deixar qualquer dúvida a respeito. Quem poderia supor que um abastado titular, que dominou com mão férrea os moradores deste castelo, do qual expulsou uma família digna, mas pobre, viesse mais tarde fazer parte desta mesma família, para resgatar dívidas do passado? Que este exemplo insufle em vossas almas a verdadeira doutrina reencarnacionista, que manda ser humilde e tratar fraternalmente todos os habitantes da Terra, já que ora nascemos pobres ou ricos, ora brancos ou pretos.

Assim se exprimiu o prof. Delavigne que, sempre acariciando o seu neto, concluiu os seus pensamentos:

— Não é punindo com dureza que alguém consegue elevar o nível moral e espiritual de qualquer ser humano, mas guiando-o através das lutas da vida, norteando-o para bem cuidar do que tem de mais precioso na Terra: a família, para a qual se congregam os mais elevados sentimentos humanos!

— Muito bem, professor! — exclamou o dr. Januário, mas não aprovas também o sentimento de pátria, isto é, que devamos amar todas as nações, inspirando-nos no belo exemplo do bondoso Saul que, tendo nascido na Ásia, foi para a África e acabou morrendo aqui na França?

— Sim, estou de pleno acordo convosco, doutor, confirmou o orador — e,

como deveis estar lembrado, ainda hoje manifestei os meus sentimentos a respeito da fraternidade humana. Vede, porém, qual o meu objetivo: nós, que amamos um humilde recanto da Terra, onde nascemos, e tivemos por companheiros de existência crianças que pronunciavam as mesmas preces e as mesmas palavras queridas, não podemos amar com a mesma intensidade outro qualquer país, que pode ser a nossa pátria de amanhã, porque não nascemos ali. Há sempre uma diferença entre a terra natal e outra qualquer, mas desde que tenhamos compreendido a sublimidade das leis divinas não devemos odiar os povos de outras nações e sim orarmos por todos os entes humanos e, se houver necessidade, acolheremos com piedade cristã todos os que sofrem seja qual for a raça, a cor da pele, a língua que falar, porque, se nós somos reencarnacionistas, somos todos irmãos, pois tal sucederá no futuro milenário de nossas almas. Sempre nós amamos mais a terra em que estamos reencarnado, em uma etapa terrena, esquecendo das outras, do passado de cada ser humano. Não devemos, pois, odiar nenhum povo ou nenhuma nação deste planeta.

— Não podemos deixar de concordar convosco, prezado dr. Januário — falou o prof. Delavigne — pois todo o nosso esforço deve constituir-se em por em execução a lei divina que manda “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e, se amarmos o nosso semelhante como a nós mesmos, não podemos odiar outro ser nascido além das fronteiras de nossa pátria. Infelizmente, porém, continuam as lutas fratricidas a devastar terras, ceifando a vida de velhos, jovens e crianças, quando seria mais razoável que todas as questões fossem resolvidas pela diplomacia ou por meio de arbitragem, e nunca por guerras.

Precisamos combater, desde já, em nossos lares, as ideias de ódio e os erros do passado. Prevejo que, futuramente, com as novas luzes projetadas pelo Espiritismo sobre todas as ciências, os crimes já serão punidos com certa clemência, pois quantas tragédias do passado não se escondem neles. Também os criminosos serão tratados com compaixão, pois já sabemos que um delinquente vem à Terra, em muitos casos, para cumprir a pena de Talião que diz “quem com ferro fere com ferro será ferido”, havendo nas prisões muitas escolas para ensinar o Evangelho segundo o Espiritismo. O planeta em que nos achamos é um dos mais difíceis de unificação de ideais, porque se compõe de seres banidos de centenas de outros orbes de diferentes categorias. Dir-se-ia que somos uns eternos visionários, no entanto, com energia cristã, com ensinamentos morais e instrutivos, com verdadeira

piedade em nossos corações, poderemos alcançar um dia o nosso objetivo, que é o de transformar a Terra, planeta de expiação, em um vasto campo de experiências novas e duradouras.

Elevemos, com intensidade, os nossos pensamentos que têm por escopo o progresso humano. Bendigamos os seres que tomarem parte na SEARA BENDITA, que promoverá a evolução humana neste planeta, que ainda verá novos céus e novas terras — concluiu o professor Dela- vigne, terminando a reunião.

Tornara-se personagem indispensável no Solar o jovem Luisinho, que para ali ia no ensejo das férias escolares. Então dizia ele:

— Só me sinto verdadeiramente feliz onde se acham os meus pais e os meus amigos, com uma intensa saudade do pequeno Jorginho.

— Já observamos — disse-lhe seu progenitor — que a tua alma é muito ligada à dele.

— Também já observei este fenômeno, meu pai, e prometo que, enquanto viver, jamais abandonarei o meu adorado sobrinho. Vede como ele, como que percebendo que falamos a seu respeito, veio ao nosso encontro.

Luisinho apertou, carinhosamente, a linda criança em seus braços, e exclamou com sinceridade:

— Quando terminar os meus estudos de Medicina e puder enfrentar a vida terrena com os frutos de meu trabalho, quero educar este entezinho adorado, dar-lhe a instrução que estou recebendo, desejando que siga a mesma carreira que eu. Prevejo que ele foi o arrogante senhor deste solar, que depois se tornou tolerante e piedoso e a quem muito devemos, meu pai, desde que consentiu que morássemos aqui, resgatando, assim, dívidas do passado e salvando muitas vidas preciosas e úteis.

— Louvo muito os teus projetos — falou Leonel, aproximando-se do cunhado. Deus tem favorecido os nossos planos e não podemos deixar de praticar atos dignos de serem aplaudidos pelo próprio Pai celestial.

— Jamais descremos da bondade infinita do Onipotente, que não se esquece de todos os seus filhos, ricos ou pobres.

O pequenino ser, como se percebesse as palavras dos seus dois entes queridos que o envolviam em carícias, abraçou-os e osculou-os e, após, vendo Diana chegar, foi atirar-se carinhosamente em seus braços, quando então Luisinho disse para o sobrinho:

— Julgo bem que és o espirito reencarnado daquele que, por muitos anos, dominou este solar bendito e foi levado à Fé e à Piedade por meio de uma

prece angelical. Quero que sigas o exemplo que, desde então, ficou eterizado em nossas almas. Não hás de ajoelhar perante o Criador somente na hora da morte. Não. Quero que, de hoje para o futuro, faças uma prece com o corpo em atitude humilde e a alma voltada para o Céu. Vês? Está entardecendo. Vamos orar agora com os amigos presentes!

Todos acompanharam Luís Sigaud que, empunhando o violino, nele vibrou uma prece musical de sua inteira inspiração e eles se prosternaram tendo à frente o pequenino Jorge, de mãos postas e olhos volvidos para o Alto, emocionado até as lágrimas, ouvindo-o murmurar com a sua carinhosa voz infantil:

— Papai do Céu. Abençoai a todos nós e deixai que nunca nos separemos!

— Assim seja — responderam os presentes que, orientados pela melodia vibrada no mágico instrumento, irradiaram pensamentos sublimes às paragens siderais em benefício de todos os seres humanos, sentindo as suas almas iluminadas pela Fé e pela Esperança, que as arrebatavam ao Infinito.

F I M

Eu de Janeiro, 27-XII-1951.

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Fone: 209-5077
Av. Antônio Bardella, 280
Guarulhos - São Paulo - Brasil
Com filmes fornecidos pelo Editor

---

[1] Nota digital: Não seria: beneficiar-no? Acho que houve um erro tipográfico. Ou o correto: “O beneficiar”.

[2] Nota digital: Amiens é uma cidade no norte da França, localizada a 120 km ao norte de Paris. É a capital do Departamento de Somme e da Região da Picardia. Possuía 135.501 habitantes no censo de 1999 e densidade demográfica de 2,740 habitantes/km².(Retirado do google)

Table of Contents

- [1]
- [2]

Table of Contents

[1]
[2]